

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Edson Alves dos Santos

**O sincretismo de sistemas nas primeiras páginas da
*Folha de São Paulo e Agora São Paulo***

Mestrado em Comunicação e Semiótica

SÃO PAULO

2007

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Edson Alves dos Santos

**O sincretismo de sistemas nas primeiras páginas da
*Folha de São Paulo e Agora São Paulo***

Mestrado em Comunicação e Semiótica

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de **MESTRE EM COMUNICAÇÃO E SEMIÓTICA**, na área de concentração Signo e Significação nas Mídias, sob a orientação da Professora Doutora Ana Claudia Mei Alves de Oliveira.

SÃO PAULO

2007

Comissão Examinadora

Profª Drª Ana Claudia Mei Alves de Oliveira

Orientadora e Presidente da Banca Examinadora

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

São Paulo, ____ de _____ de 2007.

Aos meus pais
que muito me ensinaram

Agradecimentos

Inúmeras pessoas cruzaram meu caminho e foram “luzes para os meus pés” nesta longa caminhada. Dentre elas, algumas jamais poderei esquecer. Meus agradecimentos:

a Deus por me dar forças e coragem de seguir Seu caminho;

à Ana Claudia pela imensa paciência e pelos inúmeros ensinamentos;

à Maria José (*oh captain, my captain*) por acreditar em mim;

à Elisabete e Eric por entenderem minha ausência;

aos amigos e professores do COS por me ajudarem muito;

aos amigos da *Knorr Bremse Brasil*: Affonso Bueno, Renato Montadom, Hélio Ciocler, Maricano Bastos (valeu a força, galera);

aos professores e amigos da Escola Estadual Pastor Waldemar e

àqueles que, de alguma forma, colaboram para que este sonho se tornasse realidade.

Muito Obrigado

“Todo o parecer é imperfeito: oculta o ser; é a partir dele que se constroem um querer-ser e um dever-ser, o que já é um desvio do sentido. Somente o parecer, enquanto o que pode ser – a possibilidade – é visível. Dito isso, o parecer constitui, apesar de tudo, nossa condição humana. É ele então manejável, perfectível? E, no final das contas, esta veladura de fumaça pode dissipar-se um pouco e entreabrir-se sobre a vida ou a morte – que importa?”.

Resumo

Autor: Edson Alves dos Santos

Título: O sincretismo de sistemas nas primeiras páginas da *Folha de São Paulo* e *Agora São Paulo*

Este trabalho busca compreender como se dá a construção do sentido do texto jornalístico por meio da relação entre os sistemas verbal e visual entendida como sincretismo da expressão. Investiga-se, nesse objeto de estudo, como os diferentes tipos de sincretismo têm um papel nas estratégias enunciativas e argumentativas assumidas por um enunciador, a ponto de levar seus enunciatários a determinados modos de ser e estar no mundo; como o uso de diferentes sistemas articulados é uma forma de promover um agir sobre o outro. Para testar tal hipótese, o trabalho foi dividido em três etapas. A primeira etapa se ocupa de uma contextualização introdutória da história do *Grupo Folha* – o destinador – e de sua inserção junto das demais mídias impressas, situando a problemática da pesquisa e o recorte do objeto de estudo – a primeira página dos jornais: *Folha de São Paulo* e *Agora São Paulo*. A segunda etapa se volta para o desenvolvimento das análises do *corpus* escolhido com o objetivo de descrever e compreender, por meio do percurso gerativo do plano do conteúdo, a composição textual como manifestação sincrética. A terceira, e última etapa, concerne à conclusão do sincretismo como concretizador dos mecanismos enunciativos que caracterizam distintamente cada jornal. A Semiótica de Algirdas Julien Greimas é o suporte teórico e metodológico dessa investigação sobre a correlação entre os procedimentos da enunciação e sincretismo da expressão. Na Semiótica, a investigação do sincretismo estruturante das mídias é tema ainda emergente. Os primeiros passos, nesse sentido, foram dados pelas análises de textos midiáticos de Jean-Marie Floch que têm continuidade nos estudos de Ana Claudia de Oliveira. Esta pesquisa se insere no bojo dessas investigações sobre os mecanismos de sincretização, explorando a intencionalidade por trás de seu uso pelas mídias e como perpassa o viver em sociedade, o que aumenta a sua importância para uma sociosemiótica. O sincretismo, conclui-se, é uma forma de adequação do jornal à segmentação de público, marcando tipos de interação e a articulação dos dois sistemas é um qualificador identitário do jornal e de seu posicionar-se em relação aos integrantes da mídia impressa. O sincretismo da expressão ainda é utilizado de modo que a seleção e o arranjo dos formantes da expressão promovam uma só enunciação que sustenta o tabuleiro das posições sintáticas entre os atores do discurso, assim como possibilita que recortes e interpretações de acontecimentos sejam tomados como simulacros do dizer verdadeiro, produtor de contrato de fé entre o jornal e o leitor.

Palavras-chave: semiótica discursiva, jornal, sincretismo, enunciação, interação, contrato.

Abstract

This work seeks to comprehend how is the construction of the meaning of the sense in the text of newspaper by the relation between the verbal and the visual systems understood as the expression's syncretism. Investigate, in this research object, how the different kinds of syncretism have a function in the enunciative and argumentative strategies taken over by an enunciator to drive yours enunciators to determined manner of being in the word; how your the use of different systems articulated is a way of promoting an acting over the other. To test this hypothesis, the work was divided in three stages. The first stage attends to a contextualization of the history of the Grupo Folha – the addresser – and his insertion among the others impress medias, settling the problem of the research and the object of its application – the first page of the newspaper: *Folha de São Paulo e Agora São Paulo*. The second stage turns to development of the analysis of the chosen *corpus* intent to describe and comprehend, by the generative path the plane of the contents, a textual composition as a syncretic manifestation. The third, and the last stage, concerns to the conclusion of the syncretism as a concretizer of the enunciative mechanism that characterize distinctively each journal. The Semiotic of Algirdas Julien Greimas is the theoretical and methodological support of this research about the correlation of syncretism of expression and the enunciation. In the Semiotic, the investigation of the structural syncretism in the media is an emergent theme/ and the first steps, in this direction, have been given by the analysis of mediatic texts of Jean-Marie Floch. This research inserts itself in the core of these investigations about the mechanisms of syncretization, of intention behind of its use by medias and by the living in society, what increase the importance of its investigation for a socio-semiotic. The syncretism, conclude, is a way of adjusting of the newspaper to a public segmentation and the articulation of the two systems is a identitary qualifier of the newspaper and the place itself in respect to others that integrate the media. The expression syncretism is still used so as to the selection and the settling of the fomants of the expression promote only one enunciation that sustains the board of the syntactic positions between the actors of the discourse, thus as possibilite that fraction and interpretation of the facts have been taken as simulacres of true saying, producer of fiduciary contract between the newspaper and the reader.

Key words: discursive semiotic, newspaper, syncretism, enunciation, interaction, contract.

Lista de figuras

Figura 01 – Reportagem e propaganda	18
Figura 02 – Folha de São Paulo – 28 de setembro de 2006	19
Figura 03 – Folha de São Paulo – 22 de novembro de 2006	20
Figura 04 – Folha de São Paulo – 03 de dezembro de 2006	21
Figura 05 – Folha de São Paulo – 04 de dezembro de 2006	22
Figura 06 – Folha de São Paulo – 07 de dezembro de 2006	23
Figura 07 – Folha de São Paulo – 23 de maio de 2007	24
Figura 08 – Agora São Paulo – 28 de setembro de 2006	27
Figura 09 – Agora São Paulo – 22 de novembro de 2006	28
Figura 10 – Agora São Paulo – 03 de dezembro de 2006	29
Figura 11 – Agora São Paulo – 04 de dezembro de 2006	30
Figura 12 – Agora São Paulo – 07 de dezembro de 2006	31
Figura 13 – Agora São Paulo – 23 de maio de 2007	32
Figura 14 – Folha de São Paulo – 28 de setembro de 2006	42
Figura 15 – Distribuição eidética	43
Figura 16 – Folha de São Paulo – 22 de novembro de 2006	44
Figura 17 – Distribuição eidética	45
Figura 18 – Folha de São Paulo – 03 de dezembro de 2006	47
Figura 19 – Distribuição eidética	48
Figura 20 – Folha de São Paulo – 04 de dezembro de 2006	50
Figura 21 – Distribuição eidética	51
Figura 22 – Folha de São Paulo – 07 de dezembro de 2006	52
Figura 23 – Agora São Paulo – 28 de setembro de 2006	54

Figura 24 – Distribuição eidética	56
Figura 25 – Agora São Paulo – 22 de novembro de 2006	57
Figura 26 – Distribuição eidética	58
Figura 27 – Agora São Paulo – 03 de dezembro de 2006	59
Figura 28 – Distribuição eidética	60
Figura 29 – Agora São Paulo – 04 de dezembro de 2006	61
Figura 30 – Distribuição eidética	62
Figura 31 – Quadrado dos regimes de interação	69
Figura 32 – Quadrado dos regimes de interação	72
Figura 33 – Quadrado semiótico	74
Figura 34 – Quadrado semiótico	75
Figura 35 – Reportagem da Folha de São Paulo	84
Figura 36 – Reportagem da Folha de São Paulo	85
Figura 37 – Reportagem da Folha de São Paulo	87
Figura 38 – Reportagem da Folha de São Paulo	89
Figura 39a – Reportagem da Folha de São Paulo – texto visual	90
Figura 39b – Reportagem da Folha de São Paulo – texto verbal	91
Figura 40 – Reportagem do Agora São Paulo	93
Figura 41 – Reportagem do Agora São Paulo	94
Figura 42 – Reportagem do Agora São Paulo	96
Figura 43 – Reportagem do Agora São Paulo	97
Figura 44 – Reportagem do Agora São Paulo	98
Figura 45 – Quadrado elíptico dos tipos de sincretismo	100
Figura 46 – Folha de São Paulo – 28 de setembro de 2006	103
Figura 47 – Folha de São Paulo – 22 de novembro de 2006	104
Figura 48 – Folha de São Paulo – 04 de dezembro de 2006	104
Figura 49 – Folha de São Paulo – 07 de dezembro de 2006	105
Figura 50 – Folha de São Paulo – 23 de maio de 2007	105
Figura 51 – Agora São Paulo – 28 de setembro de 2006	107
Figura 52 – Agora São Paulo – 22 de novembro de 2006	107
Figura 53 – Agora São Paulo – 03 de dezembro de 2006	108
Figura 54 – Agora São Paulo – 04 de dezembro de 2006	108
Figura 55 – Agora São Paulo – 07 de dezembro de 2006	109
Figura 56 – Agora São Paulo – 23 de maio de 2007	109

Sumário

Introdução	01
1 – Uma breve história no tempo	07
1.1 – Retratando a realidade	09
1.2 – Nos bastidores da notícia	11
2 – Um sujeito que enuncia	14
2.1 – A instauração do sujeito	16
2.1.1 – Um sujeito chamado <i>Folha</i>	16
2.1.2 – Um outro sujeito: o <i>Agora</i>	25
2.2 – A imagem do enunciatário	33
3 – Um <i>fazer-ver</i> para ser visto	37
3.1 – A <i>Folha de São Paulo</i>	41
3.2 – O <i>Agora São Paulo</i>	53
4 – Interações possíveis	67
4.1 – Regimes de sentido	67
4.2 – A dádiva da interação entre leitor e jornal	70
5 – O sincretismo de sistemas	76
5.1 – Tipos de sincretismo	79
5.2 – O sincretismo no jornal – da parte	82
5.2.1 – Na <i>Folha de São Paulo</i>	82
5.2.2 – No <i>Agora São Paulo</i>	92
5.3 – O sincretismo no jornal – do todo	100
5.3.1 – Na <i>Folha de São Paulo</i>	101
5.3.2 – No <i>Agora São Paulo</i>	106
Conclusão	112

Referências	117
-------------------	-----

Introdução

A força de um meio de comunicação de massa e de seu discurso pode ser calculada pelo total de corações e mentes que cativa – seus leitores. Há uma considerável quantidade de brasileiros que, diante de suas páginas coloridas, ou não, identificam-se com a ‘realidade’ que ali é apresentada. Tais leitores têm um grau de escolaridade acima da média da população e, em um país com grandes diferenças sociais e culturais, esse grupo caracteriza o que pode ser denominado de elite intelectual.

Esse meio de comunicação se coloca a serviço do grande público, reunindo, escrevendo e distribuindo as notícias. Mas, ao reuni-las, cumpre a tarefa de busca e captação; ao escrever, exerce a função de seleção e interpretação e ao distribuir, executa o papel de difusor que objetiva atingir um ilimitado número de leitores¹. Dessa forma, ele detém o ‘*poder*’ e o ‘*querer*’ influenciá-los em suas tomadas de decisões. Algumas dessas podem ser efêmeras como ir ao teatro ou assistir a um filme em cartaz, outras podem repercutir de maneira a interferir na construção da história de toda uma nação.

¹ BAHIA, J. *Jornalismo, informação, comunicação*. São Paulo: Martins, 1971, p. 37.

Este trabalho é sobre a primeira página do jornal. Nasceu da curiosidade de saber como se constrói e se reforça o discurso de um meio de comunicação alicerçado em dois sistemas de expressão em um país cujo sistema educacional tem grandes dificuldades para competencializar à leitura a sua população. Além disso, as diferentes axiologias, que os jornais assumem, segmentam os leitores e ao pô-las em circulação reforçam as contradições sociais. O objetivo é examinar o funcionamento dos mecanismos de construção de sentido que propiciam as conquistas dos corações e mentes de um contingente importante da sociedade brasileira.

O jornal moderno surge na primeira metade do século XVII como produto de países da Europa Ocidental. No seu advento, sua manifestação dava-se pelo sistema verbal já disposto por uma tipografia em dado espaço do papel, um suporte com um determinado formato. Essa disposição espacial é a visualidade primeira por meio da qual o verbal é dado a ver. Enquanto mídia, ele tinha, e ainda mantém, como principal característica um *fazer-saber* e é construído como um sujeito que doa competência a seus leitores. No decorrer de seu desenvolvimento, foi acrescido, ao sistema verbal, o visual com o propósito de, com a expressão verbo-visual, conferir um maior grau de veracidade às notícias. Com essa inserção em seu texto, a intencionalidade do enunciador passa a ser organizada pelas articulações entre os dois sistemas que atuam juntos em seu noticiar.

Formando uma só enunciação, esses dois sistemas da expressão articulados resultam em uma tipologia de sincretismo que promove um aumento da credibilidade do texto como uma estratégia enunciativa e argumentativa o que permite ao enunciador propagar seus valores e sua visão de mundo para seus enunciatários. Com a utilização de sistemas diferentes na construção do texto e o modo como

esses são articulados, o jornal segmenta seu público e sedimenta a sua posição perante os fatos que noticia. Quanto mais centrado estiver no visual para compor suas opiniões, seus conceitos e seu posicionamento, mais é dirigido a enunciatários com um universo interpretativo mais restrito; com pouca diversificação. Ancorada nessa hipótese, esta pesquisa tenta compreender como o sincretismo da expressão é utilizado de modo a transformar recortes do que o jornal noticia em simulacros de dizer verdadeiro, sendo aceitos como tais pelos leitores, impelindo-os a determinados agir no mundo.

Enquanto mídia, o jornal tem como principal característica um *'fazer-saber'*. Ele é um sujeito competentemente modal que doa competência a seus leitores. No entanto, com a inserção do sistema visual na linguagem jornalística há uma passagem do "crer" para o "ver e crer". Ele competencializa seus enunciatários de um *'fazer-crer'*, *'fazer-poder'* e *'fazer-ser'* para um *'fazer-fazer'*.

O texto da primeira página é composto por discursos de várias semióticas-objeto que, segundo o *Dicionário de Semiótica* (Greimas & Courtès: 1989), é o conjunto de significantes, desde o instante que se pensa em submetê-lo à análise², isto é, em uma página de jornal, os significantes que podemos encontrar são: no sistema verbal, as notícias (matérias, manchetes, chamadas, legendas, *lides*, nome do jornal e de seus cadernos etc.) e no sistema visual, as fotografias, as *charges*, os gráficos, os desenhos, em dada tipografia etc. Há, dessa forma, os dois sistemas, como mostra os estudos de Ana Claudia de Oliveira, diagramados na página segundo um projeto gráfico que formata o jornal em visualidade que quer ser vista

² GREIMAS, A. J. & COURTÈS, J. *Dicionário de semiótica*, verbete: semiótica-objeto. Tradução de Alceu Dias Lima *et alii*. 9ª ed. São Paulo: Cultrix, 1989, p. 409.

pela e com suas marcas identitárias; uma formação de simulacros a partir do arranjo figurativo e temático.

A análise dos modos de relacionamento entre verbal e visual possibilita, especificamente nos veículos de comunicação de massa, um enfoque da construção figurativa que tais meios fornecem e, também, dos elementos que servem para a compreensão de como esse discurso interfere no imaginário social. Com isso, esta pesquisa objetiva fornecer alguns elementos para as pesquisas das construções de sentido em textos sincréticos, permitindo que se observe como simulacros recorrentes no macrotexto dimensionado pelas interações sociais são articulados de forma a compor o discurso dos meios de comunicação de massa. A análise de nosso objeto de estudo irá situá-lo em seu contexto sócio-histórico a fim de apontar seus valores histórico, cultural e social. Segundo José Luiz Fiorin, esses correspondem “a uma formação discursiva, que é o conjunto de temas e figuras que materializa uma dada visão de mundo”³, que tentaremos mostrar.

A base teórica e metodológica desta análise é a Semiótica que se desenvolve na Europa, tendo como fundador o semanticista lituano Algirdas Julien Greimas. A origem de sua teoria estava voltada para a construção de uma semântica que fosse além da palavra e da frase e cujas bases centram-se na lingüística, na lexicografia, nos estudos culturais dos contos maravilhosos de Vladimir Propp, na antropologia de Claude Lévi-Strauss, Marcel Mauss, Émilie Durkheim, Georges Dumézil e na fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty. Assim como a semiologia de Roland Barthes, a semiótica de Greimas tem, na leitura que Louis Trølle Hjelmslev fez de Ferdinand de Saussure nas fontes das teorias que estudam o significado, o mesmo nascedouro.

³ FIORIN, J. L. *Linguagem e ideologia*, 4ª ed. São Paulo: Ática, 1995, p. 32.

Apoiados na Semiótica, vamos observar as relações existentes entre os sujeitos da comunicação: jornal e leitor e o que permite que haja entre eles a firmiação de contratos de fidúcia, de veridicção. Tentar-se-á, assim chegar à compreensão de como interagem estes sujeitos, simulacros de destinador e destinatário do discurso; como é esta complexidade dos sujeitos devido a sua delegação de papéis, estando dentro e fora do discurso e como esta interação envolve seu estar em situação. Dessarte, a interação entre os sujeitos da comunicação, além de ser dada pelo posicionamento de papéis assumidos, é veiculada pelo conjunto de textos significantes que compõem a primeira página, tornando o discurso mais sensível e aberto às relações, ou *à la* Jean-Marie Floch, inspirado em Maurice Merleau-Ponty, “entre o olho e o espírito”.

Especificação do *corpus*

Devido a sua força comunicativa, analisar os jornais é uma forma de compreender como as relações sociais, políticas e culturais estão ambientadas na sociedade. O estudo desse meio de comunicação abre portas para a compreensão e o conhecimento de como um veículo de comunicação pode se posicionar perante o que noticia e perante o seu leitor e quem é esse sujeito que, dotado de um investimento de valor que a própria sociedade passou a lhe atribuir, enuncia. Por pressuposição, também permite saber quem é o leitor a quem o jornal noticia e como noticia.

Os jornais *Folha de São Paulo* e *Agora São Paulo* são produzidos pela empresa: o *Grupo Folha*, que teve sua aurora, em fevereiro de 1921, com a fundação do jornal *Folha da Noite* e se tornaria o grupo que publicaria um dos

jornais mais vendido no país: a *Folha de São Paulo*. O jornal *Agora São Paulo* foi criado, em 1999, por esse mesmo grupo em substituição a outro produto popular do grupo, a *Folha da Tarde*. Com a sua criação outro periódico, *Notícias Populares*, que essa mesma empresa editava, perdeu totalmente o prestígio.

Produzidos pelo mesmo destinador, ambos apresentam composições discursivas muito diferentes, denotando posicionamentos diferentes e voltados para públicos, também, diferentes. Para a análise dessa diferença tomada enquanto sentido, foi selecionado um *corpus* formado por primeiras páginas desses jornais de grande circulação no Estado de São Paulo que têm veiculação nacional. As edições selecionadas foram veiculadas no período entre 02 de agosto de 2005 e 04 de junho de 2007. As edições escolhidas abordam diferentes temas em suas primeiras páginas, o quê impõe investigar como esses estão articulados pela editoria do jornal.

1. Uma breve história no tempo

“Mas a tolice e a mentira que florescem sob a proteção da liberdade de imprensa não são, seguramente, algo de accidental na marcha histórica do espírito; são os estigmas da escravidão na qual se encena sua libertação, os estigmas da falsa emancipação”.

Theodor W. Adorno

As civilizações usam, há séculos, a mídia impressa para informar e propagar os fatos, assim como, para disseminar seus valores. Surgido em Roma, por volta de 59 a.C., a *Acta Diurna Populi Romani* é considerado o mais antigo “jornal” conhecido. Júlio César, com o propósito de manter o público informado sobre os mais importantes acontecimentos políticos e sociais, ordenou que os eventos programados fossem divulgados nas principais cidades. Para que fosse possível essa disseminação, tais eventos eram escritos em grandes placas brancas e expostos em lugares públicos populares. Com essas placas, era possível manter os cidadãos informados sobre escândalos no governo, campanhas militares, julgamentos e execuções.

A era do jornal moderno foi inaugurada pela invenção de Johannes Gutenberg em 1447, o que permitiu o intercâmbio de idéias e a propagação do conhecimento. Durante essa era, os boletins informativos levavam, a um grupo cada vez maior de comerciantes, notícias sobre o mercado. Somente na primeira metade do século XVII, que os jornais começaram a surgir como publicações periódicas e freqüentes. Os primeiros jornais modernos foram produto de países da Europa ocidental, a Alemanha (*Avisa Relation oder Zeitung* em 1609), a Bélgica (*Nieuwe Tijdingen* em 1616), a França (*Gazette* em 1631) e a Inglaterra (*London Gazette*,

fundado em 1665, ainda hoje publicado na forma de diário oficial do Judiciário). Esses jornais traziam principalmente notícias da Europa e, ocasionalmente, incluíam informações vindas da América ou Ásia. Raramente, cobriam matérias nacionais; os jornais ingleses preferiam relatar derrotas militares sofridas pela França, enquanto os jornais franceses cobriam os mais recentes escândalos da família real inglesa. Na segunda metade do século XVII, os assuntos mais locais começaram a ser o foco das coberturas. No entanto, a censura era algo normal e os jornais nem sempre podiam abordar eventos que pudessem incitar o povo a uma atitude de oposição.

Com a invenção do telégrafo, em 1844, a imprensa escrita se transformou. As informações eram transmitidas em questão de minutos, permitindo relatos mais atuais e relevantes. Os jornais emergiam em sociedades do mundo inteiro. Em meados do século XIX, os jornais se tornaram o principal veículo de divulgação e recebimento de informações e um produto de consumo corrente. O surgimento do rádio no cenário midiático, nos anos 20, fez com que os jornais re-avaliassem seu papel como principal fonte de informação da sociedade. Com a evolução dessa fonte barata e alternativa de informações, gerou-se a idéia de que o rádio destruiria a indústria de jornais.

Reagindo à nova concorrência, os jornais, “para atrair e manter uma clientela cada vez mais exigente porque mais solicitada em razão da concorrência, (...) procuraram satisfazer a todas as necessidades de informações e a todas as curiosidades, diversificando ao máximo seu conteúdo”⁴ e formatos a fim de torná-los mais atraentes, aumentando também o volume dos textos para oferecer uma cobertura mais ampla e de maior profundidade. “O jornal já não era uma leitura, mas uma seleção de leituras, e pode esperar atingir pela variedade de seus artigos o

maior número de pessoas e interessar, em particular, a todos os membros da família, inclusive às mulheres”.⁵

Assim que conseguiram se adaptar à novidade do rádio, os jornais viram-se obrigados a fazer outra auto-avaliação à luz de um novo e poderosíssimo veículo de comunicação: a televisão. No entanto, a onipresença da televisão não tornou o jornal obsoleto. Alguns responderam aos avanços tecnológicos através do uso da fotografia, do cromatismo e mediante artigos ‘curtos, rápidos e objetivos’, como as matérias que eram oferecidas pela televisão.

Mesmo com o advento da *Internet* que permitiu o acesso às mais diversas informações, seu volume, sua atualização que se tornou algo fácil e rápido para inúmeras pessoas, o fim da relevância dos jornais não foi decretado. Os jornais continuam sendo um veículo popular e poderoso no relato e na análise dos eventos que afetam nossos estar e agir no mundo.

1.1. Retratando a realidade

Embora fora descoberta na primeira metade do século XIX, a fotografia teve sua reprodução impressa muito tardia. No Brasil, o ponto de maior inflexão da fotografia jornalística se produziu nos anos 60. O público se familiarizou com seu uso nas revistas *O Cruzeiro*, *Manchete*, *Fatos e Fotos*, *Realidade*, *Bondinho* e nos jornais *A Última Hora*, *Zero Hora*, *Jornal do Brasil*, *Jornal da Tarde*, *O Estado de São Paulo* e *Folha de São Paulo*, popularizando a moderna fotografia brasileira. A fotografia jornalística tem o objetivo de criar um impacto de imagens dentro de uma

⁴ALBERT, Pierre & TERROU, Fernand. *História da imprensa*. Tradução de Edison Darci Heldt, São Paulo: Martins Fontes, 1990, p. 80.

⁵ALBERT, P. & TERROU, F. *Opus citatum*, p. 80.

determinada situação. Mesmo que os fatos não sejam lembrados, algumas imagens fotografadas transmitem a sensação de uma realidade que foi experienciada, possibilitando registrar imagens vividas. Ela é uma informação visual de grande impacto e força, uma vez que, ao se unir com a informação verbal e representar as matérias em fotos forma-se uma só enunciação, mesmo que seja a transmissão de um fato fragmentado, sendo um componente essencial da informação e da opinião dos periódicos modernos, como pontua Roland Barthes (1990):

É evidente que, mesmo sob a ótica de uma análise puramente imanente, a estrutura da fotografia não é uma estrutura isolada; identifica-se, pelo menos, com uma outra estrutura, que é o texto (título, legenda ou artigo) que acompanha toda fotografia jornalística. A totalidade da informação está, pois, apoiada em duas estruturas diferentes (uma das quais lingüística); essas duas estruturas são concorrentes, mas, tendo unidades heterogêneas, não se podem confundir; no texto, a substância da mensagem é constituída por palavras; na fotografia, por linhas e matizes.⁶

Por ter sido tida como uma reprodução ou cópia fiel de algo, a fotografia passou a assumir um novo papel em sua relação com o texto verbal. Ela servia, primeiramente, como uma fonte que ilustraria o texto, tornando-o mais claro, mas agora “é a palavra que vem sublimar, patetizar ou racionalizar a imagem”.⁷ Isso decorre do fato dela ser polissêmica e conter uma cadeia de significantes e de significados, permitindo ao leitor escolher alguns e descartar outros. Dessa forma, observa-se não haver fotografia jornalística sem comentários, legenda ou reportagem.

⁶ BARTHES, R. *O óbvio e o obtuso – ensaios críticos III*. Tradução de Léa Novaes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990, p. 12.

1.2. Nos bastidores da notícia

A principal preocupação do jornalismo era a transmissão dos fatos e como ocorriam. Essa preocupação permitiu a criação de inúmeras teorias, dentre elas a teoria do espelho que prega que as notícias são como são porque a realidade assim o determina. Ponto de vista, esse, muito influenciado pela invenção da fotografia. O jornalista deveria atuar como um fotógrafo e simplesmente relatar a realidade da maneira como ela se apresenta, sem qualquer intervenção subjetiva, cuja principal intenção era buscar a separação entre as opiniões e os fatos.

Essa teoria surge em um momento de vitória do paradigma positivista, que pretendia expurgar a subjetividade da ciência, criando metodologias totalmente racionais. A preocupação positivista se refletiu no jornalismo na forma de contraposição ao jornalismo literário, em que o jornalista era o porta-voz de uma ideologia, assim como uma reação contra os excessos do chamado jornalismo sensacionalista. O bom jornalista deveria ser uma espécie de observador abnegado, que relata com total honestidade e equilíbrio tudo aquilo vê, cauteloso para não emitir suas próprias opiniões.

A comparação com a fotografia só corrobora a abertura para a subjetividade, pois, como demonstrou Roland Barthes (1990: 14) em seus estudos, ela pode ser veículo de subjetividade, uma vez que não é só denotação, mas é também, uma conotação. A fotografia jornalística é um objeto de trabalho no qual há uma escolha, uma composição, uma construção, um tratamento que segue normas profissionais, estéticas e/ou ideológicas. Essa mesma fotografia não será apenas percebida e

⁷ Idem. Ibidem, p. 20.

recebida, ela será lida por um ilimitado número de pessoas.⁸ Processos conotativos, como a escolha das fotos, a pose e os processos de fotomontagem demonstram que a fotografia não é um retrato fiel da realidade, e sim, a construção de uma realidade.

Conceber as notícias como construção é rejeitá-las como espelho por diversas razões. Em primeiro lugar, num mundo em que tudo gira ao redor dos meios de comunicação de massa, não é possível separar a realidade da realidade que é mostrada pela mídia. A teoria do *agenda setting*, por exemplo, diz que as pessoas só discutem aquilo que está na mídia. Em segundo lugar, defende a posição de que a própria linguagem não pode funcionar como transmissora direta de significado inerente aos acontecimentos, porque a linguagem neutra é impossível; não existe discurso inocente. Embora o fato seja fator fundamental do jornalismo, sem o qual o esse não existe, há uma certa subjetividade e tal subjetividade se encontra na escolha dos fatos; na escolha das notícias.

O processo de escolha de notícias é tratado pela teoria do *gatekeeper*. Ela tem sua base fundadora no campo da psicologia e adaptada à análise comunicacional por David Manning White e se ocupava da ação pessoal. Durante uma semana, White acompanhou o processo de escolha de notícias por parte de um jornalista. A cada escolha, o jornalista denominado *Mr. Gates*, anotava as razões pelas quais aceitava, ou não, uma notícia. White concluiu que o processo de seleção era arbitrário e subjetivo. Dessa forma, o jornalista atua como um *gatekeeper* (porteiro), abrindo e fechando os portões para as notícias. Poder-se-á dizer que o jornalista é um *gatekeeper* em tempo integral, pois, além das escolhas das pautas que mais interessam, cabe também a escolha dos detalhes que serão publicados.

⁸ BARTHES, R. *Opus citatum*, p. 14.

Essa teoria foi extremamente criticada por apresentar apenas uma explicação psicológica para a questão das escolhas das notícias, se esquecendo dos aspectos sociais. O enfoque sobre esses aspectos seria dado pela teoria organizacional. Criada por Warren Breed, essa teoria insere o jornalista no seu contexto mais imediato: a organização para a qual trabalha. Breed dá destaque para os constrangimentos organizacionais pelos quais passam os jornalistas e considera que esses obedecem muito mais às normas e a política editorial da empresa, do que seus impulsos pessoais na hora da escolha das notícias.

A construção, a escolha e a divulgação da notícia envolvem fatores que são determinantes para o modo como elas chegarão ao público. As escolhas das notícias estão sempre carregadas de uma carga intencional e subjetiva (dos repórteres ou da empresa para qual eles trabalham) e sua disposição no espaço da página traz uma poderosa carga de implícitos, permitindo ao enunciador marcar uma distância relativa em relação ao enunciado que produz; seu maior ou menor grau de engajamento com relação ao que é dito, determinando o grau de tensão que se estabelece entre ele e o leitor.

2. Um sujeito que enuncia

“Assim que enuncio, essas duas rubricas se juntam em mim, sou ao mesmo tempo mestre e escravo: não me contento com repetir o que foi dito, com alojar-me confortavelmente na servidão dos signos: digo, afirmo, assento o que repito”.

Ro

O jornal é subdividido em cadernos que trazem consigo o nome da figura social (nome do jornal), aglutinando e preservando o seu modo de presença no mundo, sendo, também, uma forma de organizar o seu discurso e de se posicionar como sujeito. A primeira página, por sua vez, é o modo como o jornal se apresenta aos leitores e como se relaciona com os outros cadernos que o compõe. A organização da primeira página *tem e mantém* uma relação com os demais cadernos, na qual seleciona recortes do que noticia e remete-os para suas partes constituintes para terem um tratamento mais detalhado. Tem-se um caso de metonímia que toma o todo pela parte, um todo partitivo; do macro ao micro.

O fato de todos os cadernos trazerem o nome do jornal junto ao seu nome é uma forma de reforçar a relação identitária entre o jornal e suas partes constitutivas. Mesmo sendo subdivisões, eles mantêm uma relação que é assegurada pelo nome do jornal, atuando como uma espécie de sobrenome para o caderno. Dessa forma, o caderno está inserido em um todo e, sendo parte integrante desse todo, ele não pode ser lido separadamente, pois todos seus enunciados estarão sujeitos às

coerções do jornal, uma vez que, todos os discursos presentes nos cadernos são enunciados pelo jornal. Com exceção dos *Editoriais* e do *Painel do Leitor* que são os lugares da ‘opinião’ dentro do jornal, como explica Juarez Bahia (1971), “no jornalismo, há dois conceitos que se contradizem: o primeiro, que o jornalismo deve ser impessoal e o segundo, que não pode prescindir da opinião e essa contradição foi resolvida separando o noticiário (impessoal) do editorial (opinativo)”.⁹ No entanto, apesar de ser o lugar da ‘opinião’, o editorial sofre uma enorme carga axiológica pelo fato do próprio nome do jornal em que é veiculado ser constituído de um saber que pode exercer grande influência sobre a leitura da notícia como afirma Roland Barthes (1990: 11).

O jornal se apresenta como um enunciador que, além de enunciar, tenta promover um regime de interação com seus leitores, quais tipos de interação que se estabelecem é o que objetivamos estudar em um *corpus* de diferentes jornais.

O uso do sistema verbal juntamente com o sistema visual é uma tentativa de aproximação entre o jornal e o leitor. Se o leitor passar a compartilhar as mesmas opiniões que o jornal, aquele será um comprador em potencial e disseminará os valores que o jornal apregoa como seus, pois haverá um auto-reconhecimento, uma auto-inclusão em uma certa identidade, como afirma Norma Discini (2003):

Um destinador, então, manipula um destinatário, seduzindo-o e tentando-o, para que este queira e deva entrar em conjunção com os saberes, com as informações sobre uma dada realidade, a fim de que possa se incluir nessa mesma dada realidade. Assim se ancora narrativamente a ilusão discursiva de auto-inclusão numa certa identidade, de pertencimento a um determinado corpo, de auto-reconhecimento, concomitante ao reconhecimento de um modo fazer, de um estilo. Esse destinatário, discursivizado como o leitor fiel, reconhecido pelo seu jornal, e reconhecedor deste *seu* jornal, bem como esse destinador, discursivizado

⁹ BAHIA, J. *Jornalismo, informação, comunicação*. São Paulo: Martins, 1971, p. 126-7.

como o *jornal eleito*, constroem, mútua e diariamente, uma competência necessária e específica.¹⁰

2.1. A instauração do sujeito

2.1.1. Um sujeito chamado *Folha*

A instauração do jornal como sujeito se dá a partir de seu nome, que lhe identifica e dá existência, diferenciando-o dos demais jornais. O nome do jornal vem, no caso da *Folha de São Paulo*, centralizado e no alto da folha da primeira página em cor preta, destacando e mesmo contrastando a nomeação com o fundo branco. Abaixo do nome, a data e o local, indicando quando e onde o jornal é veiculado. Segundo Ana Claudia de Oliveira (2006), essa instauração se dá pelo “nome que equivale a uma assinatura” e pela topologia:

Nessa topologia, ele fixa os olhos de quem olha ou lê o jornal para ser visto como aquele que assume o que é enunciado no seu formato. A presença de um ‘eu’ se mostra, assumindo a construção do mundo do jornal. O seu primeiro agir é uma forma de contatar o outro, um ato interlocutório inicial. Na imediaticidade do arranjo tipográfico distribuído no alto da página, um ‘eu’ se apresenta para quem está fora do noticiado e o posiciona como um ‘tu’, face a face ao contexto, em que toma a palavra. Nada além do que uma proposta de ajustamento às notícias é o que o nome do jornal põe em cena. Sintonizando com esse diálogo, o ‘tu’ sensibilizado pelo modo como o jornal faz-se apreender pelos traços inerentes à articulação de sua tipografia específica, em dada distribuição topológica, que delineiam no sincretismo verbal e visual o seu corpo sensível.¹¹

¹⁰ DISCINI, N. *O estilo nos textos – história em quadrinhos, mídia, literatura*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 118-9.

¹¹ OLIVEIRA, A. C. *A dupla expressão da identidade do jornal*. In GT COMPÓS – Produção de sentido nas mídias – caderno de textos – XV Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, UNESP: FAAC – Bauru – São Paulo, 06 a 09 de junho de 2006, p. 19.

Um padrão, com uma linha vermelha cortando a folha horizontalmente em toda sua extensão, é mantido, separando o nome do jornal das reportagens que veicula; o enunciador do enunciado. Instaurado como sujeito e senhor de seu discurso, o jornal, por meio desse recurso gráfico (diagramação), promove uma certa ilusão de distanciamento das reportagens que veicula, conferindo um maior grau de objetividade a elas, garantindo, assim, sua imparcialidade sobre aquilo que noticia.

Finge-se distanciamento da enunciação, que, dessa forma, é ‘neutralizada’ e nada mais faz que comunicar os ‘fatos’ e o modo de ver de outros. Além de produzir efeito de verdade objetiva, o jornal, com a aparência de afastamento, evita arcar com a responsabilidade do que é dito, já que transmite sempre a opinião do outro, o saber das fontes.¹²

Esse recurso de diagramação permite que se crie uma ilusão de “expulsão da instância de enunciação”¹³ (uma *debreagem*), reforçando o efeito de imparcialidade e de objetividade. No entanto, o que ocorre realmente é uma *desembreagem*, na qual é utilizado a delegação de um saber com um duplo efeito: o de competência cognitiva (dado pelo o nome do jornal que aparece no topo da página) e o de objetividade (dado pela linha que separa o nome das reportagens). Dessa forma, os efeitos de enunciação são criados pela escolha do tipo de *desembreagem*: *enuncia* ou *enunciativa*.

O fato de toda *embreagem* pressupor uma operação de *debreagem* que lhe é anterior é o que permite que se tenha a primeira impressão de estarmos diante de uma *debreagem*. Observa-se que tal *debreagem* é proveniente da relação que existe entre destinador e enunciador. O destinador, nesse caso, é o *Grupo Folha* que, ao

¹² BARROS, *Teoria semiótica do texto*. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1997, p. 56.

¹³ GREIMAS, A. J. & COURTÈS, J. *Opus citatum*, verbete: *embreagem*, p.140.

dar voz ao jornal *Folha de São Paulo*, possibilita um “retorno à enunciação”¹⁴; uma embreagem. Contudo, há outras projeções do enunciado na forma de desembreagem enunciativa, quando dentro das reportagens, o nome do jornal aparece ou por dá voz aos repórteres que são parte constitutiva do jornal. E também uma embreagem enunciativa quando os jornalistas os leitores expõem suas opiniões, respectivamente nos Editorias, nas Tendências e Debates e no Painel do Leitor.

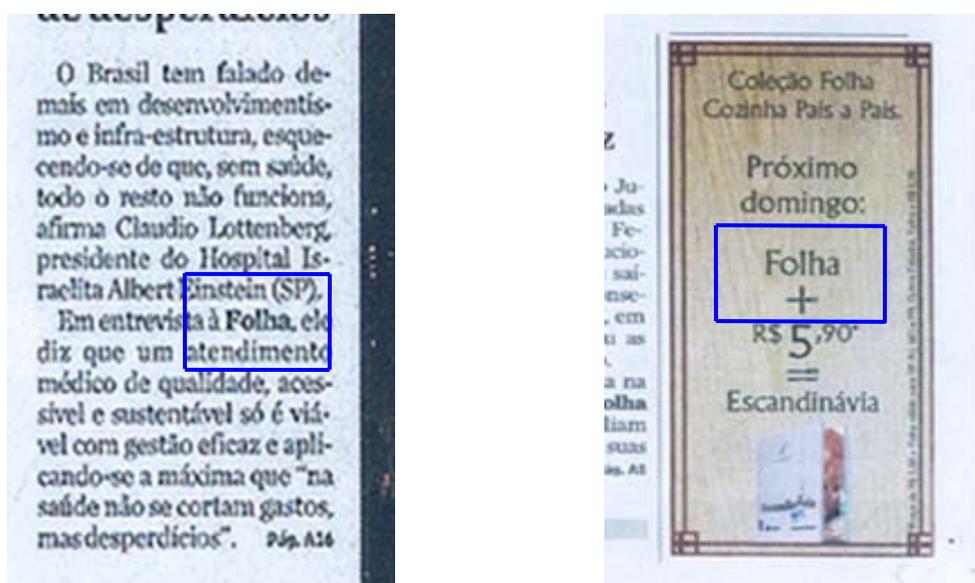


Figura 01 – O nome do jornal aparece no meio da reportagem e em uma chamada

Dessa forma, a *Folha de São Paulo* vai compondo sua imagem de enunciador mais culto que faz uso de um registro lingüístico mais polido, com uma enunciação mais moderada e séria, que busca compreender o mundo em que vive e se apresenta como isento e confiável porque transmite saberes mais abrangentes, permitindo também que o ponto de vista de seus funcionários e leitores sejam explicitados.

¹⁴ Idem. Ibidem, p. 142.

A construção do enunciador pressupõe a construção de seu correlato: o enunciatário que, para aderir ao discurso, deve se identificar com sujeito da enunciação, com um caráter, com um corpo, com um tom, demonstrando que o discurso se constrói também pelo modo de dizer e garantindo uma maior eficácia discursiva.

UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL • WWW.FOLHA.COM.BR

FOLHA DE S. PAULO

QUINTA-FEIRA, 10 DE ABRIL DE 2009

DATAFOLHA → **INTENÇÃO DE VOTO PARA PRESIDENTE**

53% Lula
35% Aécio
9% Outros

CAI A DIFERENÇA DE LULA PARA SEUS ADVERSÁRIOS

AVALIÇÃO DO GOVERNO LULA

34% Bom
66% Ruim

LEIA CADAFRINO
CONGRESSO
ELEIÇÕES 2006

Aplicando-se o princípio da simetria, o Congresso de 2006, assim como o de 2002, teve uma composição semelhante à do atual Congresso, pelo menos em termos de distribuição de partidos e de ideologia.

Vantagem diminui, mas Lula mantém vitória no 1º turno

Diferença do presidente para a soma dos adversários caiu de 8 para 5 pontos, diz Datafolha

A quatro dias das eleições, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva mantém liderança para se reeleger já no domingo, mas a chance de segundo turno aumentou, de acordo com a Datafolha.

Em relação à possível reeleição, Lula se mantém com 53% das intenções de voto para o segundo turno, contra 35% de Aécio Neves e 9% de outros candidatos.

No entanto, a diferença de pontos para a soma dos adversários caiu de 8 para 5 pontos. Lula tem 53% das intenções de voto, contra 35% de Aécio e 9% de outros.

Genivaldo Albuquerque (PT) é o segundo no segundo turno, com 10% das intenções de voto, contra 9% de outros.

Governo reduz os juros para investimento em produção

O governo anunciou de 1,2% para 0,75% o índice de juros (Taxa de Juros de Longo Prazo), sendo isso fundamental para o setor produtivo. O objetivo, segundo o ministro Claudio Haddad (Fazenda), é estimular o investimento na economia, que mostra sinais de expansão segundo os dados.

Outro medida anunciada é a redução de juros, ou seja, o aumento no Brasil poderia gerar recursos para comprar ações estrangeiras e fazer outras investimentos no mercado externo. Pág. 40

Assessor de Mercadante entregou dinheiro, diz PF

Após receber denúncias de fraude, a Polícia Federal disse que Hamilton Lacerda, ex-assessor de Mercadante, entregou o dinheiro de R\$ 1,2 milhão em espécie para o ex-governador. Segundo a PF, os dados confirmam as denúncias por parte do banqueiro.

Alekmin nega ter deixado rombo nas contas de SP

O governador do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral, nega ter deixado rombo de R\$ 1 bilhão nas contas de São Paulo, como disse o governador Cláudio Lemus (PT). Segundo ele, "se alguma coisa houve foi de falta de comunicação", e o Estado terá R\$ 200 milhões de déficit público em 2009.

Justiça autoriza quebra de sigilos de seis petistas

A Justiça autorizou a quebra de sigilos telefônicos e bancários de Paulo Sérgio, Guilherme Pinheiro, Valdirino Padilha, Angelo Lorenzetti, Expedito Vilares e Cleonildo Buarque. Proveniente ainda o quebra de sigilo de agentes de inteligência, de Lula e de Brizola.

10,5% dos brasileiros não têm acesso a telefone celular

De acordo com o relatório da Anatel, 10,5% da população brasileira não tem acesso ao telefone celular. Segundo a agência reguladora de telecomunicações, o acesso à internet ainda não é universal por algumas operadoras. A maioria dos não usuários vive em áreas rurais e de baixa renda.

PLANO DE VÔO

O plano de voo de Airbus A380-800, o maior avião do mundo, foi lançado oficialmente em São Paulo. O avião será produzido em São Paulo e será o primeiro a ser produzido no Brasil.

Equilíbrio

Orçãos com excesso de atividades físicas são melhores.

Barulho

Comunidade tenta ser movida pelo de atração do Pantanal.

Ilustrada

Estudo afirma que Mona Lisa estava grávida

BRASILIANO

Estudo afirma que 10,5% dos brasileiros não têm acesso a telefone celular.

RODÍZIO EM SP 7.8 | **ATMOSFERA** | **EDITORIAIS**

BAHIA | **WAL-MART**

Figura 02 – Uma linha separa o enunciador do enunciado.

UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL • WWW.FOLHA.COM.BR

FOLHA DE S.PAULO

QUARTA-FEIRA, 27 DE NOVEMBRO DE 2008

mondo
Moore Robert Altman, 81, o cineasta independente

Infomática
Sony e Nintendo lançam videogames para enfrentar Microsoft

esporte
Carlos Alberto, que falsificou idade, é suspenso por 360 dias

Nadador Ian Thorpe anuncia aposentadoria aos 24 anos

Investimento do Brasil no exterior bate recorde

Saída de recursos supera entrada pela 1ª vez; para analistas, país atrai pouco

De janeiro a outubro, as empresas brasileiras investiram US\$ 22,8 bilhões (4 bilhões em dólares) no exterior, mais que o dobro do mesmo período de 2007. No mesmo período, entraram US\$ 22,6 bilhões em investimentos.

Para especialistas, porém, ainda a pouco atratividade do país para os estrangeiros, que investem cada vez mais em outros países. O resultado mostra que o Brasil continua a atrair pouco investimento estrangeiro em comparação com outros países. Pág. 12

Jovem controlador cometeu um dos erros

Transmitido com o acidente e ignorado nos procedimentos, o erro se refletiu nos ataques e trouxe o momento de inflexão. O comandante da Aviação Militar admitiu o erro pela primeira vez em uma reunião de imprensa. Pág. 11

Líder do PT quer aumento de 30% no salário dos deputados

O líder do PT no Senado, Henrique Filizola (RS), propõe um aumento de 30% no salário dos deputados a partir de 2011, justificando pelo custo de inflação desde o último reajuste em 2002. Pág. 10

Adversário da Síria, ministro do Líbano é assassinado

O ministro da Indústria do Líbano, Pierre Gemayel, foi morto a tiros em Beirut, agravando a crise política. O ministro criou oposição ao governo e era adversário da Síria, aliada do Hezbollah. Gemayel dirigiu um carro quando foi baleado por dois rebeldes. Manifestantes celebraram a morte em Beirut e no Hezbollah protestou diante do hospital onde ele morreu. Pág. 12



Milhares comemoram a morte do ministro da Indústria do Líbano, Pierre Gemayel, no assassinato em Beirut, capital do país.

Governo propõe limitar anúncio para crianças

A Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) anunciou uma proposta de limitar o tempo de exibição de anúncios para crianças. Pág. 10

Aids aumenta na população de mais de 50 anos

Amor e sexo sem proteção aumentam o risco de contágio. Pág. 10

Amanhã deve ser anunciado corte do Orçamento

Pág. 10

Lula inaugura estrada que favorece governador

O presidente Lula inaugurou uma estrada de 14 km de extensão no Estado de Mato Grosso do Sul, favorecendo o governador. Pág. 10

Coleção Folha Cozinha País a País

Assinante, garanta a sua coleção.

Ligue (11) 3224-3090

www.folha.com.br/cozinha

Figura 03 – Folha de São Paulo – O jornal dá voz aos repórteres.



Figura 04 – Um padrão é mantido em todas as primeiras páginas

UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL • WWW.FOLHA.COM.BR

FOLHA DE S. PAULO

QUARTA-FEIRA, 23 DE MAIO DE 2007

Escândalo derruba ministro de Lula

Silas Rondeau, suspeito de ter recebido propina, entrega o cargo e diz que acusações são "injustas e cruéis"



Suspeito de ter recebido R\$ 200 mil de propina, Silas Rondeau (PSD) e o ministro pediram demissão. Apesar de admitir que a TV não tinha provas, o governador, Lula, admitiu por entender que o ministro poderia se beneficiar publicamente da construção.

Plataforma montada por Silas Rondeau, ministro de Recursos Humanos, revelou na Operação Lava Jato, revelar os detalhes, segundo a PF, os nomes de gestores de contratos. O relatório da investigação por funcionários da Comissão, segundo líder de esquerda do partido, Rondeau.

Na carta de demissão, Rondeau alega inocência. Ele conta, disse que passou "a investigar a criminalidade nas empresas e instituições".

De acordo com a PF, Silas Rondeau e o ministro da Defesa, Sérgio Cavalari, negociaram pelo fechamento de contratos, incluindo o da Lava Jato.

Os governadores do PT - Wellington Dias (PA), Jacques Wagner (MS) e Marcelo Delgado (SE) - são aliados por membros do esquema no governo do PT, mas não são envolvidos no caso. São

Polícia ameaça prender alunos que invadiram reitoria da USP

O comandante do bloco de choque da Polícia Militar, coronel Antonio Carlos Lima, afirmou que se acredita que invadiram a reitoria da Universidade de São Paulo (USP) para se preparar para manifestações de protesto, incluindo pela reforma da estrutura física.

A reitora Izely Mello afirmou que a polícia solicitou a presença de alunos que invadiram a reitoria e não foram recebidos e deverão responder criminalmente.

Controlador aéreo pode ter falhado em acidente, diz líder da categoria

O líder civil das controladoras do ar, Jorge Delella, afirmou na CPT de Agosto, entidade da CPT de Agosto, afirmou que o controlador de categoria poderia ter falhado no acidente com o Boeing da Gol e o Lufthansa, que deixou 194 mortos. Segundo ele, o culpa não é do controlador, por não estar no "mesmo momento" para o acidente com o Boeing e o Lufthansa em 12 dias antes do acidente. A CPT diz que há uma investigação em andamento.

Petista atua a favor da Gautama

Nos últimos dias de sua gestão, o ex-prefeito de São Paulo (PT) Marcelo Crivell, do PT, atua para liberar empréstimos de R\$ 42,7 milhões da Caixa Econômica Federal para a empresa Gautama, controlada pelo governador, informou José Alberto Bandeira e Roberto Valente. Para a empresa, há um "caso contencioso". Uma advertência foi enviada.

Advogados vêm defesa criminal

Um advogado atuando ao presidente do STJ, Ronaldo de Barros, informou que a defesa criminal de Crivell não quer a defesa criminal de Crivell.

Ele atuou "a favor" de Crivell e demonstrou que Crivell não tinha culpa do acidente de Crivell. "O momento de Crivell da legislação é tão grave quanto a irregularidade", disse.

Justiça ordena afastamento da ex-Febem

A Justiça de São Paulo determinou o afastamento do presidente da Fundação Casa (ex-Febem), Roberto Gusella, por não cumprir requisitos legais de ser nomeado com imparcialidade em um cargo de direção de interesse público.

No cargo desde junho de 2005, Gusella recebeu o cargo de direção de interesse público, por não ter sido nomeado de acordo com a legislação.

A diretoria da Fundação Casa não tem poder para nomear um novo presidente para a Fundação.

Chávez anuncia criação de polícia comunitária

O presidente venezuelano, Hugo Chávez, anunciou a criação de uma polícia comunitária formada por mil voluntários para combater o crime em um país de baixa renda na Venezuela, informou o ministro da Defesa, Néstor Cerdena.

Chávez citou Cuba como exemplo de política de segurança pública.

Informática: inteligência artificial torna mais esperta nova geração de internet

cotidiano

Roberto Carlos diz que não quer mais fofocas e que está tudo resolvido

BODÍZIO EM SP

5.6

ATMOSFERA

EDITORIAIS

BRASIL

MUNDO

OPINIÃO

12,90

Figura 07: Folha de São Paulo – 23 de maio de 2007

2.1.2. Um outro sujeito: o *Agora*

O jornal *Agora São Paulo*, por sua vez, tem seu nome em letras brancas advindo da cor do papel do jornal, um fundo que é contornado com preenchimento em vermelho. Nesse jogo entre branco e vermelho, alternam-se figura e fundo que variam ainda pela posição em que aparece essa quadratura nomeativa no alto da página. A data e o local de origem do jornal aparecem, acima do nome, na cor do papel com um contorno na cor preta (data) e na cor vermelha (local), o que sugere um *eu* – no *aqui* – e no *agora*. O nome desse periódico não apresenta uma alocação fixa e padronizada, podendo ser alocada no canto superior esquerdo, no canto superior direito ou entre as reportagens. Essa mobilidade na diagramação permite ao jornal que se apresente mais próximo dos acontecimentos do cotidiano, participando como qualquer outro sujeito que está inserido nesse grupo social. Dessa forma, o jornal promove um simulacro de si que o iguala ao leitor e sofre as mesmas coerções sociais. Tal mobilidade reforça uma definição identitária, como postula Ana Claudia Oliveira (2006):

Mantendo invariáveis a seleção e a estética de ordenação, o arranjo plástico-rítmico, no entanto, varia, mas de modo a não provocar mudanças na definição da identidade. Na sistematização do funcionamento desse tipo de manutenção identitária na continuidade, a estética ordenadora do nome tem o papel de cristalizar a identidade do jornal no fio diacrônico, o que nos faz observar ainda um outro mecanismo de construção identitária que, por sua vez, é processado na sincronia e produz a descontinuidade do jornal em relação a ele mesmo.¹⁵

Nesse periódico, a projeção do enunciado ocorre na forma de embreagem enunciativa, uma vez que, o nome do jornal está sempre se movendo entre as

¹⁵ OLIVEIRA, A. C. *Opus citatum*. P 23.

notícias. Para exporem suas opiniões, os jornalistas têm o *Editorial*. Já seus os leitores têm espaços dentro do jornal denominados de *Reclamações* e de *Desabafo*. Dessa forma, o *Agora São Paulo* vai construindo sua imagem de sujeito que está sempre junto às notícias, de tal modo que, é ele quem as posiciona no topo da página, hierarquizando para o leitor o que de importante ocorreu. Ele é um enunciador que exhibe sua virilidade dado o apelo erótico das mulheres seminuas em suas segundas páginas e das colunas sobre sexo. Sua enunciação é mais acelerada e rude com o uso do imperativo, uso de uma linguagem mais próxima da coloquial, sem muita ‘frescura’; “uma voz discursiva que grita”.¹⁶

¹⁶ DISCINI, N. *Opus citatum*, p. 129.

46.052 recebem atrasados do INSS a partir do dia 10

ENTRE ELAS ESTÃO 4.500 SEGURADAS DE SP QUE NÃO RECEBERAM AS DIFERENÇAS DA REVISÃO PELA GUTIN. É A PRIMEIRA VEZ QUE ISSO ACONTECE. CADA MANDA AINDA

Em todo o país, 46.052 segurados receberam atrasados a partir do dia 10 de outubro de 2008. Entre eles, 4.500 são mulheres e ações judiciais no âmbito do INSS.

Paulo e Maria tiveram de trabalhar 34.230 pagamentos, entre eles 6.500 referentes a ações judiciais no âmbito do INSS.

Os dados pertencem à diretoria de arrecadação do INSS. Paulo e Maria tiveram de trabalhar 34.230 pagamentos, entre eles 6.500 referentes a ações judiciais no âmbito do INSS.

Em 2008, é a primeira vez que os pagamentos de diferenças referentes ao INSS são atrasados em todo o país.

Vantagem de Lula sobre rivais cai para 5 pontos



São Paulo

AGORA

Megasena acumula e próximo prêmio será de R\$ 31 milhões

Corinthians empata com os argentinos

Promotora vai denunciar Carla por assassinato

O Ministério Público vai denunciar a advogada Carla Laprovita, 42 anos, pela morte do cantor brasileiro conhecido como B2. O irmão dele, Cláudio Laprovita, 40, foi morto em 1998. A promotora vai alegar que Carla sabia que o cantor estava sendo assassinado.



Esgoto fecha escola municipal

Uma escola municipal recebeu um sistema de esgoto no lado de fora. O sistema foi instalado em um terreno baldio e a escola voltou a funcionar normalmente.



Corinthians empata com os argentinos. O time brasileiro venceu o jogo por 1 a 1.

Casino é fechado em mão na avenida Rebouças

O jogo de cartas foi interrompido por uma fiscalização da prefeitura.

R\$ 1,50

Leve DVD "O Melhor de Cheiquito"

Comerciantes reclamam da lei que proíbe propaganda

Associação de comerciantes reclama da proibição de propaganda eleitoral.

Monica Lisa estava grávida, afirma pesquisa com laser

Pesquisa científica afirma que a Mona Lisa estava grávida.

WAL-MART

11 ANOS DE ECONOMIA

Compre mais barato e melhor.

Figura 08 – O nome do jornal se movimenta entre as notícias



Figura 09 – O nome do jornal aparece entre as notícias



Figura 11 – O nome do jornal está alocado no canto superior direito

SÃO PAULO, 7 DE DEZEMBRO DE 2006 R\$ 1,50
AGORA
São Paulo

Atraso nos vôos aumenta drama de quem espera por transplante

Transtornos continuam

De posse de um transplante de fígado, o menino Danilo aguarda o momento de ser submetido à cirurgia para receber o órgão doado. Ele aguarda há mais de um ano e meio.



Corregedoria vai apurar erro da polícia contra mãe

Remédio para emagrecer mata garota de 15 anos

Aprovada reposição de perdas na aposentadoria

Tricolor deve trazer Hugo para a vaga de Danilo

Leão leva xerife Daniel para fechar defesa do Tião

Roberto Carlos cai no funk com MC Leozinho

Justus rebaixa vencedor de "O Aprendiz"



Enchentes atormentam dona Jussara há 44 anos

FAMÍLIA GUARDA OBJETOS EM PORTIFOLIO DE 4,1 D. M. 1.1

PRAGA NO SENADO PROJETO QUE PERMITE QUE BENEFÍCIOS SUPERIORES AO SALÁRIO MÍNIMO TENHAM DE VOLTA GRANA PERDIDA COM REAJUSTES BAIXOS

REDUÇÃO DO AUXÍLIO-DOENÇA TEM SINAL VERDE DO SENADO

MODIFICAÇÃO NO BENEFÍCIO

GOVERNO QUER LIMITAR CONCESSÃO DE PENSÕES

APLICAÇÃO DE ATÉ 30% DO SALDO

TRABALHADOR PODERÁ USAR SEU FGTS EM NOVO FUNDO

OPERADORAS TERÃO DOIS PLANOS

Justus rebaixa vencedor de "O Aprendiz"

Fashion Week veta desfile em SP com menor de 16 anos

Estado recomenda vacina contra o sarampo na Bahia

Telefone fixo por minuto começa a valer em março

Figura 12: Agora São Paulo – 07 de dezembro de 2006

UMA VIDA EM MEMÓRIA, RECORRENDO LEMBRANÇAS, TEMA ATUAL

1009 Quinta-feira, 23 de maio de 2007 R\$ 2,50

São Paulo

AGORA

Garoto de 13 anos diz que matou Emily, de 13

A polícia deteve um menino de 13 anos acusado de matar Emily Barros, de mesma idade, em acidente de bicicleta na rua, com 3,20 m de altura, e pouco foi considerado que testemunhas. De 100 metros de distância, depois de ouvir o garoto, em seguida, declarou autoria. "Não sabia que ela não era sua", disse o menino. O menino foi mantido preso e fora da cidade.

DETINHO, MAS LIVERADO

Fotógrafo filmava calcinhas no metrô com câmera no pé

Um fotógrafo adotou uma estratégia com tanto sucesso no metrô a fim de obter de fotos de passageiros no metrô. De 100 metros de distância, não ficou apreendido, há imagens das calcinhas de ao menos cinco mulheres. O acidente foi filmado.

JUSTIÇA FAZ MUTIRÃO

Lote de 2.400 ações antigas de revisão deve sair até julho

Uma de 2.400 empresas de revisão de benefícios do INSS que estavam em disputa desde o final dos anos 90 deverão ser julgadas até julho por uma turma especial do 10º Tribunal Regional Federal, sob o comando do juiz

VEJA 17.621 IMÓVEIS NOVOS À VENDA NO FEIRÃO DA CAIXA

Peixe adota rolo compressor pela vaga na semifinal

O Santos vai entrar a luta de volta e promete a vaga para não renovar de Andréia do Pinho para assumir no Corinthians.

FINANÇAS

Kaká duela com Mascherano pelo título europeu

O novo matador do Corinthians

Marcelinho Paraíba, de 20 anos, do Atlético, é o novo reforço do Tricolor. O atacante brasileiro chega ao Corinthians com o nome de Kaká. O jogador foi contratado pelo clube paulista por 1,5 milhão de dólares.

OPERAÇÃO MEXICALINA

Ministro de Lula cai no escândalo da propina

O ministro de Minas e Espírito Santo, Carlos Tinoco, entregou ontem ao presidente Lula sua carta de demissão. Ele é suspeito de ter recebido propina de R\$ 2,5 milhões de

EDUCAÇÃO

Inscrições para o Prouni começam hoje

R\$ 1,50

EMPREGO

'Pânico' negocia com Silvio Santos nos Estados Unidos

Regenildo e "Pânico", o humorista brasileiro, vai viajar a Silvio Santos, nos EUA, para discutir a possibilidade de fazer um programa de variedades e de humor de 100 minutos.

CONFIANÇA

Alemão, do '888', diz que terá um quadro na Globo

REI

Roberto Carlos descarta queimar livros de biografia

DANIELLE GRANADA DE 3 MESES

A atriz Daniela Granada, depois de três meses de tratamento, já está bem e vai voltar ao trabalho em julho.

PERDIDA DO PLANO BRESSER

Confirma onde pedir a correção da poupança

O Agente 1023 não é obrigado a aceitar a correção da poupança, mas o titular da poupança deve ir ao banco para fazer a correção.

EMERGENCY

Protesto pode parar hoje INSS, bancos e escolas

Os funcionários públicos federais, estaduais e municipais devem parar de trabalhar de amanhã de manhã. Serão 100 mil pessoas em todo o Brasil.

RESISTÊNCIA

Polícia ameaça prender alunos da USP por invasão

Os estudantes que invadiram o prédio da USP há 20 dias, poderão ser presos até 30 dias de prisão em flagrante por invasão de prédio.

Figura 13: Agora São Paulo – 23 de maio de 2007

Observa-se que, por meio do recurso de diagramação, o *Agora São Paulo* mostra ter o posicionamento de um sujeito que participa e está submetido às mesmas injunções que seus leitores. Essa diagramação faz com que haja a criação de um maior efeito de subjetividade por parte do jornal, mantendo certa proximidade daquilo que noticia e de seu leitor. A *Folha de São Paulo*, em contrapartida, se apresenta na forma de um observador independente, estando livre de qualquer influência. A diagramação desse jornal permite que se crie um maior efeito de objetividade para os fatos, dando-lhe o posicionamento de um sujeito que tem uma opinião formada dos acontecimentos e mantém a ‘boa distância’ (não muito longe para não poder ver e nem muito próximo para não se envolver com o que noticia).

Agora	vs	Folha
Subjetivo Rude Enunciação desmedida		Objetivo Polido Enunciação moderada

2.2. A imagem do enunciatário

Na construção de sua imagem de sujeito-enunciador, o jornal constrói, também, a imagem de seu enunciatário que é um “produtor do discurso, que, constrói, interpreta, avalia, compartilha ou rejeita significações”.¹⁷ Dentro dessa concepção, o projeto gráfico do jornal e sua diagramação atuam para que o enunciatário “queira e deva entrar em conjunção com os saberes, com as informações sobre uma dada realidade”.¹⁸ Tem-se, então, a criação do público alvo

¹⁷ FIORIN, J. L. *Semiótica e comunicação*. In Galáxia: revista interdisciplinar de comunicação, semiótica, cultura – Programa de Pós-graduados em Comunicação e Semiótica da PUC-SP – nº 08 (outubro de 2004). São Paulo: EDUC; Brasília: CNPq, 2004, p. 23.

¹⁸ DISCINI, N. *Opus citatum*, p. 118.

que, para comungar dos mesmos valores do enunciador, terá de se identificar com os valores propagados pelo jornal, uma vez que, “o essencial do fazer persuasivo do enunciador consiste, pois, nesse caso, em fazer o enunciatário aderir à *imagem* de si mesmo que lhe é proposta enquanto árbitro (‘real’ ou simulado) dos valores, isto é, enquanto *destinador construído*”.¹⁹

Dentre os vários tipos de públicos existentes, Juarez Bahia (1971) chama a atenção para os três tipos principais: o sofisticado, o prático e o popular.

Há diferentes grupos ou tipos de públicos no mercado da informação. Os principais podem ser assim definidos: o grupo dos intelectuais, relativamente reduzido, que tende quase sempre ao cinismo ou a sofisticação; o grupo dos práticos, interessado em conciliar os comunicados com seus negócios ou atividades lucrativas; e o grupo dos não-intelectuais, ou popular, este congregando a maioria de leitura e audiência.²⁰

A imagem do enunciatário que é construída pelo *Agora São Paulo* é de enunciatário viril, “‘espaçoso’, impaciente, o que se nota na enunciação acelerada. Este ator tem um corpo avesso à contenção, seus gestos são atabalhoados. Ele não fala, grita. Seu tom de voz nada tem da intensidade das vozes consideradas bem educadas”.²¹ Esse enunciatário está no grupo dos populares. Já a *Folha de São Paulo* projeta a imagem de um enunciatário com a fala mais moderada, que faz uso de uma linguagem muito mais culta. “Seu corpo é sóbrio e contido, seus gestos são calculados. O tom de sua voz é sério, mas brando, é uma voz que não se eleva, pausada ritmada, sua expressão é equilibrada”.²² Esse tipo de enunciatário faz parte do grupo dos intelectuais.

¹⁹ LANDOWSKI, E. *A sociedade refletida: ensaios de sociossemiótica*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: EDUC/Pontes, 1992. p. 157.

²⁰ BAHIA, J. *Opus citatum*, p. 59.

²¹ FIORIN, J. L. *Opus citatum*, p. 23.

²² Idem. *Ibidem*. p. 23.

Destarte, o projeto gráfico, além de corroborar para e na construção do enunciatário, traz em seu âmago um regime de sentido por programação inscrito em sua topologia. O jornal, para operar um *fazer-ser*, utiliza em sua constituição o *fazer-fazer* mais o *fazer-sentir*, contato direto, em ato enunciativo do sujeito-jornal com o sujeito-leitor, como afirma Ana Claudia de Oliveira (2006):

Nesse tipo de contato, o leitor sente que, na eleita quadratura, se enquadra a proposição constitutiva de uma regulação que se processa graças à inserção da sua própria sensibilidade. Enquanto sujeito sensível, ele se põe a sentir esse outro sujeito que é o jornal, também organizado por uma sensibilidade. Assumindo o seu lugar na interação, o sujeito-leitor vive a relação com o jornal como uma experiência. Um sentir em relação à vida que já nos faz deparar com um específico *sentir para ser*, advindo da interação.²³

Nessa interação, o jornal tenta manter seus leitores e angariar novos leitores, para isso se apresenta como um novo jornal a cada dia, mas com seus traços identitários construídos no decorrer dessa relação com o leitor, como assevera Norma Discini (2003):

Circundando-as, há outras, menores, todas expandidas por meio de legendas, sobretítulos, subtítulos e lides, constituintes deste rosto ou espelho de cada jornal, que é a primeira página. Rosto, já que cada jornal mostra uma feição própria nessa página, como chamariz ao *seu* leitor, leitor 'cevado' mais pelo modo familiar de lhe darem alimento, do que pelo alimento em si. Espelho, já que nessa primeira página, projeta-se um corpo, o corpo de cada jornal, construído não apenas naquele determinado dia, mas na seqüência de dias, semanas, meses e anos, e construído também não apenas por aquilo que diz, mas, principalmente pelo modo como diz.²⁴

O jornal exige uma repetição, como propõe Eric Landowski (1992: 119), o que favorece "o hábito ou a rotina, ou, menos disforicamente, uma certa constância –

²³ OLIVEIRA, A. C. *A leitura do jornal como experiência sensível*. In Revista ANPOLL – Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Linguística. São Paulo: UNICAMP – nº 21, jul./dez. 2006, p. 198-9

²⁴ DISCINI, N. *Opus citatum*, p. 118.

como se, uma vez que alguém elegeu *seu jornal*, permanecer fiel a ele fosse, em suma, permanecer fiel a si mesmo”.²⁵ No entanto, mesmo dentro nessa constância do hábito – prática significante de um fazer, de um modo de agir, que produz um tipo específico de contato entre o sujeito e o que ele faz –, há uma conjuminância entre o saber e sentir. Isso torna o hábito uma interação de ordem pragmática na busca por uma revigoração do significado nas práticas quotidianas; um redimensionamento da condição estésica da significação, como expõe Ana Claudia de Oliveira (2006):

Nessa acepção, o sentido do hábito é o de promover situações configuradas com *escapatórias*, segundo a conceituação que A. J. Greimas conferiu a esse termo, na segunda parte de *Da imperfeição*. Armado pela volição, o hábito, como uma *escapatória*, é uma prática que redimensiona a condição estésica da significação ordinária das coisas, do mundo, dos seres e do sujeito mesmo como o propósito dele empreender uma construção de vida, de mundo, explorando tanto o sensível como a razão.²⁶

Esse encontro interacional, entre jornal e leitor, não se limita a apenas ser de ordem cognitiva – uma jornada em busca de um saber, mas também de ordem sensível – um prazer em descobrir o mundo e o outro. Dessa forma, as duas faces do jornal são esperadas: a da continuidade que traz seus traços e cores já conhecidas; a identidade; o esperado e a da descontinuidade que trará o novo; a expectativa que emana do inesperado. No ato de ler o jornal, o leitor passa a se familiarizar com a diagramação; organização do jornal e, a partir dessa familiaridade, ele pode traçar diferentes rotas de leitura o lhe propiciará um modo exclusivamente seu de participar dessa relação, buscando extrair o máximo de prazer dela.

²⁵ LANDOWSKI, E. *Opus citatum*, p. 119.

²⁶ OLIVEIRA, A. C. *Opus citatum*, p. 167

3. Um *fazer-ver* para ser visto

“Ao mesmo tempo é verdade que o mundo é o que vemos e que, contudo, precisamos aprender a vê-lo”.

Maurice Merleau-Ponty

O jornal instaura um espaço e um tempo, o estado e a cidade onde é veiculado e o dia da semana em que ocorre sua veiculação. Tem-se, então, um jornal que enuncia enquanto sujeito em um aqui e no agora. O que reforça a sua constituição como sujeito, pois como afirma Èmile Benveniste (2005: 286) é na e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito; porque a linguagem fundamenta na realidade, na sua realidade que é ser, o conceito de *ego* (*ego* que diz *ego*) e a instância da enunciação é o *ego*, *hic et nunc* (eu-aqui-agora).

Dessa forma, a subjetividade do jornal se constitui a partir da interação de seu nome, que lhe dá existência, em relação a um “*tu*” a quem se dirige, uma pessoa exterior a ele; condição fundamental para a comunicação. Nessa interação entre jornal e leitor, haverá uma tentativa de transformar essa relação em uma experiência sensível que o leitor, tornando-se assinante, tenderá a prolongar. Ocorrerá, como em *Da imperfeição*, o que Algirdas Julien Greimas chama de uma convergência das circunstâncias para que o leitor extraia o máximo dessa relação. Nesse caso, tal relação tem dois aspectos: o incoativo que inicia a apreensão do sensível e o durativo, que é a apreensão do sentido que perdura por quanto tempo perdurar a leitura, como afirma Ana Claudia de Oliveira (2006):

Essa apreensão das sensações corpóreas emanadas da estética do arranjo nominal se atua pontualmente, tem também seus efeitos prolongados na duração. A regularidade com que esta ordenação nominal presentifica o jornal no cotidiano torna esse contato como um encontro marcado, que atualiza a “espera do inesperado”, na feliz denominação que atribui Greimas aos encontros em que o sujeito introduz uma ocorrência sensível, minimal que seja, para revitalizar a continuidade de seu viver.²⁷

O leitor se prepara para interagir com o jornal em um determinado momento, hora e dia da semana, se apazendo; se informando ao compartilhar de uma abordagem e de uma disposição das notícias que lhe satisfaz, implicando em seu modo de ser, seu estilo de vida. Nessa situação, jornal e leitor já mantêm um regime de interação por programação, pois diariamente, em frente ao jornal, o leitor se depara com uma visualidade que já conhece. Os traços identitários são reiterados, mas trazem consigo uma renovação; *mutabilitas* dentro da *immutabilita*, como sugere Ana Claudia de Oliveira (2006):

A invariante projetada na página sofre variações conforme a mutabilidade das notícias. A ordenação distinta dos mesmos elementos configura uma multiplicidade visual, seguindo o esquema diagramático. Parece-nos, então, que o traçado da identidade do jornal explora em seu delineamento o jogo entre invariante e variante que direciona as formas de ver e de sentir a significação do mundo de papel, assim como direciona as formas de ser visto e ser sentido que significam o jornal, despertando o nosso interesse pela identificação dos mecanismos de seu funcionamento.²⁸

O que acontece com aqueles leitores que não são assinantes do jornal? Como promover um regime de interação e de sentido? Como manter esse tipo de sentido? Há a tentativa de promover uma interação por acidente provocado pelo sincretismo da expressão que aparece na primeira página do jornal.

Quando um transeunte passa por uma banca ou revistaria e observa os jornais seus olhos pousam no texto visual, buscando, no texto verbal, explicações ou

²⁷ OLIVEIRA, A. C. *A dupla expressão da identidade do jornal*, p. 18.

ele lê o texto verbal e procura, no texto visual, respostas para uma melhor compreensão do que ali é enunciado. Ele passa de um “*ler-saber-creer*” para um “*ler-ver-saber-creer*”, uma vez que, conforme Ana Claudia de Oliveira (2006), “a forma de expressão verbo-visual apresenta o jornal plasticamente ao leitor, permitindo-lhe, antes do conteúdo lido, já entrever algo desse, por meio da apresentação sensível”²⁹, o que faz dele um co-enunciador, como afirma José Luiz Fiorin (2004) *apud* A. J. Greimas:

Cabe ainda lembrar Greimas: enunciador e enunciatário constituem o sujeito da enunciação. (1979:125) Ao colocar o enunciatário como uma das instâncias do sujeito da enunciação, Greimas quer ressaltar seu papel de co-enunciador. Com efeito, a imagem do enunciatário constitui uma das coerções discursivas a que obedece o enunciador: não é a mesma coisa produzir um texto para um especialista numa dada disciplina ou para um leigo; para uma criança ou para um adulto. O enunciatário é também uma construção do discurso. Não é o leitor real, mas um leitor ideal, uma imagem de um leitor produzida pelo discurso.³⁰

A entrada do leitor nas primeiras páginas se dá de formas diferentes nos dois diários, mesmo sendo o mesmo enunciador/destinador, há uma mudança em sua estratégia discursiva, já que são pressupostos enunciatários/destinatários diferentes. A primeira página é apresentada ao leitor por meio de uma visualidade que o sujeito reconhece e se ajusta. Mesmo sendo uma manifestação rotineira, a leitura diária traz consigo um investimento de valor próximo aos cultos ritualizados.

Após sua interação com o jornal, o leitor se sentirá um novo sujeito sem que sua identidade ou a do jornal seja alterada. Dessa forma, cultivando uma relação de proximidade, o que é rotina ganha significado que a requalifica e, concordando com

²⁸ Idem. Ibidem. p. 21.

²⁹ OLIVEIRA, A. C. *Opus citatum*. p. 22.

³⁰ FIORIN, J. L. *Semiótica e comunicação*. In Galáxia: revista interdisciplinar de comunicação, semiótica, cultura – Programa Pós-graduados em Comunicação e Semiótica da PUC-SP – nº 08 (outubro de 2004). São Paulo: EDUC; Brasília: CNPq, 2004, p. 23.

Ana Claudia de Oliveira, “o que se apresenta é um indicativo de que o hábito de leitura dessa mídia assume na contemporaneidade o lugar da prática de outros ritos”.³¹

Em sua organização plástica, as matérias se distribuem nos eixos vertical e horizontal e são regidas pelas oposições: alto vs baixo; superior vs inferior; direita vs esquerda, transformando essas caracterizações do uso do topológico do papel na configuração da identidade visual na identidade do jornal. Ana Claudia de Oliveira (2006) define esse processar dos textos da mídia impressa como:

(...) produzidos a partir de sincretizações das duas linguagens edificantes do seu plano da expressão: as linguagens verbal e visual. Os textos produzidos são articulados na distribuição na página, mantendo entre si diferentes relações, Traçadas pelo projeto gráfico, diagramação arranja topologicamente as partes da composição. Formas cores são posicionadas em figuras geométricas regulares de quadrados e retângulos que dinamizam a quadratura da página por um enredado dinamismo das linhas verticais e horizontais, retas e diagonais que se entrecruzam.³²

A disposição que as notícias assumem no espaço da página é orientada para promover um contato entre leitor e jornal que produz um tipo de aprazimento naquele que, mais do que lê, vive as notícias de uma dada maneira. A busca desse sentir é o que leva o jornal à procura de um projeto gráfico próprio que o caracteriza como a sua individualização nas mídias pelo arranjo plástico que o leitor se põe em relação ao contatá-lo. O leitor se sente, e o é, como uns dos responsáveis pela forma que como o arranjo plástico do jornal é construído, passando a cultivar um gosto por essa expressão verbo-visual.

³¹ OLIVEIRA, A. C. *A leitura do jornal como uma experiência sensível*. p. 173.

³² Idem. *Ibidem*, p. 175.

3.1. A *Folha de São Paulo*

No caso da *Folha de São Paulo*, observa-se um menor uso das cores ditas fortes e o cromatismo das páginas permite que o *olhar* do leitor deslize por ela toda. Na primeira página, veiculada no dia 28 de setembro de 2006 (fig. 14), uma das possíveis entradas no texto pode ser pela foto central que tem, em sua parte de baixo, o candidato Geraldo Alckmin dentro de um helicóptero. As hélices do helicóptero, na parte de cima, estão transpassando o espaço da fotografia (não são captadas por inteiro), fazendo com que o olhar do leitor suba e encontre com o gráfico das intenções de votos no topo da página. Pelo cromatismo das listras vermelhas do helicóptero, corre-se o olhar para roupa vermelha na foto no pé da página e para as propagandas das Casas Bahia e Wal-Mart.

A fotografia central reitera o cromatismo, chamando a atenção para zonas cromáticas azuis e vermelhas. Uma espécie de direcionador do olhar, em todos os percursos o olhar do leitor, passa por ela.

A distribuição eidética do quadrilátero cria uma relação de oposição entre verticalidade e horizontalidade. No quadrilátero horizontal superior, está o nome do jornal que é reiterado pelas informações sobre o jornal e o estado em que circula que aparecem no quadrilátero horizontal inferior (número de páginas, número de exemplares, rodízio em São Paulo, atmosfera e editoriais).



Figura 14 – Folha de São Paulo – 28 de setembro de 2006

Abaixo do nome do jornal, aparece o segundo quadrilátero horizontal com um gráfico que demonstra a situação da corrida presidencial, reiterado pelo terceiro quadrilátero horizontal com a manchete:

“Vantagem diminui, mas Lula mantém vitória no 1º turno”

Na vertical, há três grandes colunas. A principal está centralizada e traz consigo a fotografia de um dos candidatos à presidência, Geraldo Alckmin dentro de um helicóptero, reiterando o tema do gráfico e da manchete. Nessa página, Tem-se o jogo entre vertical vs horizontal, ambas em número de três colunas.

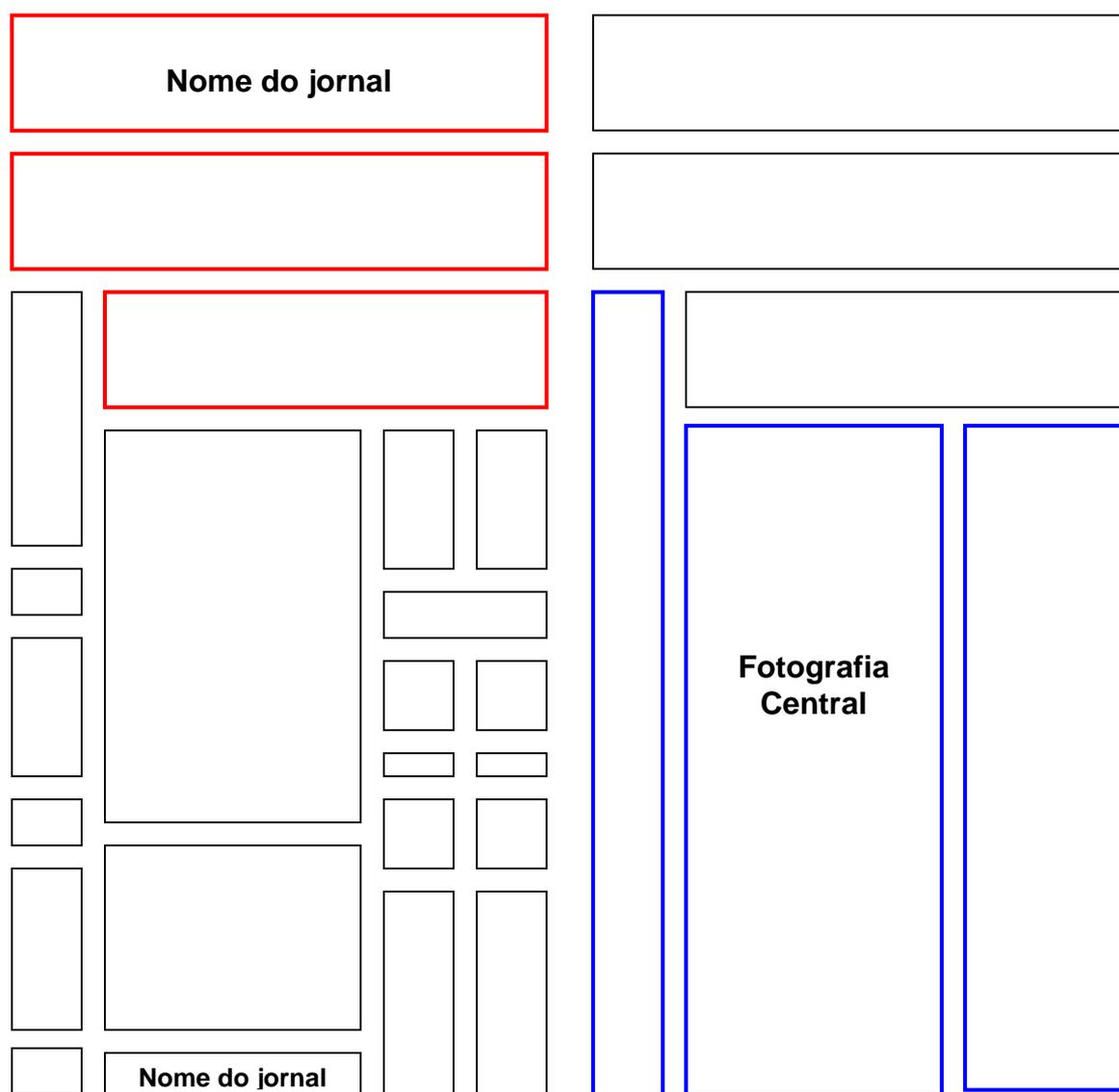


Figura 15 – Distribuição eidética

Na primeira página de 22 de novembro de 2006 (fig. 16), observa-se algo bem parecido, pois a foto central traz soldados que cercam o carro em que o ministro da

Indústria do Líbano, Pierre Gemayel, foi assassinado. O cromatismo se apresenta, relacionando as fotografias num percurso que permite o olhar passar de uma foto a outra. Uma possibilidade, por exemplo, é pela cor preta do vidro do carro e do cabelo do soldado em primeiro plano, para baixo no cabelo da mulher e em sua camiseta ou para o topo da página na foto do cineasta Robert Altman e para a foto do nadador Ian Thorpe (ambas com o fundo na cor preta).



Figura 16 – Folha de São Paulo – 22 de novembro de 2006

Ao leitor também é permitido retornar, correndo o olhar por cima da foto central encontrando, no pé da página, a camisa preta da mulher que amamenta o filho em primeiro plano e outra mulher que brinca com uma criança em segundo plano, também com camisa preta. Nesse caso, a fotografia central pode exercer a função de parada para o percurso do olhar nessa página.

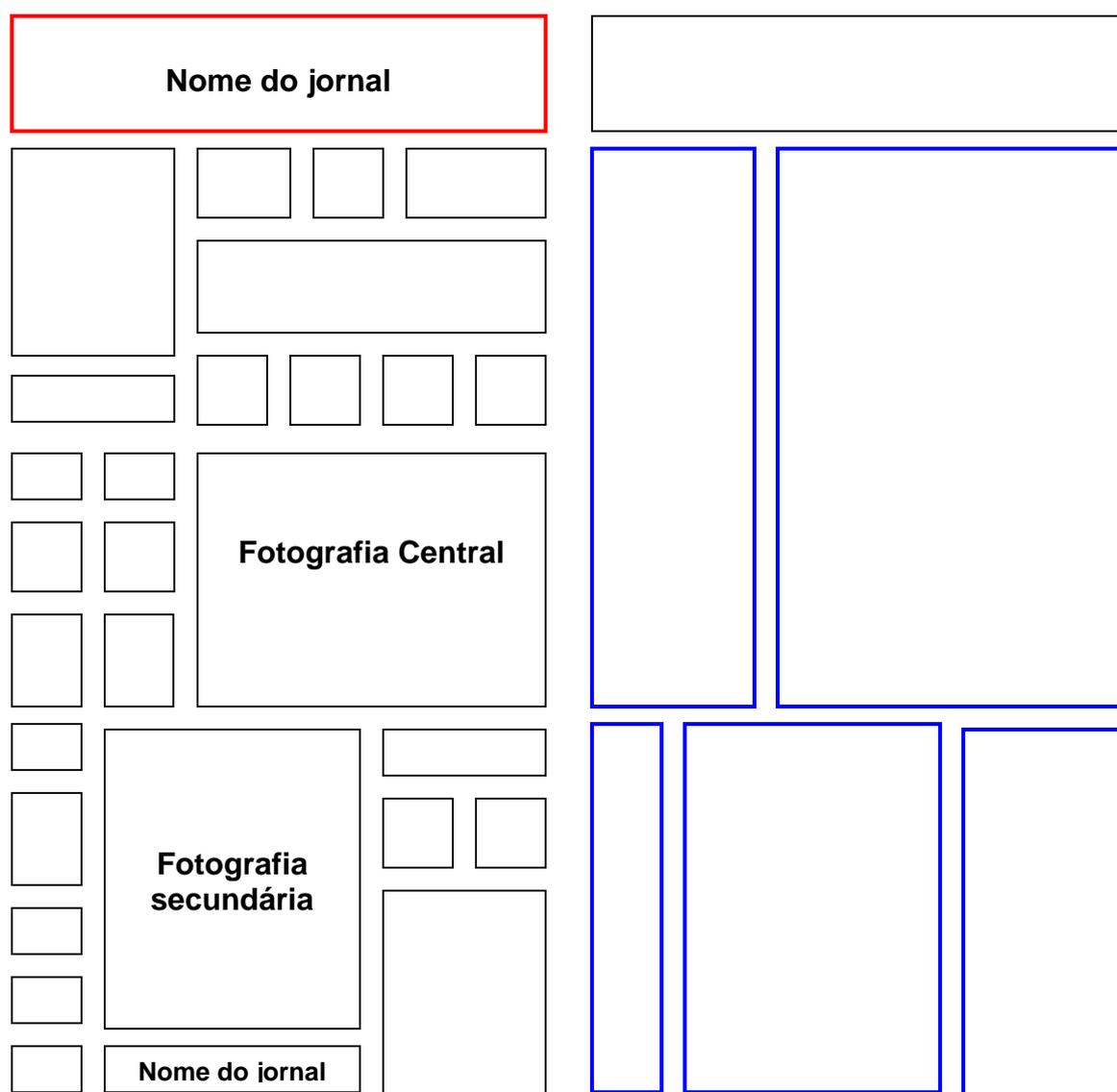


Figura 17 – Distribuição eidética

Na *Folha de São Paulo*, o quadrilátero superior é sempre preenchido pelo nome do jornal, mantendo uma constante que concretiza para o leitor a posição do jornal que ele conhece e espera encontrar em sua leitura, como postula Claudia de Oliveira. Nessa primeira página, há uma linha e seis grandes colunas. Observa-se que a verticalidade tem um certo domínio sobre a horizontalidade, promovendo uma direcionalidade no sentido de leitura: esquerda para a direita e de cima para baixo.

Nesta outra página, 03 de dezembro de 2006 (fig.18), a foto principal está no topo da página, mas mesmo assim ela exerce a função de direcionadora do olhar. Ao pousar o olhar sobre esta foto, o leitor é impulsionado, pelo gesto de Giba, actante dessa foto, que aponta para a esquerda, a ler, olhar a notícia que é na *Revista da Folha*. Pelo cromatismo, o leitor corre o olhar pelo lado esquerdo da página até chegar na matéria de chamada do caderno *Ilustrada* que está na cor azul claro. Esse cromatismo joga o olhar do leitor, novamente, para o topo da página na reportagem sobre a vitória do Brasil no caderno *Esporte*. Os olhos descansam no azul e descem para a foto na parte inferior da página do jornal. Dessa forma, o enunciador, por meio do cromatismo, consegue fazer levar o leitor a correr o olhar por toda extensão da página.



Figura 18 – Folha de São Paulo – 03 de dezembro de 2006

Nessa primeira página, há, na distribuição eidética, uma igualdade nos números de linhas e colunas com duas grandes linhas e duas grandes colunas.

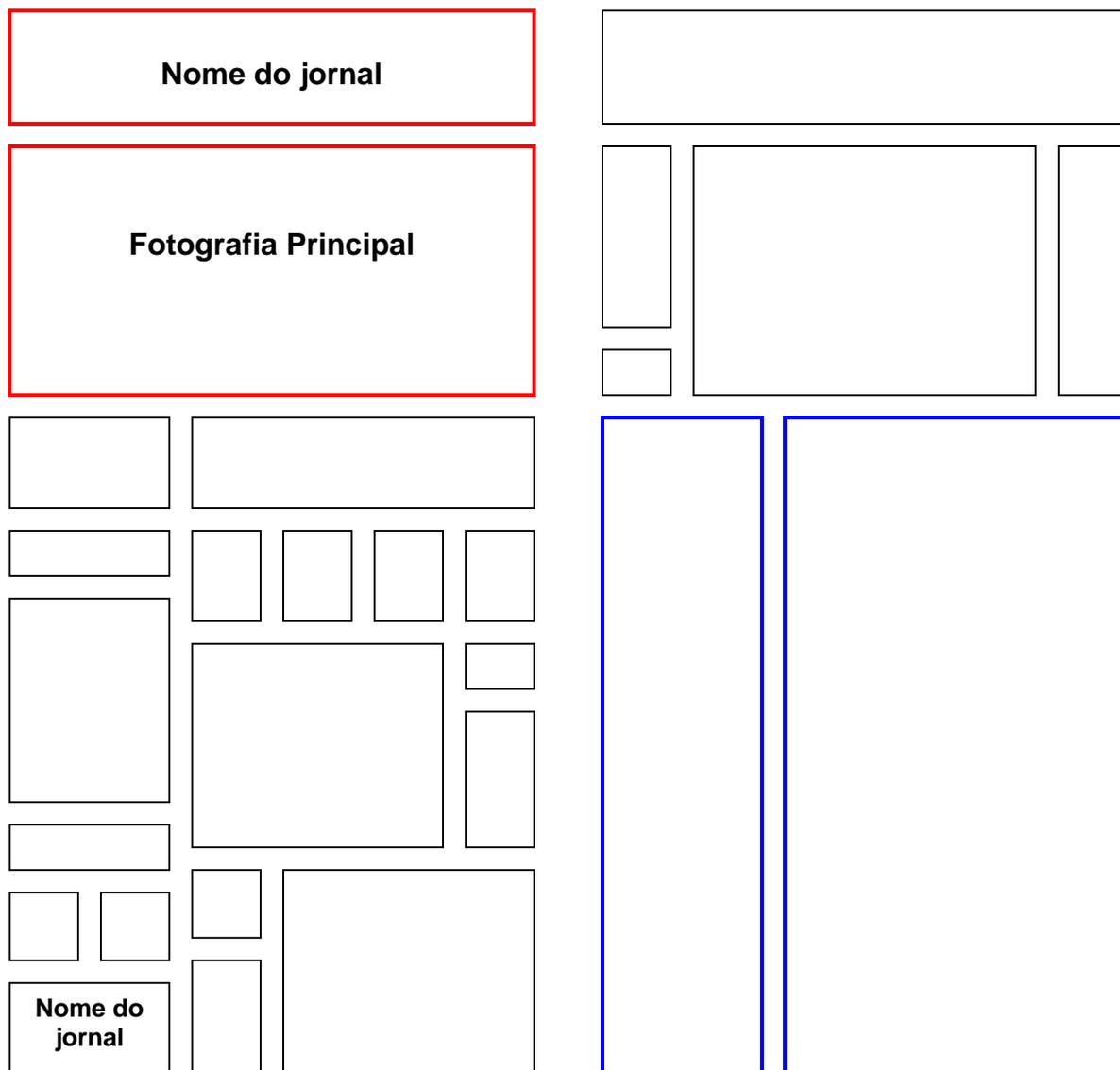


Figura 19 – Distribuição eidética

Na primeira página do dia 04 de dezembro de 2006 (fig. 20), a foto central é do jogador de vôlei, Ricardinho, erguendo a taça do bicampeonato mundial. O fundo preto dessa foto permite ao leitor deslizar o olhar para a foto da árvore de natal iluminada logo abaixo. Mas, o formato piramidal da árvore, novamente, aponta e conduz para cima o olhar do leitor para a foto principal, subindo até encontrar a taça na mão do jogador. Ao lado da taça, há, em letras de cor verde abacate, a palavra 'bicampeão'. Nessa mesma cor, estão o nome do caderno de *Esporte* e da chamada

do caderno *Folhateen* e da chamada para uma reportagem sobre ‘as melhores e piores séries do ano que vem’. No entanto, há uma foto do presidente venezuelano, Hugo Chavez, na cor vermelha, criando um estranhamento que perturba a visão periférica com algo que necessita ser compreendido, identificado.

O leitor é levado a correr o olhar pela página do jornal, parando-o nos pontos de mesma coloração. Isso promove uma ancoragem – procedimento semântico do discurso pelo qual o sujeito da enunciação concretiza a actorização, a espacialização e a temporização do discurso, unindo-os a pessoas, a lugares e a datas que seu destinatário reconhecerá como ‘existentes’ ou do ‘mundo real’, produzindo, dessa forma, um efeito de realidade – que atua como uma estratégia discursiva para que o leitor veja o que o enunciador quer que ele veja. Contudo, existem, também, casos de ancoragem que se dão, também, pela concretização de temas e de figuras.



Figura 20 – Folha de São Paulo – 04 de dezembro de 2006

Nessa primeira página, é nítido o domínio da verticalidade, pois o número de colunas é muito superior ao de linhas. O jornal varia o número de colunas e linhas para que o mesmo jornal se apresente como um novo jornal, promovendo a sua mutabilidade na imutabilidade. Essa quebra na diagramação ocorre em diferentes dias da semana, ao menos uma vez por semana, urdindo a manutenção da manipulação por programação que produz um efeito de ressignificação e de redescoberta do jornal.

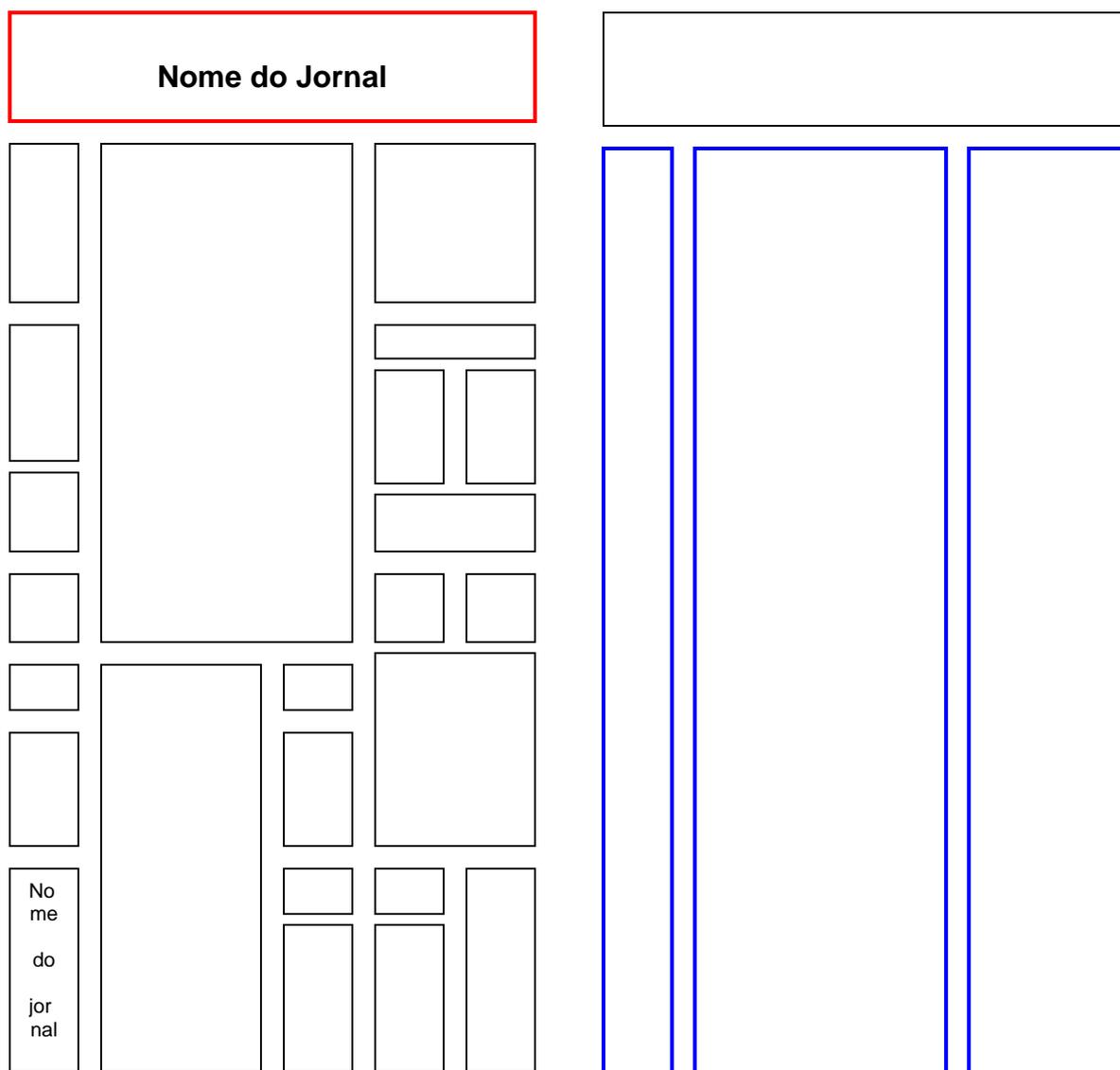


Figura 21 – Distribuição eidética

Essa outra primeira página (fig. 22), também demonstra uma superioridade da verticalidade sobre a horizontalidade. O número de quadriláteros verticais é sempre igual ou maior que o número de quadriláteros horizontais, nunca menor. Tal padrão é uma marca da identidade do jornal que o seu enunciatário reconhece e se sente confortável com ela, reforçando as cláusulas de um contrato que “revelam uma série de expectativas mutuamente partilhadas”, como afirma Nilton Hernandez (2006: 18).



Figura 22 – Folha de São Paulo – 07 de dezembro de 2006

Em todas as primeiras páginas analisadas, pode-se observar que a disposição gráfica é uma forma de arranjo discursivo que tem como propósito principal fazer com que o leitor olhe a página inteira; um *fazer-ver*, não importando se o percurso do olhar se inicia pela foto principal, pela secundária ou, mesmo por uma terciária; não importando o modo como o leitor fará a leitura. A distribuição eidética se dá sempre em quadriláteros (na horizontal ou na vertical). O nome do jornal aparece, em todas as primeiras páginas, em um retângulo no topo da página

acima das reportagens e é retomado no pé da página com dados sobre o número de cadernos que contém, editoriais, número de páginas, de exemplares etc., demarcando seu espaço na página.

3.2. O Agora São Paulo

O jornal diário *Agora São Paulo* utiliza muito, em suas primeiras páginas, a cor vermelha. O principal diferencial cromático é o uso azul que indica o caderno de esportes. Nas manchetes, há o uso de um contorno nas palavras-chave, promovendo paradas na leitura, pois cada palavra traz consigo um significado dentro da manchete que exige um conhecimento prévio do fato ocorrido – saberes anteriores à enunciação. Tais paradas sugerem uma momentaneidade; instantaneidade, como se a razão de ser e saber são, naquele momento, sugerido pelo próprio nome do jornal: *Agora*.

Algumas reportagens têm um resumo na cor do papel com o contorno em vermelho, trazendo o nome do caderno (dado pelas letras de nosso alfabeto) e o número da página em que ela está sendo veiculada. Esse resumo mostra um posicionamento do jornal frente à reportagem por trazer uma opinião e que, em muitas vezes, está em uma linguagem coloquial, uso bem comum nesse periódico. Se a focalização não se der pela palavra na manchete, ela se dará pelo resumo.

Na primeira página do dia 28 de setembro de 2006 (fig. 23), tem-se uma foto central, mas ela não é o ponto de partida para o percurso do olhar e, sim, o nome do jornal. Dele se olha em todas as direções e sempre se pára em algum ponto da página devido ao recurso de focalização por meio do cromatismo. As paradas poderão ocorrer nas palavras: *'INSS'* da manchete, depois nas palavras *'pesquisa*

Datafolha', 'cai', '49', 'bolada', 'Ubiratan', 'descaso na educação', 'escola', 'jogatina', 'R\$ 1,50', 'do mesmo diretor de 'Chaves'', 'ordem e tirar até dezembro', 'enigma', todas na cor vermelha. A cor azul destoa um pouco desse universo vermelho, chamando a atenção para si. Quando o leitor repousa os olhos no gráfico da corrida presidencial, ele conduzirá seu olhar para a chamada do caderno de esporte, uma vez que estão na mesma cor, promovendo uma isotopia cromática.



Figura 23 – Agora São Paulo – 28 de setembro de 2006

Nessa primeira página (fig. 23), observa-se o uso de quadriláteros em sua distribuição eidética. O nome do jornal não aparece no topo, mas abaixo de uma reportagem que tem como ponto focalizado pelo cromatismo a palavra 'INSS', sugerindo que o próprio jornal também se submete às coerções do Estado. Ele aparece na coluna esquerda sobre as reportagens a respeito do sorteio e da premiação da *Megasena* e do esporte nacional, reforçando seu posicionamento como um sujeito que tem os mesmos valores que seus leitores: precisa de dinheiro e gosta de futebol.

Diferentemente da *Folha de São Paulo*, o *Agora São Paulo* traz o preço de forma bem mais visível e destacado pela cor vermelha predominante na primeira página, na maioria das vezes, no pé da página no lado esquerdo, acima do código de barras com informações pertinentes ao diário. Na *Folha de São Paulo*, o preço do aparece logo abaixo do nome no canto superior esquerdo.

Há uma supremacia do número de colunas sobre o número de linhas nessa página, mas mesmo que as colunas da esquerda sejam tomadas como uma só coluna, a verticalidade dessa página será, ainda assim, preponderante. Essa supremacia sugere uma oposição entre vida (verticalidade) vs morte (horizontalidade).

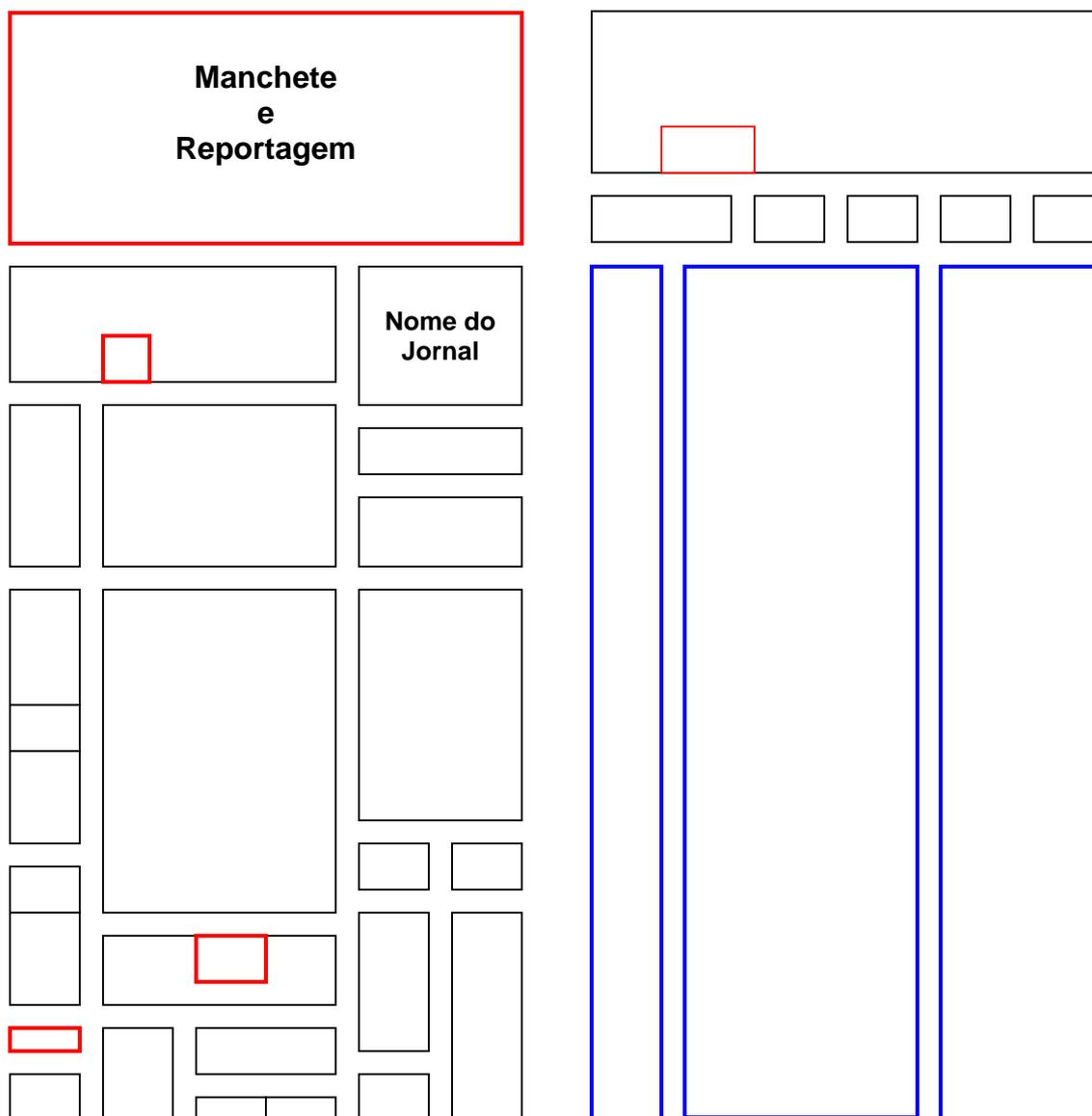


Figura 24 – Distribuição eidética

Na primeira página do dia 22 de novembro de 2006 (fig. 25), o nome do jornal está entre as reportagens, mais para o lado direito. O recurso de focalização é muito comum e o uso da cor marrom claro, nessa página assim como na anterior, liga o topo com o pé da página, em uma linha diagonal para que o olhar do leitor percorra a máxima extensão da página possível.



Figura 25 – Agora São Paulo – 22 de novembro de 2006

Há um maior número de colunas também nessa página (fig. 25) e o nome do jornal está entre as notícias no lado superior esquerdo. Toda distribuição eidética é formada por quadriláteros, mantendo um padrão para a primeira página.

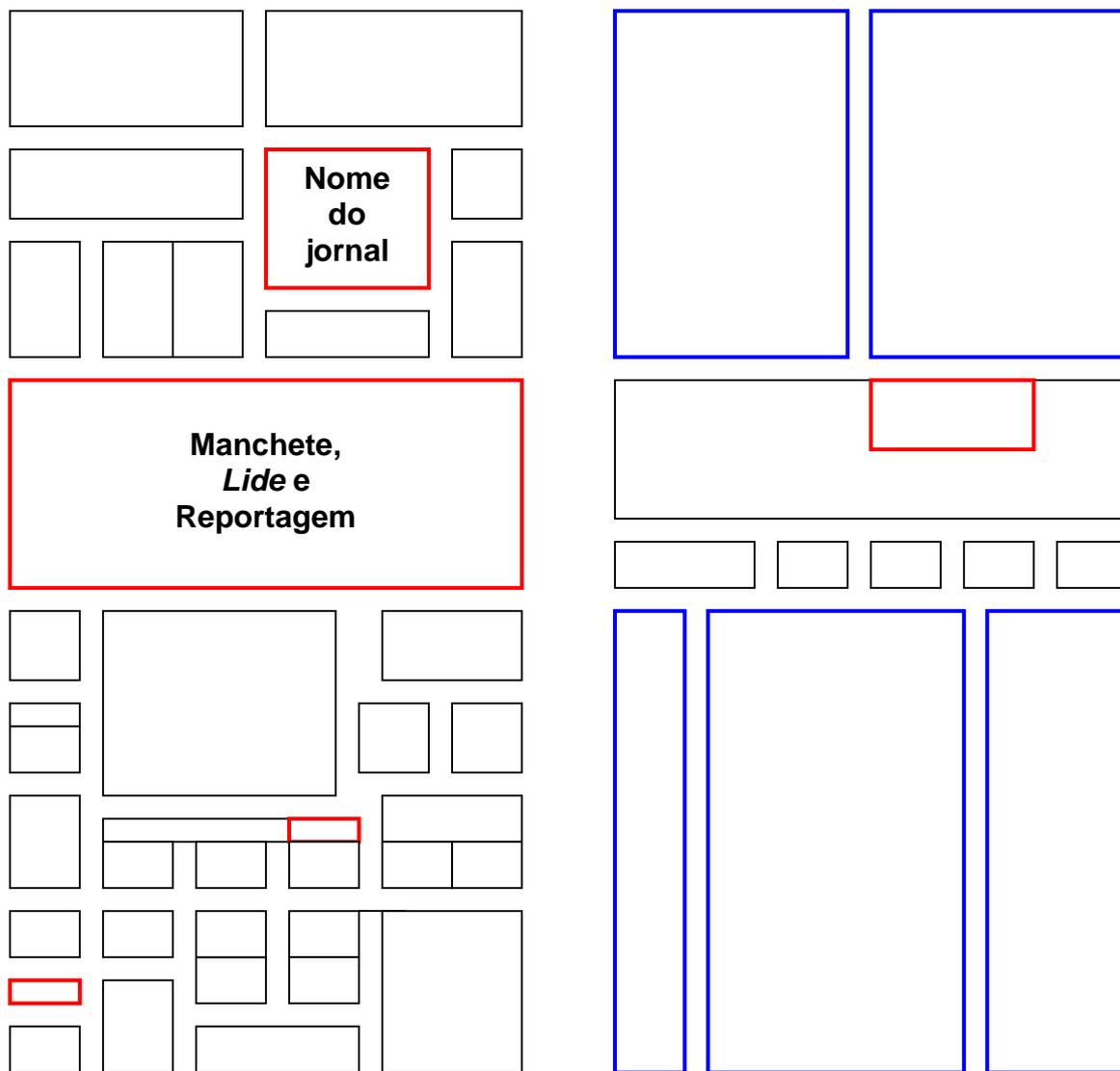


Figura 26 – Distribuição eidética

Pode-se pensar na possibilidade de as duas colunas superiores serem, na realidade, duas linhas, levando à página a ter um mesmo número de colunas e linhas, mas, ainda assim, o número de linhas não ultrapassaria o número de colunas.

Nesta outra página, 03 de dezembro de 2006 (fig. 27), o nome do jornal aparece no canto superior esquerdo. Novamente o leitor é conduzido a percorrer, de cima a baixo, a página. Centralizada no topo, uma foto do estádio do Maracanã com

os torcedores comemorando a entrada do Corinthians em campo, no pé direito, uma foto com um 'mar de gente' fazendo compras na Rua 25 de Março. Nesse caso, o olhar é guiado pelo tema da aglomeração. Novamente na diagonal, superior direita à inferior esquerda, é usado o cromatismo do marrom claro que assinala a relação.



Figura 27 – Agora São Paulo – 03 de dezembro de 2006

Nessa página (fig. 27), é reiterada a verticalidade da disposição textual com um maior número de colunas. O nome do jornal aparece no topo da página, mas

nunca isolado, estando sempre ao lado de alguma notícia. O preço do jornal, dessa vez, está logo abaixo da manchete central e mantém o padrão da distribuição topológica, permanecendo no lado esquerdo da página, dessa vez, canto superior.

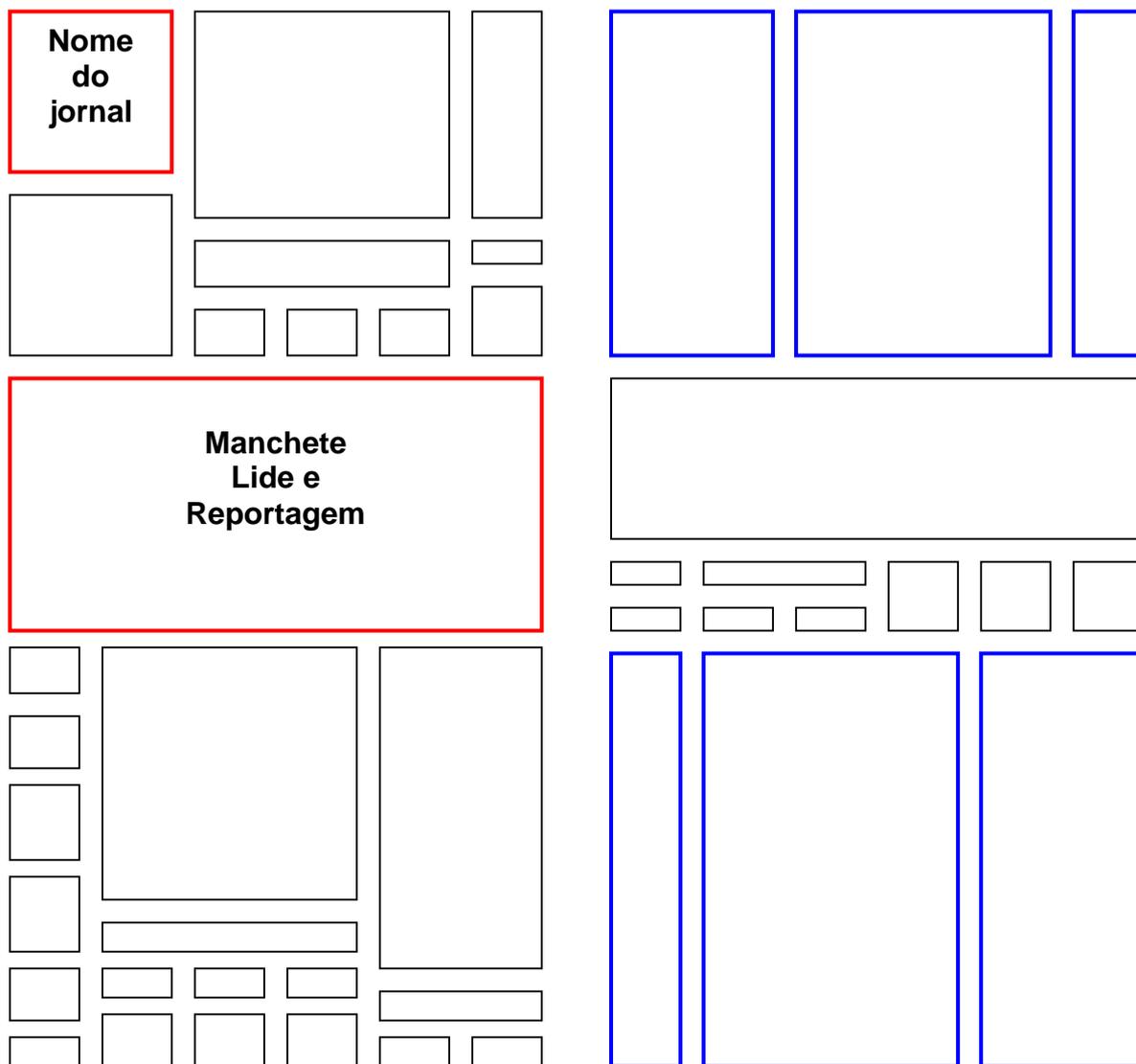


Figura 28 – Distribuição eidética

Na página do dia 03 de dezembro de 2006 (fig.29), há uma divisão cromática: no lado direito, predomina a cor azul que corresponde ao caderno de esporte. Já no lado esquerdo, a predominância é da cor vermelha que é uma recorrência desse

periódico. Porém, a cor marrom claro aparece no pé da página. A cor amarela da camisa da seleção brasileira de voleibol, além de estar do lado dos esportes se relaciona com cor das placas de protesto da torcida do Corinthians. Dessa vez, o que une o topo (com o nome do jornal) com o pé da página (preço do jornal) é a cor vermelha.



Figura 29 – Agora São Paulo – 04 de dezembro de 2006

Esse é um ótimo exemplo da completa hegemonia da verticalidade. Nessa página, só há colunas. Ela pode ser dividida em quatro colunas ou em duas grandes colunas com o nome do jornal posicionado no canto superior direito. Com essa hegemonia é sugerido ao seu leitor que, como ele, o jornal está de pé, está vivo e ativo pronto para enfrentar no mundo.

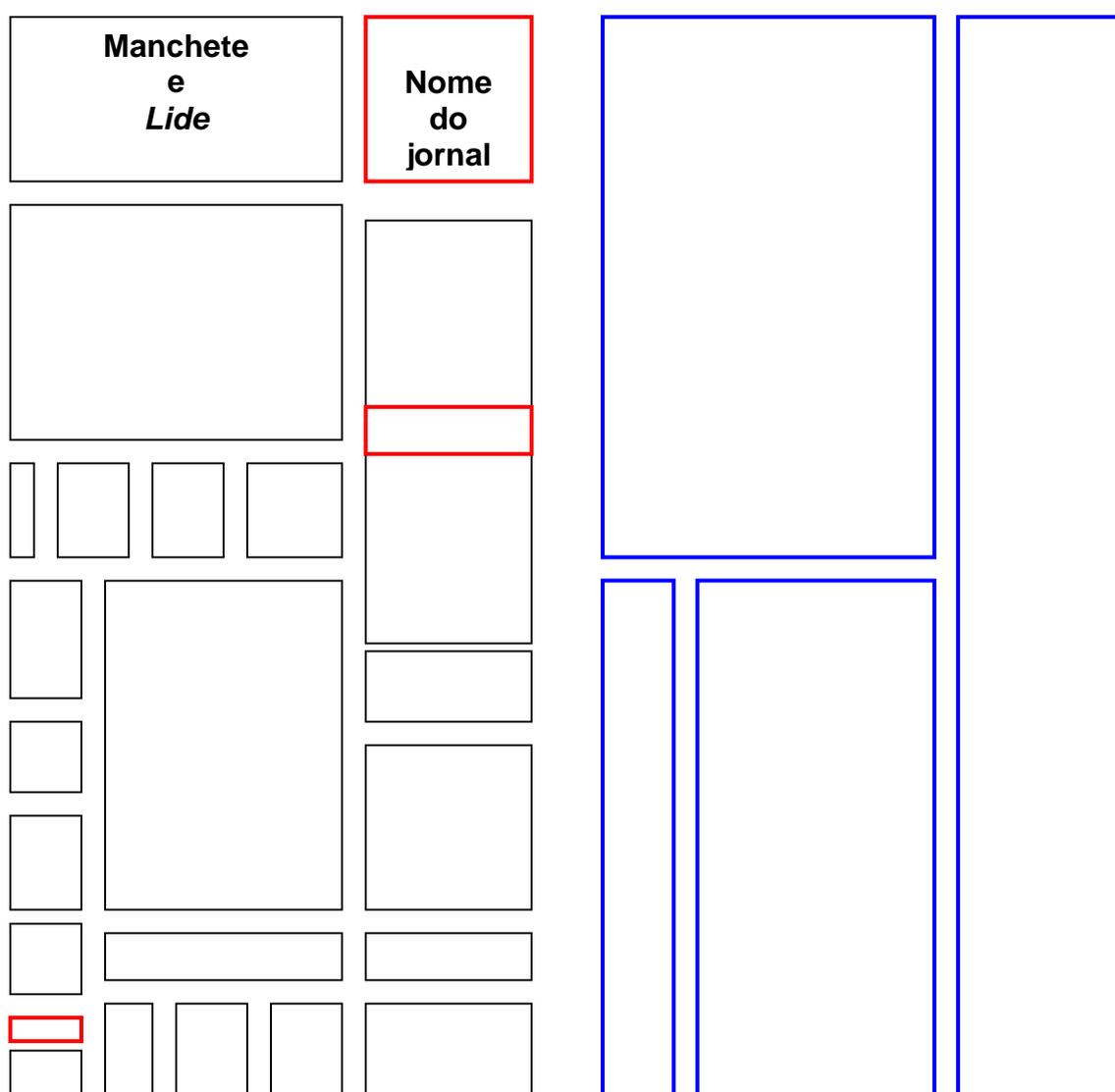


Figura 30 – Distribuição eidética

No jornal *Agora São Paulo*, observa-se uma dominância da verticalidade. Essa imutabilidade não é rompida pela inserção de um maior número de linhas, mas, sim, pela mobilidade que o nome do jornal tem, indo de um lado para outro em cada edição. Com uma disposição topológica que o mantém sempre no topo, ou próximo a ele, o jornal avoca a competência de um *saber* maior do que o de seus leitores.

Toda essa preocupação que se tem com a disposição eidética e topográfica está voltada para uma imagem que o destinador (jornal) constrói de seu destinatário (leitor). Ambos jornais são produzidos pelo *Grupo Folha*, um mesmo destinador com destinatários diferentes, conseqüentemente, as produções dos enunciados devem ser diferentes. No entanto, o tipo de arranjo visual por meio da verticalidade e da horizontalidade são marcas enunciativas que corroboram a existência de um único enunciador/destinador.

A alteração no número de colunas e linhas, no caso da *Folha de São Paulo*, é uma forma do mesmo jornal se apresentar novo (renovado) a cada dia, pois seu nome permanece intocável no topo da página. Para o *Agora São Paulo*, a mobilidade do nome e a variação no número de colunas o fazem um diferente jornal a cada alvorecer.

O leitor se ajusta a uma visualidade que reconhece e isso o aprazera porque a identidade visual do jornal não está alterada, mas está, apenas, um pouco diferente e ele – leitor – como de uma poção mágica, extrairá suas forças; seu *saber* será renovado, restaurado após a leitura do seu jornal.

Em sua produção enunciativa, o jornal *Agora São Paulo* lança mão do recurso de focalização que é definido da seguinte forma no *Dicionário de Semiótica* (Greimas & Courtès: 1989):

(...) o procedimento que consiste em inscrever (ou em delimitar), por aproximações concêntricas sucessivas, um ator ou uma seqüência narrativa, em coordenadas espaço-temporais cada vez mais precisas. Para fazer isso, o enunciador dispõe não somente das possibilidades oferecidas pela localização espaço-temporal, mas também e, sobretudo do procedimento de encaixe, graças ao qual uma pontualidade ou duração pode ser inscrita em uma outra duração, um espaço em outro espaço.³³

Por esse recurso, enunciador é capaz de conduzir seu enunciatário a direcionar o olhar – uma vez que esse é tido como um sujeito cognitivo – às palavras, que aquele julga mais importantes, para a compreensão das manchetes e das notícias. Nesse periódico, cada manchete traz, acima dela, um resumo (um caso de hiponímia) destacado também pela cor vermelha com o fundo branco. Segundo o *Dicionário de Semiótica* (Greimas & Courtès, 1989: 217), hiponímia é a relação que um termo apresenta quando é manifestado no lugar da categoria sêmica. Nesse resumo aparece a indicação do caderno e da página que pode ser encontrada a reportagem. Diferentemente da *Folha de São Paulo*, ele não tem a linha que separa o nome do jornal das reportagens. Tal diagramação insere o sujeito em seu discurso, tendo, por toda primeira página, uma enunciação enunciativa. O que confere um alto grau de parcialidade de um sujeito que, além de informar, sofre as mesmas coerções que os demais sujeitos.

A diagramação, distribuição das notícias, juntamente como o cromatismo, quase chegando a ser monocromático (somente o vermelho), as paradas pelas focalizações e pelas ancoragens – lançando mão da tematização e ou da figurativização da reportagem – conferem uma aceleração na leitura da primeira página. Uma leitura calcada na pontualidade, no momento, no agora, na especificidade de cada notícia. Algo direcionado para leitores que não dispõem de um tempo hábil em seus dias-a-dias para pararem e lerem o jornal e, se o fizerem,

³³ GREIMAS, A. J. & COURTÈS, J. *Opus citatum*. p. 189.

terão de obter informações o mais rápido possível. Um ritmo que se assemelha ao ritmo da 'vida' de seus leitores, o que atesta ambos estarem juntos no mesmo mundo conturbado.

No texto da primeira página do jornal *Folha de São Paulo*, observa-se um número bem menor de focalizações e resumos, permitindo uma leitura mais fluida, vagarosa. O leitor se depara, quando em frente ao jornal, com um sujeito com competência modal que enuncia. Mesmo com a lentidão e a continuidade (regularidade) das notícias que fazem o olhar escorrer pela página. Tem-se a impressão de que o regime de interação promovido é de ajustamento. No entanto, o que ocorre é uma manipulação por sedução. O sujeito-leitor é levado a sentir-se no mesmo nível do jornal e, com esse, um sujeito cognitivamente competente.

Com relação à aspectualidade, há uma pontualidade que é inserida na duratividade do dia. Esse recurso também permite a inserção de um espaço (aqui) no espaço (lá), pois os seus leitores dispõem de um tempo hábil para se dedicarem à leitura desse jornal.

No caso dos dois periódicos, o ritmo se torna uma espécie de linha melódica para uma enunciação jornalística; algo como uma linha melódica dos nossos enunciados orais. Essa alteração no ritmo define a que público o jornal se destina. Ele está para a enunciação do jornal, assim como a linha melódica e a entonação (modulação na emissão de uma sentença, que indica se tratar de uma afirmação, de uma pergunta, de um pedido ou de uma ordem, ou se o falante está contente, surpreso etc.) estão para a fala. Observa-se que o ritmo dos jornais são diferentes, definindo para qual tipo de leitor são destinados, mantendo uma proximidade com o tipo de movimentação diária que seus leitores têm.

Agora	vs	Folha
Subjetivo		Objetivo
Rude		Polido
Enunciação desmedida		Enunciação moderada
Pontualidade		Duratividade
Ritmo desmedido		Ritmo moderado

Em ambos periódicos, o programa narrativo de base é o de levar o leitor a se interessar em olhar toda à página para ser manipulado a um *querer-saber*.

$$PN = F \text{ (fazer olhar) } [S^1 \text{ (jornal) } \rightarrow (S^2 \text{ (leitor) } \cap O_v \text{ (saber)})]$$

Mesmo com ritmos diferentes, ambos utilizam o sincretismo de sistemas para poderem melhor montar suas estratégias enunciativas e argumentativas. Ao utilizar as relações articuladoras entre sistemas verbal e visual, a enunciação jornalística é concretizada na e pela disposição topológica e pelo ritmo que a tornam uma enunciação sincrética. Assim como nossos discursos quotidianos são sincréticos (verbal, gestual, proxêmica etc.) e se ajustam a uma intencionalidade do enunciador, o discurso do jornal também o é, pois traz uma foto (visual) que só passa a ter significado em sua relação com a reportagem (verbal) e com a disposição das notícias, sendo posicionadas de acordo com a intencionalidade do enunciador.

No entanto, se não forem textos coerentes e coesos, uma enunciação incoerente, o transeunte ficará apenas no regime por acidente, não passando para o regime de ajustamento. Se a enunciação for bem articulada, ter-se-á uma fatura na continuidade, o transeunte se deslumbrará com o 'inesperado', possibilitando, assim, um contrato de adesão que o levará a comprar o jornal.

4. Interações possíveis

“Que significa isso, senão que a apreensão estética aparece como um querer recíproco de conjugação, como um encontro, no meio do caminho, entre o sujeito e o objeto, no qual um tende rumo ao outro?”

Algirdas Julien Greimas

4.1. Regimes de sentido

A cada alvorecer, o jornal tenta promover regimes de sentido e de interação para com seus leitores e não-leitores. Esses são os que o jornal tenta cativar/conquistar, enquanto, aqueles, ele tenta manter. Em suas pesquisas, Eric Landowski (2004) propõe o regime de união (contágio), definindo como os tipos de estado do sujeito é que se transformam por sua colocação em contato direto, sem nenhuma espécie de mediação. Dentro desse regime, os sujeitos se sentem juntos e comungam do mesmo processo sensível; a manifestação em co-presença. E Eric Landowski postula:

Não somente o contágio opera então sem a mediação de nenhum agente físico na dimensão pragmática, mas ele se prolonga independentemente de qualquer objeto-mensagem transmitido no plano cognitivo. Ele atua ao mesmo tempo além do fisiológico, dado que se produz sem *causa*, e aquém do cognitivo, desde que intervenha sem motivo particular, ou seja, sem razão. Entretanto, a menos que remetamos o fenômeno à ordem do inefável, é preciso que *alguma coisa* passe de um sujeito ao outro para que haja ‘interação’ entre eles. É isso que reconhecemos ao dizer que o tipo de contágio que nos interessa pressupõe, na falta de causas ou razões, a presença de um sujeito para o outro. Estar presente para outrem já é comunicar, mesmo que aquém do plano cognitivo.³⁴

³⁴ LANDOWSKI, E. *Aquém ou além das estratégias – a presença contagiosa*. Tradução de Dílson Ferreira Cruz Júnior. In: Documentos de Estudos do Centro de Pesquisas Sociossemióticas – 3. São Paulo: Edições CPS, 2005, p. 24.

Existem quatro regimes de interação: a programação; a manipulação; o acidente e o ajustamento. Os regimes de programação e de manipulação são denominados regimes de junção por ocorrer neles uma relação entre dois sujeitos por meio de um objeto de valor, podendo resultar em uma conjunção ou uma disjunção entre sujeito e o objeto de valor. Já os regimes de acidente e ajustamento se denominam regimes de união, pelo fato do simples contato direto entre sujeitos e/ou objeto ser o deflagrador da significação e do sentido.

O regime de programação é calcado na regularidade e o sujeito não se altera. O seu programa narrativo não transforma sua identidade, simplesmente afirma e direciona para uma marcha repetida em direção ao mesmo papel temático. No regime de manipulação, as interações são constituídas com sujeitos com competências modais. Esse regime é caracterizado pelas transformações do sujeito e há uma intencionalidade por trás dele; o sujeito é alterado.

Nesses dois regimes, há a relação entre três actantes: dois sujeitos e um objeto. No caso da manipulação, a busca pelo objeto de valor resulta em uma transformação do sujeito. Transformado pela conjunção ou pela disjunção com o objeto. Na programação, o objeto é renovado, pois se trata de uma narratividade reprisada. Tem-se em ambos regimes, como orientador, o elemento cognitivo que, na manipulação é uma *competência cognitiva* e na programação, uma *expectativa inteligível*.

Nos regimes de acidente e de ajustamento, a relação se dá entre dois sujeitos ou entre um sujeito um objeto. A dimensão sensível é determinante para o efeito de sentido em ambas situações. O acidente é o regime da irregularidade total, da descontinuidade, do inesperado, do aleatório, do caótico. O efeito de sentido é dado a partir do encontro do sujeito com outro sujeito ou com o objeto de forma não

programada e sem a prioridade da dimensão cognitiva. O ajustamento, por sua vez, é o regime em que um modo de se ajusta ao outro. Ele se apóia na sensibilidade, capacidade de sentir o outro; sentir o que o outro está sentindo, tendo uma extrema importância o componente somático que se estrutura pelo operar de todos os sentidos do sujeito: tato, visão, paladar, audição, olfato, proxêmica etc. no processamento do sentido.

Eric Landowski distingue os quatro regimes de interação que processa cada um regime de sentido, apontando suas principais diferenças a partir das categorias: continuidade/descontinuidade; inteligível/sensível; segurança/aventura.

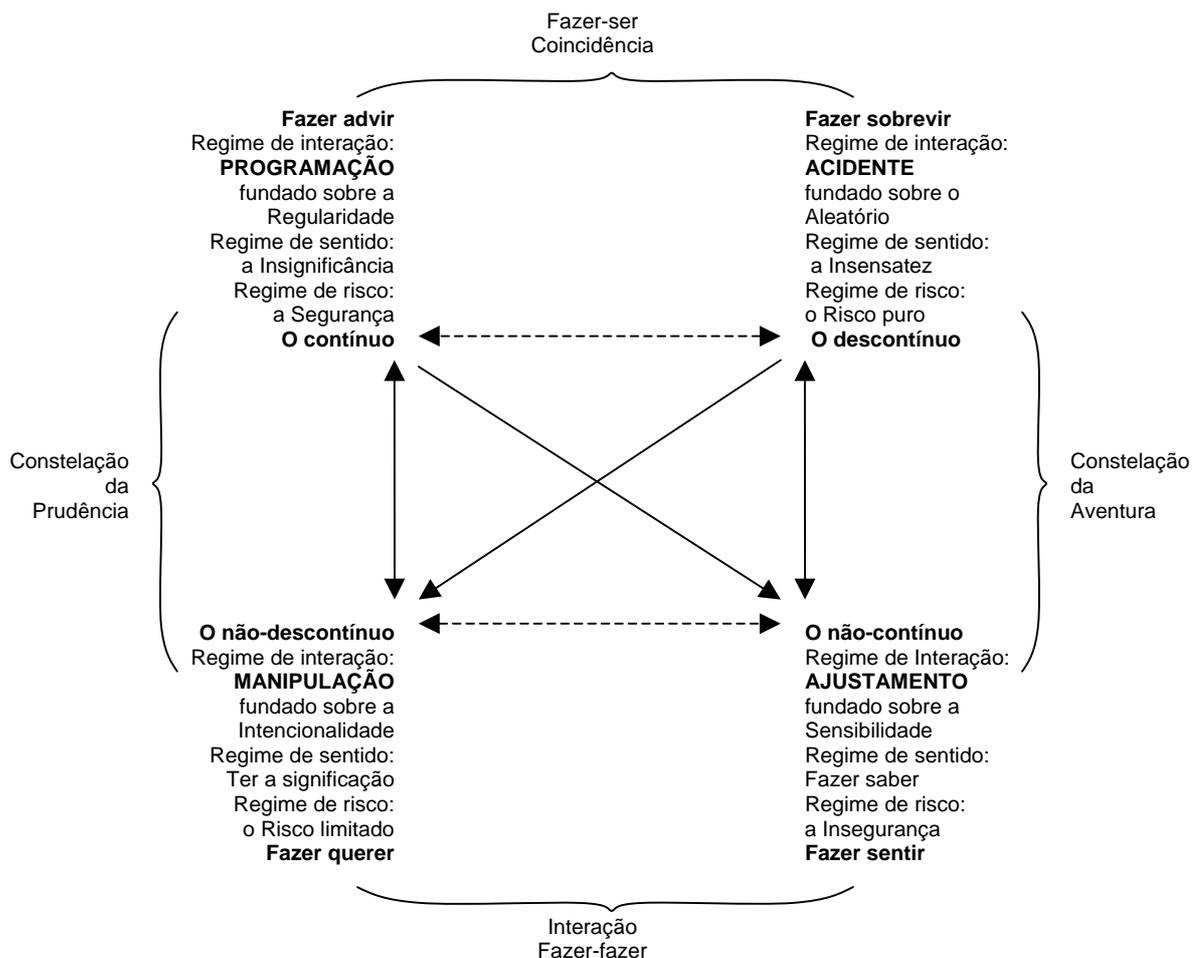


Figura 31 – Quadrado dos regimes de interação

4.2. A dádiva da interação entre leitor e jornal

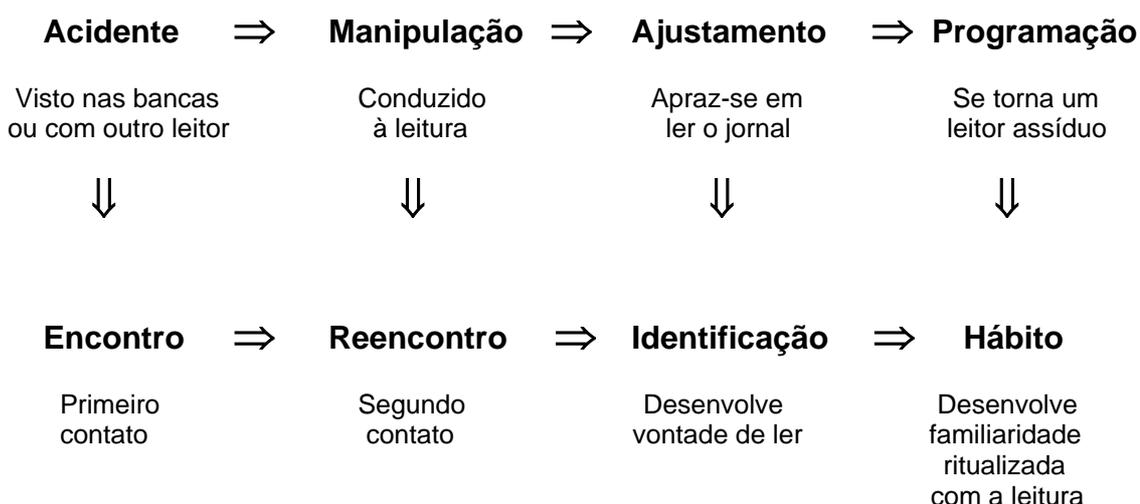
Em sua busca por meios de criar e fortalecer vínculos com seus leitores, o jornal se apresenta de várias formas. As formas mais comuns são: dobrado ao meio ou aberto expondo a primeira página inteira. Essa última é mais comum nas bancas. Em ambos casos, ele expõe, em primeiro plano, o seu nome (destacando seu modo de presença no mundo; sua identidade). Para os leitores que recebem o jornal diário em casa, o que existe é uma programação (hábito) que o jornal tenderá a querer preservar, por meio de manutenção, para não perder o leitor. Mas, para seus não-leitores que transitam pela metrópole, ele tenta promover uma nova interação que se dá, primeiramente por acidente que, por meio do acaso, vai entrando e fazendo parte da vida do leitor, pois muitos são leitores de outros jornais. Se tal leitor compartilhar dos valores que o jornal apregoa, certamente o que era um regime de acidente se tornará um regime de ajustamento. Essa relação jornal-leitor ficará tão forte que, em pouco tempo, o ajustamento passará a uma programação.

Nesse caso, o prazer está em ser informado por uma figura social que é tida como idônea pelo contrato fiduciário, cujo objeto de valor é seu posicionamento perante os fatos ocorridos, seu modo de 'ver' o mundo; a forma como sabe e sente o mundo. Tal contrato se estabelece no jogo de um fazer persuasivo que parte do destinador ao destinatário. No entanto, se o objeto desse fazer for a veridicção (um dizer verdadeiro) do enunciador, cuja busca visa um 'crer verdadeiro' que o enunciatário atribui ao discurso-enunciado, ter-se-á um contrato enunciativo (ou contrato de veridicção) que garante e reforça o discurso-enunciado. Esse é o tipo de contrato que o jornal promove. Se o contrato sanciona um programa narrativo no interior do discurso, ter-se-á, então, um contrato enuncivo. A relação fiduciária se

constitui devido ao fazer interpretativo do destinatário, essa relação comunga nos planos do *ser* e do *parecer* e pode, facilmente, passar de um ao lado para o outro, fazendo-se sucessivamente a asserção de um e de outro modo de existência. Como explicita Diana Luz Pessoa de Barros (1995):

Graças à interação da modalização do fazer na sintaxe narrativa, mais especificamente no percurso do destinador-manipulador, e a partir do exame das organizações sintáticas da manipulação, e da sua estrutura contratual de comunicação, a comunicação entre sujeitos não se deixou mais reduzir ao fazer informativo do destinador e ao fazer receptivo do destinatário, mas incluiu, também e, sobretudo, o fazer *persuasivo* do destinador e o fazer *interpretativo* do destinatário. Com isso, deram-se vários passos à frente no tratamento do processo de comunicação, das relações interacionais entre sujeitos, da dimensão argumentativa dos discursos e das relações intersubjetivas, em geral. As casas vazias ou neutras da emissão e da recepção, na teoria da comunicação, foram substituídas por sujeitos dotados de “competência modal variável”.³⁵

Nessa interação entre jornal e leitor o percurso narrativo tenderá a variar de acordo com o regime de sentido.



Tem-se para cada regime um percurso distinto:

³⁵ BARROS, D. L. P. *Sintaxe narrativa*, In OLIVEIRA, Ana Claudia de & LANDOWSKI, Eric (eds.). *Do inteligível ao sensível – em torno da obra de Algirdas Julien Greimas*. São Paulo: EDUC, 1995, p. 87.

Acidente: $PN = F$ (fazer ver) $[S^1$ (jornal) $\rightarrow S^2$ (leitor)]

Manipulação: $PN = F$ (fazer querer) $[S^1$ (jornal) $\rightarrow (S^2$ (leitor) $\cap O_v$ (saber))]

Ajustamento: $PN = F$ (fazer sentir) $[S^1$ (jornal) $\leftrightarrow S^2$ (leitor)]

Programação: $PN = F$ (fazer ser) $[S^1$ (jornal) $\rightarrow (S^2$ (leitor) $\cap O_v$ (saber e ser))]

O que pode ser visualizado no quadrado semiótico a partir dos tipos de relações que os articulam:

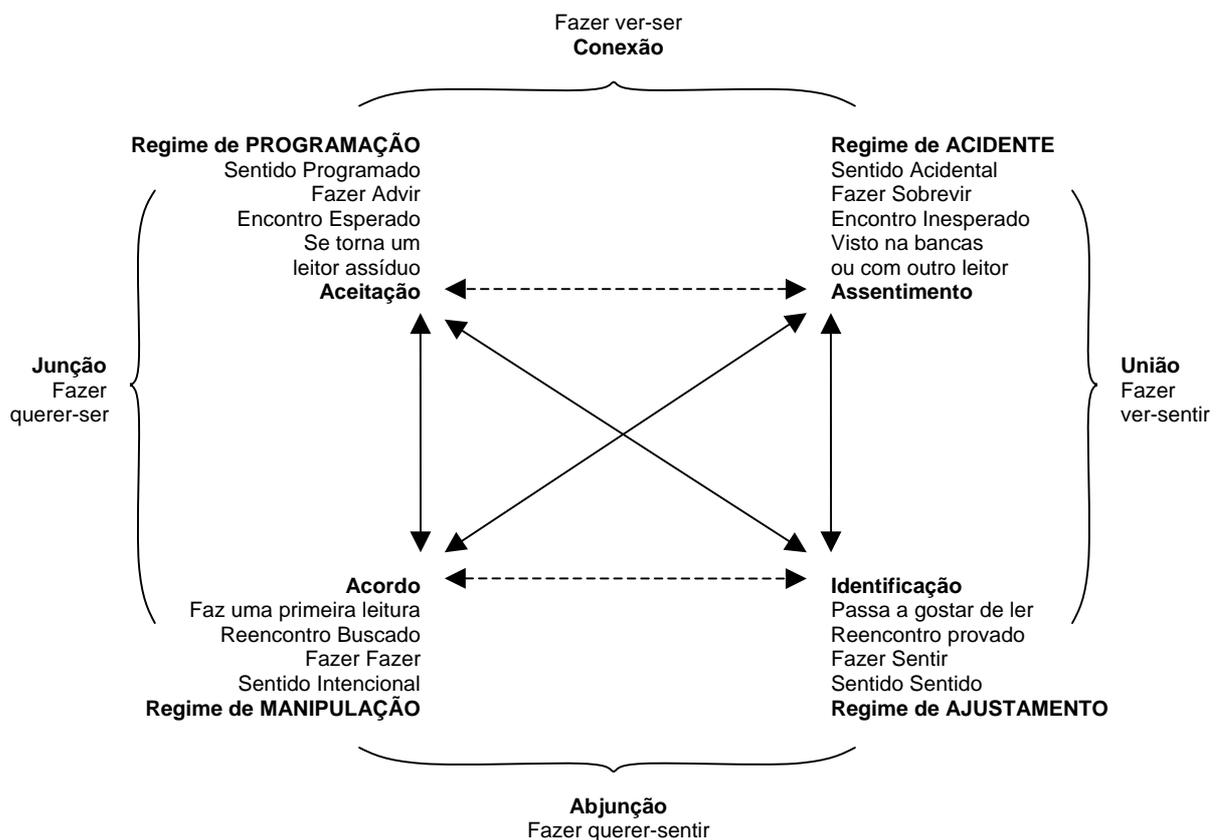
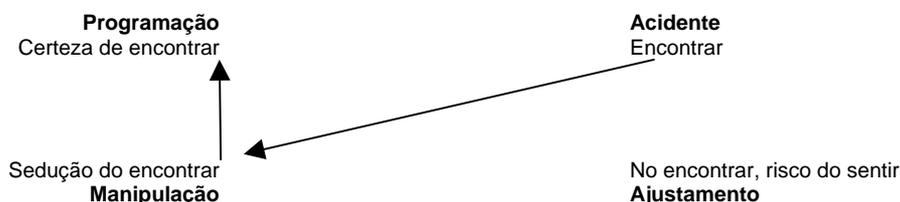
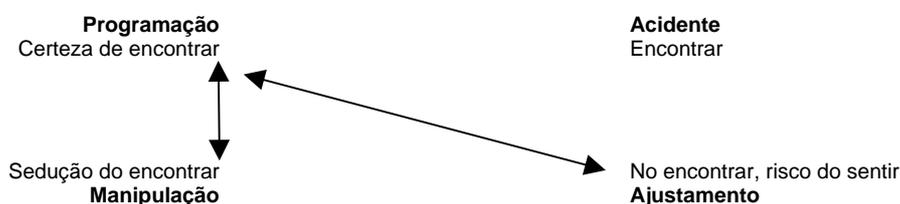


Figura 32 – Quadrado dos regimes de interação

Para os não-leitores do jornal ter-se-á o seguinte percurso que se inicia como um acidente (é visto) para, depois se tornar uma manipulação (dever-ler; querer-ler) e chegar a uma programação (hábito de ler):



e para os já leitores o percurso é um pouco diferente, pois passa de um ajustamento (o leitor já se identifica com o jornal) para uma programação (hábito de ler), indo para uma manipulação (dever-ler; querer-ler). Para com esses leitores, o jornal sempre mantém um via de mão dupla (ora manipulando, ora ajustando, ora programando):



O primeiro contato entre leitor e jornal se dá no acaso; por acidente. No segundo contato, o leitor é manipulado pelo *querer-saber* e pelo *crer-ser*. Após compartilhar dos valores que o jornal veicula, o leitor se ajusta a identidade visual do jornal, sentindo como parte dessa interação. Nessa relação, a programação aparece como um hábito com característica dos rituais, promovendo uma nova significação para a vida do leitor.

Na dêixis da união, segundo Eric Landowski, tem-se uma relação entre sujeito e objeto ou uma relação entre sujeitos. Nesse caso, a relação que aparece é entre o

aleatório e a sensibilidade, produzindo, assim, uma espécie de união que é sobredeterminada pela relação que se estabelece de forma acidental e sensível entre o sujeito e o objeto ou entre sujeitos. Em tal dêixis, estão os não-leitores do jornal (leitores que o jornal quer angariar).

Já na dêixis da junção, há uma relação entre sujeito – objeto – sujeito que se dá entre a intencionalidade e a regularidade. Nessa dêixis, estão os leitores do jornal (assinantes), que buscam, em seus hábitos de leitura, uma informação que, para eles, é tida como uma verdade incondicional. Um hábito que deve ser renovado diariamente, pois fazem parte de um grupo que o jornal tende a querer manter.

Por sua vez, no eixo dos sub-contrários (abjunção), há os leitores ocasionais do jornal. Lêem às vezes o jornal e não são leitores fixos de nenhum jornal. Em tal eixo, o leitor é manipulado a um *'querer-ler'* por meio da argumentação e enunciação sincrética que é apresentada na primeira página do jornal.

No eixo dos contrários (conexão), estão os leitores de mais de um jornal. Esse tipo de leitor busca em diferentes periódicos competências para compor o seu saber. Geralmente são os grandes investidores, especialistas em aplicações, cientistas políticos etc.

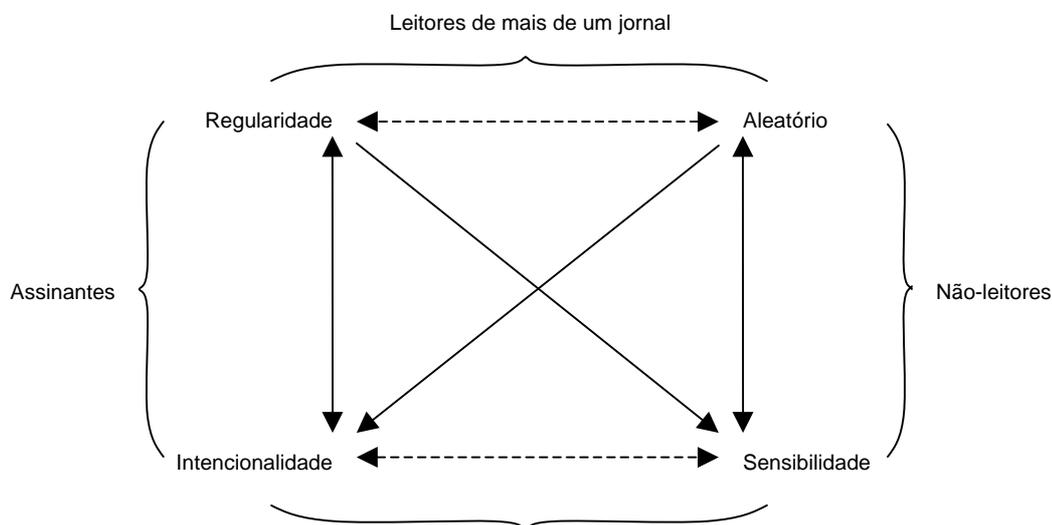


Figura 33 – Quadrado semiótico

Para realizar todas essas manobras, o jornal necessita de uma forma que o permita acionar, ao mesmo tempo, uma manipulação e um ajustamento; um acidente e uma programação; um acidente e uma manipulação; um ajustamento e uma programação etc. Algo que perpassa por todos os tipos de interação, permitindo uma maior força argumentativa por meio do uso de diferentes linguagens.

Como o jornal quer angariar novos leitores e manter os velhos, ele não pode se posicionar em apenas um lado do quadrado, sendo apenas aleatório ou intencional ou regular ou sensível. Ele deve transitar por todas as posições, o que lhe conferirá maiores possibilidades na tentativa de conseguir mais leitores novos e na manutenção de seus valores que são compartilhados com seus assinantes. Essa mobilidade permitirá um controle mais forte.

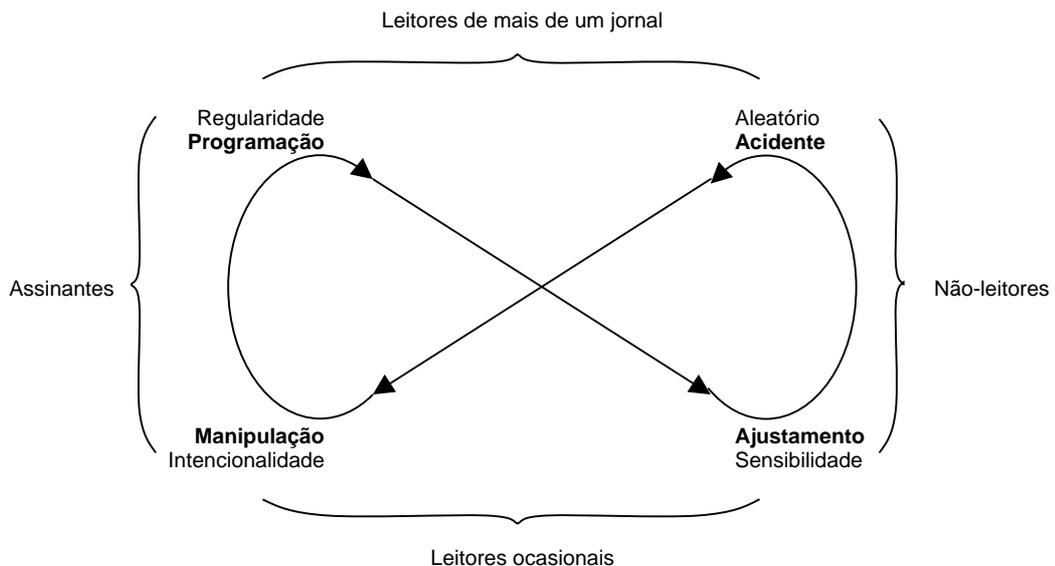


Figura 34 – Quadrado elíptico

Para conseguir tal façanha, o jornal lança mão de um sincretismo de sistemas em seus discursos. No entanto, se se tem um discurso é necessário que um sujeito enuncie tal discurso.

5. O sincretismo de sistemas

“O desenvolvimento da linguagem está tão inextricavelmente ligado ao da personalidade de cada indivíduo, da terra natal, da nação, da humanidade, da própria vida, que é possível indagar-se se ela não passa de um simples reflexo ou se ela não é tudo isso: a própria fonte de desenvolvimento dessas coisas”.

Louis Hjelmslev

Os textos tidos como sincréticos acionam vários sistemas semióticos articulados em sua manifestação, proporcionando tipos de superposição que, em uma adequação entre enunciador e enunciatário, convergem para juntos dizerem algo; compõem um significado. Segundo o *‘Dicionário de Semiótica’* (Greimas & Courtès, 1989), é:

Pode-se considerar o sincretismo como o procedimento (ou seu resultado) que consiste em estabelecer, por superposição, uma relação entre dois (ou vários) termos ou categorias heterogêneas, cobrindo-os com uma grandeza semiótica (ou lingüística) que reúne. (...) Num sentido mais amplo, serão consideradas como semióticas sincréticas as semióticas que – como a ópera ou o cinema – acionam várias linguagens de manifestação; da mesma forma, a comunicação verbal não é somente de tipo lingüístico: inclui igualmente elementos paralingüísticos (como a gestualidade ou a proxêmica), sócio-lingüístico etc.³⁶

Nessa concepção, o sincretismo é um ato de *semiose*, ou seja, “uma operação que, ao instaurar uma relação de pressuposição recíproca entre forma da

³⁶ GREIMAS, A. J. & COURTÉS, J. *Opus citatum*. Verbete sincretismo.p, 426.

expressão e a do conteúdo, produz signos”.³⁷ Nessa produção sónica (totalidade de significado), é possível encontrar diferentes formas de *semiose*. Na esteira do pensamento Louis Trølle Hjelmslev, Jean-Marie Floch (1993: 106) repensa a relação entre o plano do conteúdo e o plano da expressão pode ser de três tipos: simbólica, semiótica e semi-simbólica. Na relação simbólica, os dois planos estão em total conformidade – cada elemento da expressão corresponde a um só elemento do conteúdo. Na relação semiótica, por sua vez, não existe uma conformidade entre os planos, enquanto, na relação semi-simbólica, existe apenas uma categoria da expressão se relacionando com uma categoria do conteúdo é necessário que haja “uma relação racional com a coisa significada.”³⁸

O sincretismo conjunge diferentes sistemas de manifestação que são apreendidos na sua totalidade, uma vez que, passam a formar uma unidade significativa. Mas como se dá essa relação no texto jornalístico no seu articular do sistema verbal e do visual para expressar seu plano do conteúdo?

Se um texto é composto por diferentes sistemas que interagem entre si, há um aumento da veracidade e da credibilidade de sua informação, pois possibilita uma comparação entre diferentes planos de expressão em sua composição discursiva.

A introdução do sistema visual patrocina, para o texto jornalístico, um padrão de simultaneidade que se opõe ao caráter de sucessividade do sistema verbal, além de conferir padrões de imparcialidade à linguagem jornalística e acentuar a possibilidade de relações inteligíveis (estético; reconhecimento; compreender) e sensíveis (estésico; apreensão; sentir). Mas para que isso ocorra com uma maior eficácia, é necessário que os textos, em diferentes sistemas, dialoguem entre si,

³⁷ Idem. Ibidem. Verbete *semiose*. p, 408-9.

deixando de ser apenas um aglomerado verbo-visual e passarem a ter uma realização que permite criar regimes de sentido e de interação. Isso se explica pelo fato da fotografia, que registra um recorte do acontecimento, permitir ao enunciador instalar um *fazer-ver*, enquanto o texto verbal promove um *fazer-saber*. Juntos formam um *fazer-ver-saber*.

Se o texto for mais calcado no visual (mais simultâneo), sua leitura rítmica será mais veloz, mais acelerada, em *flashes*. Por sua vez, se calcado no verbal (mais contíguo), sua leitura rítmica será mais de moderada a lenta; em planos até atingir o plano geral.

Ritmo	Simultaneidade	Sucessividade Contigüidade
	Visual Plástico	Verbal Sonoro
Mais veloz	+	-
Mais lento, moderado	-	+

As proposições de Jean-Marie Floch apresentam uma explicação sobre a enorme importância do papel que imagens desempenham na produção do sentido. Ele propõe a distinção entre figurativo e figural (figurativo abstrato), na qual aquele é o “recorte usual do mundo natural”³⁹, enquanto esse é a “articulação do mundo visível ou de um universo visível construído, mas cujas unidades não são ainda ‘feitas’ no sentido de prontas com relação às figuras do mundo natural”.⁴⁰ Para ele, a semiótica plástica é um caso particular da semiótica semi-simbólica; uma “tentativa de assumir a hereditariedade epistemológica saussuriana – arbitrariedade do signo

³⁸ SAUSSURE, F. *Curso de Lingüística Geral*. 11ª ed. São Paulo: Cultrix, s/d, p. 87.

³⁹ FLOCH, J. M. *Petites mythologies de l’oeil et de l’esprit – pour une sémiotique plastique*, Paris: Hadès-Benjamins, 1985, p. 18.

em direção a uma reflexão sobre as qualidades sensíveis dos significantes visuais e sobre as condições de motivação da relação semiótica entre forma e conteúdo”.⁴¹ Observa-se que a semiótica plástica proporciona uma forma de interpretação semântica entre o significante e o significado que encontra nas cores, imagens, formas, diagramação, uma força para concretização do sentido; as “relações entre o olho e o espírito”.⁴²

5.1. Tipos de sincretismos

Para que diferentes textos se tornem sincréticos é necessário que, além de estarem juntos na primeira página – o que já é um sincretismo e uma intertextualidade – exista algo de racional que os unam. Pode-se observar nos textos sincréticos, a existência de diferentes tipos de superposição que uma categoria pode assumir.

Com base no isomorfismo dos planos, sabe-se que um plano homologa o outro. Dessarte, se o sincretismo aparece no plano da expressão, ele pode ser uma homologação do plano do conteúdo. Assim, o tipo de relação entre os planos do conteúdo definirá um tipo de sincretismo que é apresentado no plano da expressão.

Se na relação entre os sistemas, a superposição for dada por uma relação do tipo simbólica, teremos um sincretismo *pactual* – com os mesmos temas, mesmas figuras, mesmos actantes e mesmos atores em ambos sistemas. Nesse tipo de sincretismo um sistema contém o outro. Com uma superposição sobredeterminada por uma relação semiótica, ocorrerá um sincretismo *distal* - diferentes temas, figuras,

⁴⁰ Idem. Ibidem. p. 19.

⁴¹ Idem. Ibidem. p. 16.

⁴² FLOCH, J. M. *Opus citatum*. p. 19.

actantes e atores nos sistemas. Esse caso, por sua vez, os sistemas se afastam de forma que sua compreensão será dada por uma oposição entre eles. A superposição dada por uma relação semi-simbólica produzirá dois diferentes tipos de sincretismos: o *potencial* – mesmos temas com diferentes figuras e diferentes atores e o *nuclear* – mesmas figuras com diferentes temas e diferentes atores. Nessa forma de sincretismo, os sistemas se completam, um explica o outro.

Assim, cada tipo de relação terá uma certa exigência para sua compreensão. No caso de um sincretismo pactual, o conhecimento prévio do enunciatário não será muito exigido devido ao fato dos diferentes sistemas conterem os mesmos temas representados pelas mesmas figuras. Por sua vez, no sincretismo distal, os temas são diferentes e representados por figuras diferentes nos sistemas. Nesse tipo de sincretismo, há uma maior exigência de um conhecimento prévio do enunciatário. O sincretismo potencial trará os mesmos temas com diferentes figuras para representá-los, enquanto o sincretismo nuclear: temas diferentes terão figuras iguais em suas representação.

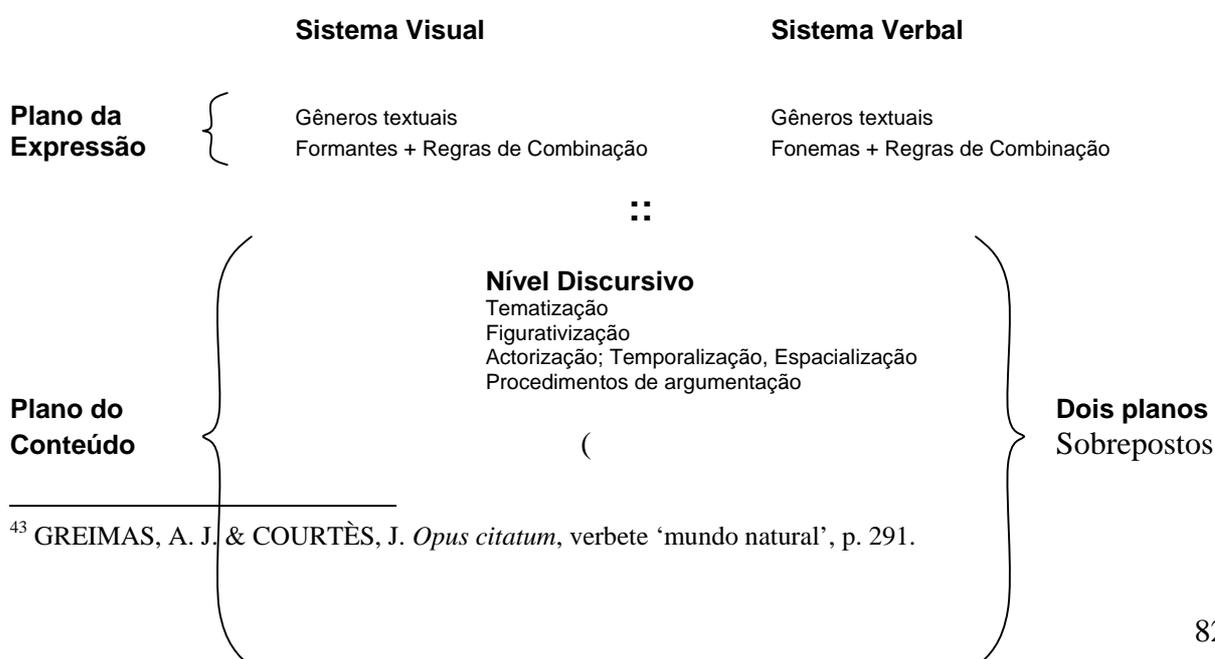
Em todos casos de sincretismo na mídia impressa, há a exigência de uma competência modal do enunciatário por parte do enunciador. Nessa interação, o uso do sincretismo atua como uma estratégia enunciativa e argumentativa, uma vez que está vinculada à intencionalidade de um enunciador em agir sobre seu enunciatário, produzindo contratos de *fidúcia*. Desse modo, ele promove simulacros de verdade e de dizer verdadeiro, uma vez que, permite a atuação conjunta de dois sistemas diferentes, unindo um *ler-saber-creer* a um *ver-saber-creer*.

Devido à competência exigida por cada tipo de relação sincrética para a sua apreensão (sensível) e reconhecimento (inteligível), o seu uso se torna uma espécie de seleção de seus enunciatários por parte do jornal. O sincretismo passa a ser uma

forma de segmentação de público do jornal, pois além de promover uma só enunciação, a forma como esses sistemas se articulam ajuda a formar a identidade do jornal e determina o seu posicionamento perante aos demais integrantes da mídia impressa.

A fotografia é um texto e, conseqüentemente, tem seu plano de expressão e seu plano de conteúdo. Por ter sido considerado por muito tempo como a ‘representação do real’, ela assume, no jornal, o papel de principal figurativizador, transformando temas, figuras, atores, oposições semânticas, tudo em figuras do mundo natural – “universo que se apresenta ao homem como um conjunto de qualidades sensíveis, dotado de certa organização (...) construído pelo sujeito humano e decifrável por ele”.⁴³

No caso do jornal impresso, observa-se que os diferentes sistemas (verbal e visual) se unem para formar um só texto. No entanto, não se deve esquecer que cada sistema tem sua própria articulação interna (seu plano de conteúdo e seu plano de expressão). Dessa forma, os planos de expressão se mantêm separados enquanto os planos do conteúdo se sobrepõem, mas não se anulam:



⁴³ GREIMAS, A. J. & COURTÈS, J. *Opus citatum*, verbete ‘mundo natural’, p. 291.

Nível Narrativo

Estados e Transformações do sujeito
Processo de timização
Procedimentos de convencimento



Nível Fundamental

Circulação de valores

Nessa situação, o enunciatário, pelo plano do conteúdo do texto verbal, terá uma modalização do *ler – saber – crer* e, pelo plano da expressão do texto visual terá, um *ver – saber – crer*. Dessa forma, ter-se-á a articulação de temas, de figuras e de atores nos sistemas diferentes, representando os objetos do mundo natural.

5.2. O sincretismo no jornal – da parte

5.2.1. Na *Folha de São Paulo*

No caso do jornal impresso, os sistemas que se articulam para formarem uma só enunciação são sistema verbal e sistema visual. Com o uso do sincretismo de sistemas, o jornal parece obter uma maior força enunciativa e argumentativa que auxilia na promoção do contrato de veridicção entre os sujeitos do discurso. Na *Folha de São Paulo*, esse recurso como é utilizado na reportagem de primeira página, na qual se observa um texto visual (o gráfico) e um texto verbal (a reportagem), mostrando a diferença entre o candidato a presidência Lula e seus adversários.

No gráfico, temos as fotos dos candidatos e suas pontuações nas pesquisas. O candidato Lula, em primeiro lugar, está marcado pela cor vermelha, que remete à cor utilizada por seu partido. O candidato Geraldo Alckmin aparece em segundo lugar marcado pela cor azul, seguido da candidata Heloisa Helena com a cor bordô.

O gráfico mostra as oscilações que ocorreram nas pontuações dos candidatos no decorrer de três meses.

A manchete confirma o que está sendo mostrado pelo gráfico: “Vantagem diminuiu, mas Lula mantém vitória no 1º turno”.

Por se tratar de uma reportagem sobre política, o sincretismo, no qual temas, figuras e atores estejam presentes em ambos os sistemas, outra situação, pode ser entendida como um certo partidarismo da figura social jornal. Há, nesse caso uma relação de semelhança; aproximação, uma vez que, são utilizados, no sistema verbal, os mesmos temas, figuras e atores que se apresentam no sistema visual. Poder-se-á dizer que, em tal enunciação sincrética, existe um pacto (um reconhecimento apoiado na relação simbólica: plano do conteúdo e plano da expressão) entre os sistemas (enunciação factual) e sua compreensão exige um menor conhecimento prévio do enunciatário sobre o fato relatado, pois os temas, quais são recobertos pelas figuras, são facilmente identificadas em ambas as linguagens. Assim como os atores em ambos os sistemas.

O visual é todo horizontal e nele se encaixa uma coluna (símbolo de Brasília). Essa topologia, juntamente com a distribuição, sugere um caminho de vôo para o helicóptero de Alckmin mudar o gráfico e chegar à presidência. A manchete dessa reportagem (sistema verbal) traz uma oração coordenada adversativa enquanto o sistema visual mostra como haveria a vitória. Nesse caso o valor de base (dado pelo inteligível, reconhecimento) é a queda em contra partida o valor de uso (dado pelo sensível, apreensão) é a ascensão.

Essa relação entre inteligível e o sensível (reconhecimento e apreensão) é uma demonstração da interação entre destinador e destinatário; enunciator e co-enunciador.

Inteligível ⇔ Sensível

::

Tipos de Interação

DATAFOLHA >> INTENÇÃO DE VOTO PARA PRESIDENTE
Pesquisa realizada de 20/04 a 21/04, em 1.000 entrevistas.

47% (Lula)	53% (Lula)
33% (Alckmin)	35% (Alckmin)
18% (Cristina)	9% (Cristina)

CAI A DIFERENÇA DE LULA PARA DEMÁS CANDIDATOS
Pesquisa realizada de 20/04 a 21/04, em 1.000 entrevistas.

AVALIAÇÃO DO GOVERNO LULA
Pesquisa realizada de 20/04 a 21/04, em 1.000 entrevistas.

LEIA CADERNO CONGRESSO ELEIÇÕES 2006
Regulamento especial das eleições da esfera legislativa, minucioso por abrangência de abrangência. Você também terá dois parâmetros para acompanhar o processo eleitoral: o primeiro mostra como eleições de deputados e senadores do Congresso para a composição da próxima legislatura.

Vantagem diminui, mas Lula mantém vitória no 1º turno

Diferença do presidente para a soma dos adversários caiu de 8 para 5 pontos, diz Datafolha

A quatro dias das eleições, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva continua favorito para se reeleger já no domingo, mas a chance de segundo turno aumentou, de acordo com a Datafolha.

Em relação à pesquisa anterior, Lula se manteve em 47%. Sua diferença para a soma dos adversários caiu de oito para cinco pontos. Lula tem 53% dos votos válidos, ante 33% no dia 22.

Gerardo Alckmin (PSDB) recuou no nível de intenção de voto, de 35% para 33%, sua maior índice até agora.

No início do mês, antes de encerrar de cinco meses de campanha por petistas contra o caso, Lula tinha 12 pontos a mais que os concorrentes.

No anúncio de segundo turno, ele derrotaria Luiz Alckmin por 52% a 48%. Na pesquisa anterior, o placar estava em 54%-a-39%.

No Rio, Lula também venceu no primeiro turno com 53% dos votos válidos. Ele já não será votado a último debate na TV entre os candidatos. Até ontem, presidente não decidia a quem venceria.

Assessor de Mercadante entregou dinheiro, diz PF

Após análise gravadora de vídeo, a Polícia Federal disse que Hamilton Lucena, então coordenador da campanha de Alckmin Mercadante (PP), entregou mais um dinheiro aos petistas. Godmar Pinheiro Passos e Valdebrun Padilha da Silva, em hotel de SP, no último dia 14.

Godmar e Valdebrun foram presos em 18 de maio em São Paulo e em 2004 em dois outros casos de compra de votos contra Lucena, segundo a PF, no âmbito anterior ao Brasil por meio do banco do Brasil, de SP. Mercadante já renunciou a Lucena não há localidade.

Alckmin nega ter deixado rombo nas contas de SP

O presidente do Banco, Gerardo Alckmin, nega ter deixado rombo de R\$ 1,2 bilhão em São Paulo, como disse o governador Cláudio Francelino, em 14 de maio.

Justiça autoriza quebra de sigilos de seis petistas

A Justiça autorizou a quebra dos sigilos telefônicos e bancários de Fátima Godoy Godoy Passos, Valdebrun Padilha, Jorge Lorenzetti

10,5% dos brasileiros não têm acesso a

PLANO DE VÔO
O faciano Gerardo Alckmin no helicóptero que usou para fazer campanha em Campinas (14 de maio de 2006) em São Paulo. O plano de voo de Lula para o presidente e o debate de hoje.

Figura 35 – Reportagem da Folha de São Paulo

	Sistema Visual		Sistema Verbal	
Plano da Expressão	Gêneros Textuais	Fotografia	Gêneros Textuais	Reportagem
	Formantes + Regras de combinação	Eidético: Linhas Topológico: Superior x Inferior; Lateral x Centro Cromático: Vermelho; Azul. Matérico: Papel Jornal	Fonemas + Regras de Combinação	Aliteração das consoantes nasais 'M' e 'N'; Oração coordenada adversativa; Argumento de autoridade (Datafolha)

Plano do Conteúdo	Discursivo	Tema: Queda Figura: Vantagens	Discursivo	Tema: Queda Figura: Vantagens
	Narrativo	Actantes: Lula; Geraldo Alckmin e Heloisa Helena	Narrativo	Actantes: Lula; Geraldo Alckmin e Heloisa Helena
	Fundamental	Ascensão X Queda	Fundamental	Ascensão X Queda

Nesta página (fig. 19), Há uma reportagem sobre o assassinato do ministro da indústria do Líbano, Pierre Gemayel, representante de uma minoria cristã maronita no governo e adversário da Síria e do Hizbollah. Neste caso, tem-se um sincretismo pactual por haver temas, figuras e actantes que são facilmente identificadas nos dois sistemas. Nos dois sistemas pode-se encontrar a oposição de base vida vs morte; figuras como tiros, o tema da morte.



Figura 36 – Reportagem Folha de São Paulo

	Sistema Visual		Sistema Verbal	
Plano da Expressão	Gêneros	Fotografia	Gêneros	Reportagem
	Textuais	Eidético: Vertical x Horizontal	Textuais	Uso de períodos simples; Uso de figuras de linguagem; zeugma; Assonância das vogais 'A' e 'I';
	Formantes +	(Inclinado)	Fonemas +	
	Regras de combinação	Topológico: Esquerda x Direita	Regras de combinação	
		Cromático: Policromático x		

		Monocromático Matérico: Papel Jornal		
Plano do Conteúdo	Discursivo	Tema: Morte Figura: Vidro do carro com marcas de tiros	Discursivo	Tema: Morte Figura: Tiros
	Narrativo	Actantes: Militares	Narrativo	Actantes: Pierre Gemayel
	Fundamental	Vida x Morte	Fundamental	Vida x Morte

Nesta outra primeira página do jornal *Folha de São Paulo*, a foto de maior destaque é do jogador Ricardinho erguendo a taça de campeão. O texto verbal é pequeno e com períodos curtos que têm relação com a foto. Um jogador erguendo uma taça se tornou uma das representações (figura) mais comum para demonstrar a conquista da vitória no mundo dos desportos.

Nesse texto, há a palavra “*bicampeão*” que está na cor verde abacate, que também é a cor que indica o caderno: ‘*Esportes*’. Pelo cromatismo, o leitor apreende do que se trata a reportagem e em que caderno poderá encontrá-la. Além de ser levado à outra reportagem que tem por manchete:

“As melhores e as piores séries do ano que vem”

Cria-se, assim, uma intertextualidade por meio do cromatismo. Essa intertextualidade se dá por estilização, pois mantêm a mesma cor. Se houvesse cores diferentes, ter-se-ia uma intertextualidade por polêmica (confronto de textos). Esse cromatismo promove um ritmo ao texto que é um arranjo de plano da expressão. No caso dessa enunciação sincrética, tem-se, no sistema verbal, uma focalização na palavra: “*bicampeão*”. No entanto, a figura da expressão do sistema visual tem como tema a vitória, não definindo se se trata da primeira, segunda ou terceira vitória no mesmo campeonato. Essa é uma relação de contensão, pois o sistema visual contém o tema, mas a figura que aparece no sistema visual difere da figura do sistema verbal. Um caso de metonímia. Essa enunciação sincrética pode

ser denominada de enunciação nuclear, pois há a suspensão de um único tema e o enunciatário deve ser dotado de um conhecimento prévio para uma melhor compreensão do enunciado para saber que o Brasil já havia conquistado esta competição anteriormente.



Figura 37 – Reportagem da Folha de São Paulo

	Sistema Visual		Sistema Verbal	
Plano da Expressão	Gêneros Textuais Formantes + Regras de combinação	Fotografia Eidético: Topológico: Superior x Inferior Cromático: Monocromático x Policromático Matérico: Papel Jornal	Gêneros Textuais Fonemas + Regras de Combinação	Reportagem Períodos simples; Aliteração das consoantes nasais 'M' e 'N'; Assonância das vogais 'A' e 'E';
Plano do Conteúdo	Discursivo	Tema: Vitória Figura: Taça	Discursivo	Tema: Segunda Vitória Figura: Taça

	Narrativo	Actantes: Ricardinho	Narrativo	Actantes: Ricardinho; Giba; Brasil; Polônia
	Fundamental	Vitória X Derrota	Fundamental	Vitória x Derrota

No caso da reportagem da *Folha de São Paulo* (fig. 21), a foto de maior destaque mostra um casal em meio aos enfeites natalinos com sua bagagem. Na manchete dessa reportagem é possível encontrar o motivo da espera do casal:

“Governo cria ‘gabinete de crise’ contra o caos aéreo”.

No sistema verbal, pode-se compreender o percurso temático que é do “caos aéreo” e suas figuras são “vôos cancelados”, “malas sem dono”, “atraso”. Por sua vez, no sistema visual, observa-se o tema de uma ‘espera’ com dois atores diante de suas malas. A figura ‘mala’ aparece em ambos sistemas. Contudo, os temas são diferentes. De um lado, o tema é o ‘caos aéreo’ e, do outro, a ‘espera’. É evidente que a ‘espera’ é causa do ‘caos aéreo’, porém são temas diferentes, ou seja, o sistema visual aparece como uma consequência do sistema verbal. Essa enunciação forma um sincretismo nucleal: mesmas figuras e temas diferentes.

A legenda, que segue a fotografia do casal, propicia uma relação com todas as outras reportagens sobre o caos aéreo, enfatizam que tal situação culmina com a espera dos passageiros por seus vôos. Dessa forma, a legenda assume o papel de termo que possibilitará uma inteligibilidade dos sistemas em questão. O sistema verbal promove uma limitação isotópica para o sistema visual, evitando, assim que o leitor faça uma leitura inadequada do texto. Nesse caso, o sistema verbal atua como englobante enquanto o sistema visual é o englobado.



Passageiros esperam voo no saguão do aeroporto de Congonhas, em SP; no desembarque, cerca de cem malas foram extravaliadas

Governo cria 'gabinete de crise' contra o caos aéreo

Em todo o país, ao menos 122 voos foram cancelados e 436 atrasaram



CORES UNIDAS

Manifestação com 4.000 pessoas, segundo a PM, promovida pelas centrais sindicais em Brasília; as entidades pedem um salário mínimo de R\$ 420 e uma política para os reajustes Pág. 01

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva criou um "gabinete de crise", sob o comando da ministra da Casa Civil, Dilma Rousseff, que centralizará dados e medidas para tentar acabar com a crise do sistema de tráfego aéreo.

O presidente quer que o gabinete elabore um "pacote" para acabar com o caos.

Algumas medidas dependem da investigação da pane de terça-feira, feita pelo Instituto Tecnológico da Aeronáutica, pela empresa italiana que vendeu o sistema ao Brasil e pela Polícia Federal.

Segundo a Agência Nacional de Aviação Civil, 122 voos, de 1.184, haviam sido cancelados no país até as 18h. Outros 436 tiveram atraso superior a uma hora.

No aeroporto de Brasília, havia filas desde a madrugada. Com os hotéis lotados, passageiros chegaram a ser instalados em motéis pelas companhias aéreas.

Em Congonhas, passageiros e funcionários discutiram. Na área de desembarque, havia cerca de cem malas sem dono.

Continuação da matéria de Luiz Inácio Lula da Silva, 01

Atraso cancela 2 transplantes de órgãos no país

A crise aérea provocou o cancelamento de dois transplantes de órgãos. No Rio, uma dona-de-casa deixou de receber um rim proveniente de Belo Horizonte. Outro prejudicado foi um menino de um ano que chegou a ser internado em São Paulo — o fígado que ele receberia não apareceu a tempo. Pág. 01

Planalto deve trocar cúpula do setor de aviação

A crise aérea deve resultar na substituição de Waldir Pires no Ministério da Defesa, de Luiz Carlos Bueno no comando da Aeronáutica e do general Jorge Armando Félix no Gabinete de Segurança Institucional. O presidente Luiz Inácio Lula da Silva já estudou nomes para a Defesa e o CGL. Pág. 01

Figura 38 – Reportagem da Folha de São Paulo

	Sistema Visual		Sistema Verbal	
Plano da Expressão	Gêneros Textuais Formantes + Regras de combinação	Fotografia Eidético: Circular x Quadrilátero Topológico: Englobado x Englobante Cromático: Policromatismo Matérico: Papel Jornal	Gêneros Textuais Fonemas + Regras de Combinação	Reportagem Aliteração da consoante 'C'; Assonância das vogais 'O', 'A' e 'E'; Inversão da ordem direta da oração
Plano do Conteúdo	Discursivo	Tema: Espera Figura: Casal; malas	Discursivo	Tema: Ordem Figura: Filas; Crise
	Narrativo	Actantes: Um casal	Narrativo	Actantes: Lula; Dilma Rousseff;
	Fundamental	Pausa (espera) x Dinamismo (ação, movimento)	Fundamental	Ordem x Caos

Na reportagem do dia 22 de maio (fig. 22), pode-se observar um sincretismo do tipo distal, pois os planos do conteúdo são diferentes nos dois sistemas. Nesse caso, a legenda, também, atua como um limitador isotópico, pois esse tipo de sincretismo requer um maior conhecimento prévio do leitor.

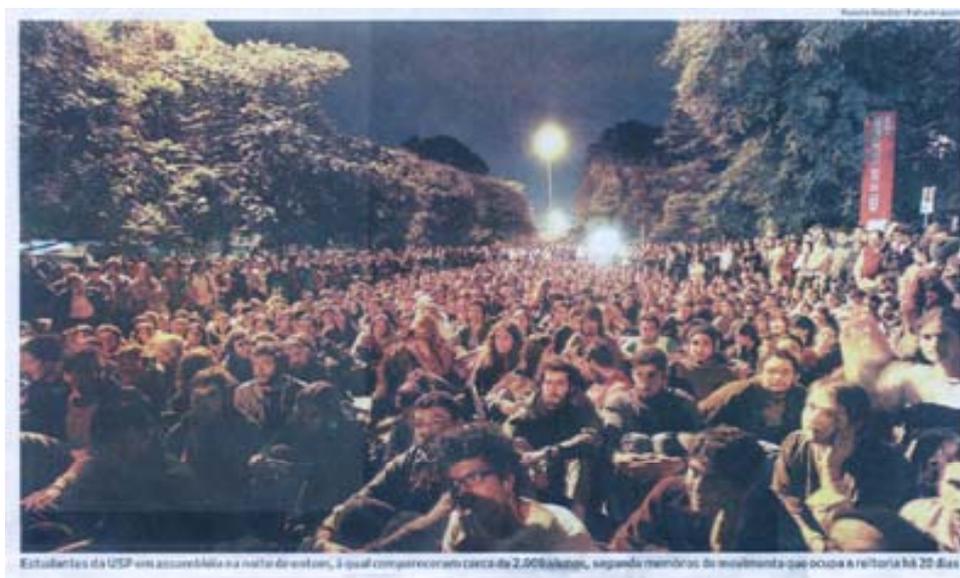


Figura 39 a – Reportagem da Folha de São Paulo – Texto visual



Figura 39 b – Reportagem da Folha de São Paulo – Texto Verbal

		Sistema Visual		Sistema Verbal	
Plano da Expressão	Gêneros	Fotografia		Gêneros	Reportagem
	Textuais	Eidético: Vertical x Horizontal		Textuais	Uso de períodos simples e compostos;
Formantes + Regras de combinação	Formantes + Regras de combinação	Topológico: Superior x Inferior		Fonemas + Regras de Combinação	Aliteração das consoantes nasais 'M' e 'N'; Assonância das vogais 'A', 'E', 'O';
		Cromático: Verde x Bordô			Texto mais próximo da poesia do que da prosa
Plano do Conteúdo		Matérico: Papel Jornal			
	Discursivo	Tema: Espera		Discursivo	Tema: Prisão
	Narrativo	Figura: Multidão sentada		Narrativo	Figura: Comandante; Polícia Militar
Fundamental	Actantes: Multidão		Fundamental	Actantes: Comandante; Alunos; Reitora	
	Natureza x Cultura			Liberdade x Prisão	

Pelos exemplos analisados, no jornal *Folha de São Paulo*, observa-se que os tipos de sincretismos que aparecem em suas primeiras páginas variam, de forma que projetam um simulacro de um destinatário/enunciário com uma competência modal que o permite, em um primeiro momento, compreender o que é noticiado (inteligível) e, em um segundo momento, apreender (sensível) a forma como o jornal se posiciona perante o que é noticiado. Seu leitor tem universo interpretativo amplo que o possibilita não só ler, mas também sentir a notícia.

Observa-se que o programa narrativo desse jornal está pautado no *quer-ser* de seus leitores. Dessarte, o programa narrativo é um programa de performance, no qual o sujeito do fazer (jornal) e o sujeito do estado (leitor) estão sincretizados em único sujeito; eles são iguais. Nesse caso, a aquisição se dá por apropriação:

$$\text{PN} = \text{F}_{\text{(fazer sentir)}} [\text{S}^1_{\text{(jornal)}} \rightarrow (\text{S}^2_{\text{(leitor)}} \cap \text{O}_v_{\text{(querer ser)}})]$$

5.2.2. No Agora São Paulo

No caso do jornal *Agora São Paulo*, em sua reportagem sobre as pesquisas para presidente, observa-se também um sincretismo de sistemas, promovendo uma enunciação sincrética como uma maior força enunciativa e argumentativa. No entanto, esse jornal utiliza, nessa primeira página, mais os recursos da linguagem verbal como a hiponímia e o cromatismo para enfatizá-la. A relação hiponímica se dá quando um termo (hipônimo) é utilizado no lugar de sua categoria sêmica; um caso de metonímia.

Nessa reportagem (fig. 23), há o sistema visual (gráfico) e o sistema verbal (reportagem). O gráfico denota a ascensão do candidato Lula e a diferença entre seus candidatos. Por sua vez, a manchete da reportagem traz a palavra “*cai*” em cor diferente das demais palavras do enunciado. Tem-se um caso de focalização, que segundo o *Dicionário Semiótica* (Greimas & Courtès: 1989) é a delegação feita pelo enunciador (sujeito cognitivo) a um enunciador. Esse procedimento permite certos conjuntos de valores do ponto de vista do enunciador. Ela atua como uma estratégia enunciativa, na qual, o enunciador lança mão para que seu enunciatário se mostre cognitivamente competente.

“Vantagem de Lula sobre rivais cai para 5 pontos”.

Esta focalização hiponímica chama a atenção para o aspecto pontual da notícia que, conforme Greimas & Fontanille (1993: 114), é uma categoria hierarquicamente superior à figurativização, temporalização e actorização, homologando sua atualidade. No entanto, nessa reportagem, no sistema visual, é utilizado um recurso denominado de paródia. Segundo Bahktin (1997: 189), a paródia é o uso do discurso do outro com uma carga semântica diferente; imprime uma nova orientação significativa. Tal recurso não confere uma perda ao contrato fiduciário entre leitor e jornal, mas agrega os valores que o jornal conserva. Nessa primeira página, a enunciação sincrética, também, se dá por pactuação.



Figura 40 – Reportagem do Agora São Paulo

	Sistema Visual		Sistema Verbal	
Plano da Expressão	Gêneros Textuais Formantes + Regras de combinação	Fotografia Eidético: Linhas Topológico: Superior x Inferior Cromático: Vermelho; Azul; Bordô; Verde Matérico: Papel Jornal	Gêneros Textuais Fonemas + Regras de Combinação	Reportagem Linguagem mais próxima da coloquial; Focalização (hipônimo e hiperônimo); Argumento de autoridade (Datafolha); Assonância da vogal 'A'; Paródia
Plano do Conteúdo	Discursivo	Tema: Queda Figura: Linhas indicando a pontuação	Discursivo	Tema: Queda Figura: Cai 5 pontos
	Narrativo	Actantes: Caricatura dos Candidatos: Lula; Geraldo Alckmin e Heloísa Helena	Narrativo	Actantes: Lula; Geraldo Alckmin e Heloísa Helena
	Fundamental	Ascensão x Queda	Fundamental	Ascensão x Queda

Na reportagem da primeira página do dia 22 de novembro (fig. 24), ilustra um caso de sincretismo factual. A reportagem trata do casamento do jogador de futebol, Ronaldo, com a modelo, Raica. Tem-se uma relação explícita que não pode ser não notada e assim o leitor não necessita de um conhecimento mais apurado para compreender/ler a reportagem. O universo interpretativo desse leitor é mais restrito, uma vez que, esse tipo de sincretismo promove uma facilidade na interpretação dos textos.



Figura 41 – Reportagem Agora São Paulo

	Sistema Visual		Sistema Verbal	
Plano da Expressão	Gêneros Textuais Formantes + Regras de combinação	Fotografia Eidético: Vertical x Horizontal Topológico: Esquerda x Direita Cromático: Matérico: Papel Jornal	Gêneros Textuais Fonemas + Regras de Combinação	Reportagem Maior uso de períodos simples; Aliteração das consoantes nasais 'M' e 'N'; Assonância das vogais 'A', 'O', e 'E'
Plano do Conteúdo	Discursivo	Tema: Proximidade Figura: Inserção social; Bem estar	Discursivo	Tema: Matrimônio Figura: Trocar as alianças
	Narrativo	Actantes: Ronaldo; Raica	Narrativo	Actantes: Ronaldo; Raica
	Fundamental	Junto x Separado	Fundamental	Solteiro x casado

Na primeira página do jornal *Agora* (fig. 25), a foto de maior destaque é a dos jogadores da seleção brasileira de voleibol. Na expressão verbo-visual tem-se os mesmos temas e figuras. Contudo o cromatismo é, também nesse jornal, muito importante por permitir uma interação de ajustamento entre jornal e leitor. Nessa reportagem, a manchete:

“Geração papa-tudo abre nova era do vôlei”.

está na cor branca preenchida pelo azul, que é a cor que representa o caderno de desportos: “*Vencer*”, permite uma relação com a palavra “*mundial*” que está na cor azul dentro da manchete. A parte preenchida pelo azul é uma assunção de valores do jornal; um posicionamento perante o fato ocorrido. O uso da linguagem coloquial proporciona uma maior proximidade entre jornal e leitor que numa interação direta compartilha desses valores. Nesse caso, a enunciação, também, é do tipo nuclear, tem-se uma figurativização eufórica e coletiva que recobre o tema da vitória que é reiterado para compor a enunciação.



Figura 42 – Reportagem do Agora São Paulo

	Sistema Visual		Sistema Verbal	
Plano da Expressão	Gêneros Textuais Formantes + Regras de combinação	Fotografia Eidético: Vertical x Horizontal; Figura x Fundo Topológico: Nítido x Desfocado Cromático: Policromático x Monocromático Matérico: Papel Jornal	Gêneros Textuais Fonemas + Regras de Combinação	Reportagem Uso de linguagem coloquial; Focalização; Uso de oração subordinada explicativa; Inversão da ordem direta da oração
Plano do Conteúdo	Discursivo	Tema: Vitória Figura: Taça; Comemoração	Discursivo	Tema: Segunda Vitória Figura: Campeões; Topo do pódio
	Narrativo	Actantes: Jogadores	Narrativo	Actantes: Bernadinho; Giba; Ricardinho
	Fundamental	Vitória x Derrota	Fundamental	Vitória x Derrota

Na primeira página do jornal *Agora* (fig. 26), tem-se uma foto de uma criança que foi internada, mas não recebeu o órgão devido aos problemas nos aeroportos. Nesse caso, o sincretismo de sistemas se dá, por oposição, pois o actante que se apresenta no texto visual não é possível relacionar com o actante do texto verbal,

entretanto. O tema da necessidade do transplante também não aparece no sistema visual. Nessa reportagem, há um apelo mais sensível; uma tentativa provocar uma estesia no leitor; fazendo-o sentir.

O enunciatário só acredita que o actante que aparece no texto verbal é o mesmo que está no texto visual pela força do contrato fiduciário, que faz com que aquele confie neste enunciador chamado de jornal.



Figura 43 – Reportagem do Agora São Paulo

	Sistema Visual		Sistema Verbal	
Plano da Expressão	Gêneros Textuais	Fotografia Eidético: Vertical x Horizontal	Gêneros Textuais	Reportagem
	Formantes + Regras de combinação	Topológico: Nítido x Desfocado Cromático: Amarelo; Vermelho Matérico: Papel Jornal	Fonemas + Regras de Combinação	Aliteração das consoantes nasais 'M' e 'N'; Assonância das vogais 'A', 'E', 'O' Uso de períodos simples e compostos (coordenadas aditivas e adversativas)
Plano do Conteúdo	Discursivo	Tema: Brincadeira Figura: Garoto	Discursivo	Tema: Doença Figura: Doença; rim; hemodiálise
	Narrativo	Actantes: Garoto	Narrativo	Actantes: Menino; Gabriel
	Fundamental	Vida x Morte	Fundamental	Vida x Morte

Nessa outra reportagem (fig. 23), a relação estabelecida promove um sincretismo pactual, as oposições da categoria de base se reúnem numa mesma figura do conteúdo que é reiterada realizando um só tema.



Figura 44 – Reportagem Agora São Paulo

	Sistema Visual		Sistema Verbal	
Plano da Expressão	Gêneros	Fotografia	Gêneros	Reportagem
	Textuais	Eidético: Vertical x Horizontal	Textuais	Uso de aposto; aliteração de consoantes
	Formantes + Regras de combinação	Topológico: Esquerda x Direita; Alto x Baixo Cromático: Policromático x Monocromático Matérico: Papel Jornal	Fonemas + Regras de Combinação	nasais 'M' e 'N'; Assonância das vogais 'A', 'E', 'O'; Uso de período simples
Plano do Conteúdo	Discursivo	Tema: Prisão Figura: Garoto	Discursivo	Tema: Criminalidade Figura: Menino; Polícia; Vara do menor
	Narrativo	Actantes: Garoto	Narrativo	Actantes: Garoto
	Fundamental	Liberdade x Prisão	Fundamental	Liberdade x Prisão

Observa-se que o sincretismo de sistemas promove uma enunciação sincrética. Dessa forma, a força argumentativa se vê fortalecida por mais de um sistema. Assim como em nossos discursos diários, utilizamos uma enunciação sincrética, o jornal utiliza diferentes sistemas para concretizar a sua estratégia argumentativa. O sincretismo é um forte aliado nesse âmbito, promovendo uma interação muito maior entre jornal e o leitor.

Nesses exemplos analisados, pode se observar que o jornal *Agora São Paulo* também varia no uso dos tipos de sincretismos. No entanto, ele lança mão do recurso de focalização para limitar a gama de interpretação de seus leitores, pontuando e marcando aquilo que lhe é mais importante dentro do que noticia.

O uso do imperativo (“leve”; “compre”; “saiba” etc.) aparece como um outro recurso de orientação da leitura, que coloca o jornal como um enunciador-destinador de um *saber-fazer* e o leitor como um sujeito que precisa ser orientado para melhor viver as coerções mundanas. Destarte, o seu programa narrativo é um programa de competência, no qual o sujeito do fazer (jornal) e o sujeito do estado (leitor) são diferentes. Nesse programa, há a aquisição de valores modais por doação.

$$\mathbf{PN} = \mathbf{F}_{\text{(fazer fazer)}} [\mathbf{S}^1_{\text{(jornal)}} \rightarrow (\mathbf{S}^2_{\text{(leitor)}} \cap \mathbf{O}_v_{\text{(dever-fazer)}})]$$

Pelos exemplos analisados nos dois jornais, observa-se que tipo de sincretismo atua como um segmentador de público, uma vez que, para cada tipo de sincretismo há a necessidade de uma competência cognitiva diferente. Se o jornal optar por utilizar só um tipo de sincretismo em sua primeira página, corre o risco de se tornar uma leitura desagradável ou uma leitura incompreensível. Por isso, o

circular por entre os diferentes tipos de sincretismo é um modo de atrair novos leitores e conservar os velhos.

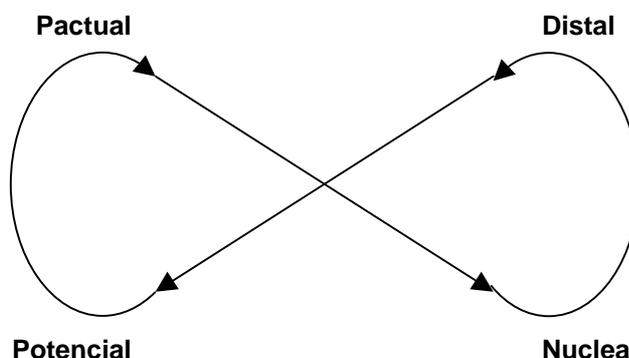


Figura 45 – Quadrado elíptico dos tipos de sincretismo

5.3. O sincretismo no jornal – do todo

Na primeira página, existe uma relação entre as notícias que orienta leitura total da página; um percurso temático para a página. Nesse percurso do olhar, o sincretismo na página do jornal faz com o enunciatário olhe a página inteira, tomando conhecimento, contato com o corpo desse enunciador – no caso do jornal *Agora*, reitera enunciados de estado como manutenção de seu enunciatário, enquanto a *Folha* lança mão de enunciados de transformação – , se aprazendo em ser dotado de um *saber* , se aprazendo em ver e se identificar com uma visualidade já conhecida.

Assim como o sincretismo entre sistema visual e verbal se dá, na expressão da notícia, com uma superposição dos planos do conteúdo, o sincretismo entre notícias também terá a mesma forma de relação. Uma característica muito marcante

será a oposição topológica entre: superior vs inferior; direito vs esquerdo e a oposição semântica entre identidade vs alteridade.

5.3.1. Na *Folha de São Paulo*

Na primeira página (fig. 24) do jornal diário *Folha de São Paulo*, pode-se observar uma oposição topológica superior vs inferior. Na parte superior, fica o nome do jornal que é reiterado na inferior com informações sobre o próprio jornal (editoriais; rodízio, atmosfera etc.).

O gráfico a respeito da corrida presidencial traz a queda do candidato Lula e a ascensão de seu adversário Geraldo Alckmin. Na fotografia central da página, o candidato Geraldo Alckmin está dentro de um helicóptero que foi utilizado por ele para fazer sua campanha presidencial. As duas reportagens são unidas pela oposição de base: queda vs ascensão. Alckmin sobe nas pesquisas enquanto Lula cai. Essa relação é dada em uma verticalidade (de cima para baixo). Na notícia seguinte, há um jovem e senhor observando uma cirurgia ser feita sem gravidade. Tem-se, também, a oposição: baixo vs alto; descer vs subir. O percurso do olhar, nessa primeira página, se dá por meio de uma isotopia que tem como principal componente a oposição: ascensão vs queda.

O cromatismo exerce uma enorme força orientadora para a realização desse percurso do olhar. No caso dessa primeira página, a cor roxa (púrpura) aparece no canto superior esquerdo; no centro da página na cor do helicóptero e no canto inferior direito da página. Isso faz com que o enunciatório percorra com o olhar toda a extensão da página pela diagonal que a atravessa.

O cromatismo da cor preta cria um corredor isotópico que permite o leitor correr o olhar por toda totalidade da página num dinamismo do ir e vir. A oposição de base: vida vs morte aparece na fotografia central e é reiterada na parte inferior do jornal. Na fotografia central, há uma relação entre vertical vs horizontal e englobante vs englobado, nas quais as categorias do plano da expressão englobante e vertical refere-se à categoria vida enquanto englobado e horizontal referem-se à categoria morte. Nesse caso, o sincretismo une a parte superior do jornal com a parte inferior por meio da oposição de base vida vs morte e do tema juntamente com o tema da aglomeração, multidão.

Nessa outra página (fig. 26), observa que uma oposição de base: vitória vs derrota como tema principal dessa primeira página, aparecendo na fotografia central, o jogador Ricardinho que segura a 'taça', figura da vitória. A relação entre esta e outra reportagem sobre o presidente da Venezuela, Hugo Chávez, se dá por meio do tema da vitória e concretizado na figura do presidente da Venezuela com o dedo polegar erigido.

Observa-se que o sincretismo entre notícias também trabalha relacionando os planos do conteúdo. Na primeira página (fig. 27), a oposição de base é estático vs dinâmico. Nas duas principais fotografias dessa primeira página, o cromatismo (cor vermelha) é o reiterado nas duas fotografias, mas por meio do sincretismo distal.

Pode-se observar, nas primeiras páginas analisadas jornal *Folha de São Paulo*, a existência de um percurso temático. Um mesmo tema que percorre toda extensão da página. Às vezes, a relação só é percebida nas oposições de base como: vida vs morte; junto vs separado; sozinho vs acompanhado; paz vs guerra; identidade vs alteridade. Esse periódico promove uma relação entre o inteligível e o

sensível produzindo uma amplificação do sentido que homologa a interação entre o leitor e o jornal.

Inteligível ↔ Sensível
Reconhecimento Apreensão



Tipos de Interação



Figura 46 – Folha de São Paulo – 28 de setembro de 2006

↔ Reiteração do destinador marcando o seu domínio sobre o espaço

↔ Orientação topológica do sentido (sensível ↔ inteligível)

↔ Orientação por oposição semântica: identidade vs alteridade



Figura 47 – Folha de São Paulo – 22 de novembro de 2006



Figura 48 – Folha de São Paulo – 04 de dezembro de 2006



Figura 49 – Folha de São Paulo – 07 de dezembro de 2006



Figura 50 – Folha de São Paulo – 23 de maio de 2007

5.3.2. No *Agora São Paulo*

No periódico *Agora São Paulo*, o sincretismo de notícias é bem menor do que na *Folha de São Paulo*. Isso se dá pelo fato da imagem que o destinador/enunciador constrói de seu destinatário/enunciatário ser de um grupo com um menor universo interpretativo; mais restrito, exigindo que as notícias sejam veiculadas de uma maneira mais fácil de serem compreendidas; assimiladas.

Diferentemente da *Folha de São Paulo*, esse periódico não tem seu nome reiterado na parte inferior da página, mas há uma relação de custo e benefício dada pelo preço do jornal que é apresentado na mesma cor que o seu nome. Assim como o nome do jornal, ele não mantém uma locação fixa, podendo aparecer tanto no topo quanto na parte inferior, nunca acima do nome do jornal.

Por estar direcionado a um destinatário com certas dificuldades interpretativas, observa-se que nesse periódico, o sincretismo – seja ele entre sistemas ou entre notícias – se dá, em sua maioria, por uma relação pactual o que facilita o entendimento do leitor de uma forma mais ágil e rápida.

A relação entre as notícias aparece, principalmente, enfatizada pelo cromatismo e pela focalização. Dessa forma, o enunciatário terá, com apenas uma leitura rápida, a informação como sugere o nome do jornal (*Agora*).

Nas primeiras páginas analisadas, pode-se observar o uso do imperativo e do presente do indicativo, reiterando a aspectualidade pontual do nome do jornal (*Agora*) de e seu posicionamento como enunciador que doa competências a seu enunciatário. O uso do cromatismo nesse periódico se limita a distinguir as notícias sobre esporte (cor azul), as notícias sobre as celebridades (cor bordo) e as notícias sobre o estado, criando diferentes isotopias.



Figura 51 – Agora São Paulo – 28 de setembro de 2006



Figura 52 – Agora São Paulo – 22 de novembro de 2006



Figura 53 – Agora São Paulo – 03 de dezembro de 2006



Figura 54 – Agora São Paulo – 04 de dezembro de 2006



Figura 55 – Agora São Paulo – 07 de dezembro de 2006



Figura 56 – Agora São Paulo – 23 de maio de 2007

- ↔ Relação de valor calcada no custo e benefício
- ↔ Orientação topológica do sentido marcada pela focalização
- ↔ Orientação por oposição semântica: identidade vs alteridade
- ↔ Orientação por tema
- ↔ Orientação isotópica: esporte

Nos exemplos analisados dos dois periódicos, observam-se diferentes formas de interação entre jornal e leitor. No caso da *Folha*, com seu ritmo de leitura mais moderado, próximo ao lento, permite na iteratividade (hábito) e pontualidade do encontro uma relação cursiva e durativa da leitura. Nessa relação, em primeiro momento tem-se uma leitura inteligível (reconhecimento) das notícias veiculadas pela figura social. Num segundo momento, tem-se uma leitura sensível (apreensão) das notícias e do posicionamento do jornal diante do que veicula, do seu ver e sentir o mundo.

Esse jornal projeta a imagem do seu enunciatário como de um leitor com uma capacidade de não apenas ler o que é noticiado – uma vez que seu programa narrativo é de performance por aquisição –, mas também sentir junto com o jornal o mundo que gira ao seu redor; de um leitor que tem tempo hábil para executar a leitura e “repetir ações, precisando-as até conseguir atingir contornos mais estáveis e duradouros. Assim, das atmosferas sensíveis, os formatos de coisas, objetos, figuras, pelas suas qualidades, vão se fixando e ganhando certa cristalização, que os tornam perceptíveis”.⁴⁴

O *Agora*, com seu ritmo mais frenético; em *flashes*, tem em sua iteratividade (hábito) do encontro uma pontualidade de leitura que reitera seu nome. O aspecto durativo e o cursivo da leitura são um pouco apagados pela força que o aspecto

pontual ganha força com o uso de orações no presente do indicativo e pelo uso do imperativo.

A imagem desse enunciatário é de um leitor que não dispõem de um tempo hábil para realizar a leitura e necessita ser orientado em seu agir no mundo. Seus principais desejos estão estampados na primeira página do jornal: dinheiro, futebol e sexo (esse explicitamente alocado na segunda página). Com forma de orientação, o uso das focalizações direciona o olhar para um reconhecimento do que é noticiado. Seu programa narrativo é de competência por doação, no qual é dotado de competência pragmática e cognitiva ('saiba', 'veja', 'leve', 'tenha' etc.).

O enunciatário do *Agora São Paulo* está mais para o lado do inteligível e tem uma certa dificuldade em transitar para o lado do sensível, pois suas necessidades são da ordem do pontual e do pragmático. O enunciatário da *Folha de São Paulo* apresenta uma maior facilidade de trânsito entre os dois lados. Ele também tem necessidades da ordem do pontual e do pragmático. No entanto, necessidades da ordem do sensível, do cursivo e do durativo são bastante comum.

	Agora	vs	Folha
Enunciador	Subjetivo Rude Enunciação desmedida Pontualidade Ritmo desmedido		Objetivo Polido Enunciação moderada Duratividade Ritmo moderado
Enunciatário	Dificuldade para transitar Pontual Competência		Facilidade para transitar Durativo/Cursivo Performance

⁴⁴ LANDOWSKI, E. *Para uma semiótica sensível*. In Revista Educação & Realidade – v. 30, nº 2, jul./dez. de 2005. Porto Alegre: Universidade Federal Do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação – FACED/UFRGS. p.

Conclusão

O homem tenta, desde seus primeiros passos, dominar tudo aquilo que o circunda, nomeando o que encontra, investindo de significados e valores. Disso decorre que analisar os textos que veiculam no mundo real é, de certa forma, compreender como esse ser estritamente social lança mão de relações entre diferentes sistemas para *fazer-ser*, *fazer-criar*, *fazer-saber* e *fazer-ver*, atuando sobre seus interlocutores por meio de simulacros, criando contratos de fidúcia que reforçarão suas estratégias enunciativas e argumentativas.

Ao ler os jornais, tem-se a impressão de que a primeira página, que deveria comportar a imparcialidade e a veracidade dos fatos como fundamento para o discurso, comporta, de acordo com o ponto de vista da análise semiótica um discurso subjetivo, projetando os anseios de um actante coletivo, isto é, a opinião de um grupo social: a empresa jornalística. Esta empresa jornalística revela a heterogeneidade constitutiva desse tipo de discurso: a voz do jornalismo e a voz da empresa.

Nesse campo, o jornalista lançará mão de estratégias enunciativas e argumentativas, as quais propiciarão regimes de interação, no entanto, tais

estratégias, que vão desde a escolha apropriada de um título à disposição que o texto assume na página, visam apenas projetar o efeito de sentido de objetividade da opinião dessa figura social. O que está por trás desse discurso é a opinião e o posicionamento do jornal que busca, na construção de seus textos, fazer com que seus leitores compartilhem dessa mesma opinião. O discurso jornalístico revela os anseios psicossociais de um determinado grupo social. Dessa forma, criam-se simulacros que estão diretamente ligados às expectativas de seus leitores. Isso gera particularidades e delimita um discurso voltado para um certo tipo de enunciatários: público alvo do jornal, promovendo, assim, uma segmentação de público.

A partir do momento em que o jornal se posiciona socialmente como uma empresa jornalística adquire uma individualidade discursiva dentre as vozes que ecoam no mercado da mídia impressa. Essa individualidade traz em seu âmago uma carga axiológica (valores) muito forte.

Os jornais apresentam um efeito de sentido que levam a *fazer-criar* que são porta-vozes das reivindicações da sociedade. Entretanto a opinião que emerge é a do próprio grupo empresarial jornalístico, uma voz particular dentro da sociedade. Cada jornal tem seu público alvo e manterá uma relação de proximidade com ele, jamais utilizará termos que julgue fora da competência de seus leitores, pois corre o risco de que esses leitores migrem para outros jornais. Ele se assume como figura social (empresa) e como meio de comunicação e revela a construção sógnica de seu texto refletindo e refratando o valor axiológico.

A análise do texto jornalístico permite observar que a relação existente entre sujeitos da comunicação (enunciador e enunciatário) é estabelecida por meio de um contrato fiduciário, já que o jornal é visto com um relator imparcial da verdade e dos fatos. No entanto, esse contrato é a base para uma manipulação discursiva; o jornal

utilizará estratégias discursivas para convencer ou persuadir seu leitor, exercendo, assim, influência em seu agir na sociedade.

Observa-se que o discurso jornalístico é construído em função de relações que apresentam valores políticos, culturais e sociais. Todos estão diretamente ligados às formações discursivas, que por sua vez, mostram um conjunto de temas e figuras responsáveis pela materialização de uma dada visão de mundo. No discurso jornalístico são utilizadas inúmeras estratégias enunciativas e, com as quais o enunciador exporá seus valores e tentará persuadir o enunciatário.

Os periódicos que circulam pela cidade, muito mais do que serem apenas um *bricoleur*, são organizados para serem uma edição imagética diante de nossos olhares e, por esse modo de presença, desencadear efeitos de sentidos de diferentes ordens. O destinador-enunciador é o responsável pelos valores que são apresentados no texto, sendo capaz de conduzir o destinatário-enunciatário a um 'crer' e a um 'fazer', desencadeando tanto uma ação cognitiva quanto uma pragmática. O *fazer-crer* do enunciador e o *crer* do enunciatário depende, exclusivamente, do contrato de veridicção. Para promover uma maior força contratual para com o enunciatário, o enunciador usa de recursos visuais e textuais. O uso do sincretismo de sistemas é um deles, que possibilita a coalescência de mais de um sentido, tornando o ler o jornal uma experiência sensível.

O sincretismo de sistemas exerce um papel fundamental nas estratégias enunciativas e argumentativas que são assumidas por um enunciador, pois, em seu arranjo, é possível que os enunciatários sejam levados a determinados modos de ser e estar no mundo. Dessa forma, o uso de diferentes sistemas articulados é uma forma de promover um agir sobre o outro (fazer-fazer) e um agir junto (fazer-sentir).

Por exigir de seus enunciatários competências da ordem das modalidades (fazer e ser) e das modulações (sentir), o sincretismo se apresenta como uma forma de adequação do jornal à segmentação de seu público. Se os enunciatários de um determinado jornal possuir um universo interpretativo mais restrito, o tipo de sincretismo que aparecerá em suas páginas permitirá uma maior facilidade de assimilação, compreensão: um tipo superficial de reconhecimento (nível do inteligível) e de apreensão: um sentir junto, um sentido de pensamento em grupo (nível do sensível). Dessa forma, se criará uma visualidade por meio do arranjo dos sistemas que se articulam engendrando uma identidade para o jornal e de seu posicionar-se em relação aos demais integrantes da mídia impressa. Nessa eterna luta, o jornal, pela sua visualidade, direciona e orienta o olhar de seu destinatário para, por meios de procedimentos de manipulação e de ajustamento, esse se adentre naquele, fazendo olhar, ler, ver, sentir, reconhecer, apreender esse outro sujeito que se apresenta.

A utilização de diferentes sistemas para comporem uma só enunciação é um recurso muito eficaz para que os jornais construam formas de ver, saber e sentir o mundo, criando uma imagem de inserção (comprometimento/imparcialidade) nas manifestações de suas opiniões, provocando interações entre a opinião da sociedade e a do próprio jornal. A compreensão de como o sentido de um texto é formulado, desde seu nível mais abstrato até sua materialização, torna mais fácil entender como esse sentido será veiculado em um meio de comunicação de massa e como estratégias discursivas são utilizadas para conseguir a adesão do enunciatário, marcando tipos de interação.

O sincretismo de sistemas na primeira página do jornal recebe sobredeterminações das coerções axiológicas e semânticas sustentadas por

relações sintáticas. Temas, figuras, valores – que se cruzam em ambos sistemas – engendram aquilo que será chamado de visão de mundo de uma dada sociedade e que impregna irremediavelmente qualquer tipo de discurso. Ele é capaz de impulsionar o enunciatário a determinados *fazer, querer, saber e sentir*.

Referências

- AGUILAR, Gabriel Hernández (org.). *Figuras y estrategias – en torno a una semiótica de lo visual*. Siglo Veintiuno Editores S.A. de C.V. em coedición com la Benemérita Universidad Autónoma de Puebla. 1994.
- ALBERT, Pierre & TERROU, Fernand. *História da imprensa*. Tradução de Edison Darci Heldt, São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- BAHIA, Juares. *Jornalismo, informação, comunicação*. São Paulo: Martins, 1971.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 10ª ed. São Paulo: Hucitec – Annablume, 2002.
- _____. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução de Paulo Bezerra. 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria do discurso – fundamentos semióticos*. 1ª ed. São Paulo: Atual, 1988.
- _____. *Teoria semiótica do texto*. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1997.
- _____. & FIORIN, José Luiz (orgs.). *Dialogismo, polifonia, intertextualidade*. 2ª ed. São Paulo: EDUSP, 2003.

- BARTHES, Roland. *A aula*. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. 11ª ed. São Paulo: Cultrix, 2004.
- _____. *Elementos de semiologia*. 15ª ed. São Paulo: Cultrix, 2007.
- _____. *O óbvio e o obtuso – ensaios críticos III*. Tradução de Léa Novaes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- _____. *Mitologias*. 10ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- BENVENISTE, Èmile. *Problemas de lingüística geral I*. Tradução de Maria da Glória Novak *et alii*. 5ª ed. São Paulo: Pontes Editores, 2005.
- BRAIT, Beth. (org.). *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. Ed. Unicamp, s/d.
- CHABROL, Claude. *Semiótica narrativa e textual*. Tradução de Leyla Perrone Moisés *et alii*. São Paulo: Cultrix, 1977.
- DISCINI, Norma. *O estilo nos textos – história em quadrinhos, mídia, literatura*. São Paulo: Contexto, 2003.
- FIORIN, José Luiz. *As astúcias da enunciação – as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Ática, Ensaios, 1996.
- _____. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2001.
- _____. (org.). *Introdução à lingüística*. São Paulo: Contexto, 2002.
- _____. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática, 1995.
- _____. *O regime de 1964 – discurso e ideologia*. São Paulo: Atual, 1988.
- FLOCH, Jean-Marie. *Alguns conceitos fundamentais em semiótica geral*. Tradução de Analice Dutra Pilar. *In: Documentos de Estudos do Centro de Pesquisas Sociosemióticas – 1*. São Paulo: Edições CPS, 2001.
- _____. *Petites mythologies de l'oeil et de l'esprit – pour une sémiotique plastique*. Paris: Hadés – Benjamins, 1985.

- _____. *Semiótica, marketing y communication – bajos los signos, las estrategias*. Tradução para o espanhol de Maria del Rosario Lacalle y Maria Francisca Fernández. Barcelona, Buenos Aires e México: Ediciones Paidós Ibérica S. A. 1993.
- _____. *Semiótica plástica e linguagem publicitária*. Tradução de Jose Luiz Fiorin. *In: Revista Significação – 6*. São Paulo: UNESP, 1987.
- GALÁXIA. Revista interdisciplinar de comunicação, semiótica, cultura – Programa Pós-graduados em Comunicação e Semiótica da PUC-SP. São Paulo: EDUC; Brasília: CNPq. nº 08 – outubro de 2004.
- GREIMAS, Algirdas Julien. *Da imperfeição*. Prefácio e tradução de Ana Claudia de Oliveira; apresentação de Paolo Fabbri, Raúl Dorra, Eric Landowski. São Paulo: Hacker Editores, 2002.
- _____. *Du sens II - essais sémiotiques*. Paris: Seuil, 1983.
- _____. *Introdução à semiótica narrativa e discursiva*. Librairie Hachete, 1979.
- _____. *Semântica estrutural*. São Paulo: Cultrix, 1966.
- _____. *Semiótica do discurso científico – da modalidade*. Tradução de Cidmar Teodoro Pais. São Paulo: DIFEL – Difusão Editorial S.A. e Sociedade Brasileira de Professores de Lingüística, 1976.
- _____. *Semiótica e ciências sociais*. Tradução de Álvaro Lorencini *et alii*. São Paulo: Cultrix, 1976.
- _____. *Sobre o sentido – ensaios semióticos*. Tradução de Ana Cristina Cruz Cezar *et alii*. Petrópolis: Vozes, 1975.
- _____. & COURTÉS, Joseph. *Dicionário de semiótica*. Tradução de Alceu Dias Lima *et alii*. 9ª ed. São Paulo: Cultrix, 1989.

_____. & FONTANILLE, Jacques. *Semiótica das paixões – dos estados de coisas aos estados de alma*. São Paulo: Ática, 1993. Série Temas, volume 33.

_____. & LANDOWSKI, Eric. *Análise do discurso em ciências sociais*. Tradução de Cidmar Teodoro Pais. São Paulo: Global, 1986.

GT COMPÓS – *Produção de sentido nas mídias – caderno de textos* – XV Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, UNESP: FAAC – Bauru – São Paulo, 06 a 09 de junho de 2006.

HERNANDES, Nilton. *A mídia e seus truques: o que o jornal, revista, TV, rádio e Internet fazem para captar e manter a atenção do público*. São Paulo: Contexto, 2006.

HJELMSLEV, Louis Trølle. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico da língua portuguesa, versão 1.0 dezembro de 2001*. Instituto Antônio Houaiss, São Paulo: Editora Objetiva Ltda. 2001.

KRIEGER, Maria da Graça. *Um sincretismo de vozes: a retórica dos editoriais jornalísticos brasileiros* In: Revista Cruzeiro Semiótico. Porto: Associação Portuguesa de Semiótica. Janeiro de 1992, p. 79-89.

LANDOWSKI, Eric. *A sociedade refletida: ensaios de sociosemiótica*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: EDUC/Pontes, 1992.

_____. *Aquém ou além das estratégias – a presença contagiosa*. Tradução de Dílson Ferreira Cruz Júnior. In: Documentos de Estudos do Centro de Pesquisas Sociosemióticas – 3. São Paulo: Edições CPS, 2005.

- _____. *Presenças do outro – ensaios de sociossemiótica*. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- _____. & FIORIN, José Luiz (eds.). *O gosto da gente, o gosto das coisas – abordagem semiótica*. São Paulo: EDUC, 1997.
- _____. & DORRA, Raúl & OLIVEIRA, Ana Claudia de (eds.). *Semiótica, estesis, estética*. São Paulo: EDUC e Puebla: UAP, 1999.
- LOPES, Ivan Carlos & HERNANDES, Nilton. (orgs.) *Semiótica – objetos e práticas*, São Paulo: Contexto, 2005.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. Tradução de Cecília P. de Souza e Silva et alii. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2004.
- MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.
- MARTINS, Nilza. *Introdução à Estilística – a expressividade na Língua Portuguesa*. São Paulo: T. A. Queiroz s/d.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*, São Paulo: Martins Fontes.
- _____. *O visível e o invisível*, 4ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- OLIVEIRA, Ana Claudia de & LANDOWSKI, Eric (eds.). *Do inteligível ao sensível – em torno da obra de Algirdas Julien Greimas*. São Paulo: EDUC, 1995.
- _____. (org.). *Semiótica plástica*. São Paulo: Hacker Editores, 2004.
- _____. *Vitrinas – acidentes estéticos na cotidianidade*. São Paulo: EDUC, 1997.
- OS PENSADORES. *Textos selecionados de Ferdinand de Saussure, Roman Jakobson, Louis Trølle Hjelmslev, Noam Chomsky*. Traduções de Carlos Vogt, Joaquim Mattoso Câmara et alii. 2ª ed. São Paulo: Cultural, 1978.

PIETROFORTE, Antonio Vicente Seraphim. *Semiótica visual – os percursos do olhar*, São Paulo: Contexto, 2004.

_____. *Análise do texto visual – a construção da imagem*. São Paulo: Contexto, 2007.

Revista ANPOLL – Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Linguística. São Paulo: UNICAMP – nº 21, julho – dezembro de 2006.

Revista EDUCAÇÃO & REALIDADE. *Dossiê arte e educação – arte, criação e aprendizagem* – volume 30, nº 2. Porto Alegre: Faculdade de Educação e Universidade Federal do Rio Grande do Sul – FAGED/UFRGS, jul./dez. de 2005.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. 11ª ed. São Paulo: Cultrix, s/d.

SOARES, A. *Moderníssimo dicionário brasileiro*. São Paulo: Angelotti, s/d.

Periódicos

AGORA SÃO PAULO. São Paulo, 28 de setembro de 2006.

_____. São Paulo, 22 de novembro de 2006.

_____. São Paulo, 03 de dezembro de 2006.

_____. São Paulo, 04 de dezembro de 2006.

_____. São Paulo, 07 de dezembro de 2006.

_____. São Paulo. 23 de maio de 2006.

FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo, 28 de setembro de 2006.

_____. São Paulo, 22 de novembro de 2006.

_____. São Paulo, 03 de dezembro de 2006.

_____. São Paulo, 04 de dezembro de 2006.

_____. São Paulo, 07 de dezembro de 2006.

_____. São Paulo, 23 de maio de 2006.

Sites

DANTON, Gian. *A teoria do jornalismo e a seleção de notícias*. Disponível em:

<<http://www.digestivocultural.com/colunistas/coluna.asp?codigo=893>>.

Acesso em 28 de setembro de 2003 às 21: 15h.

FOLHA de São Paulo. Disponível em: <<http://www1.folha.oul.com.br/folha/circulo/>

historia_folha.htm>. Acesso em 28 d setembro de 2007 às 21: 38h.

HISTÓRIA da fotografia. Canais; cultura; arte; fotografia. Disponível em:

<<http://www.ciberamerica.org/Ciberamerica/Portugues/Areas/cultura/artes/fotografia/inicio.htm>>. Acesso em 20 de maio de 2007 às 18: 45h.

HISTÓRIA da fotografia. Disponível em: <<http://www.fotoreal.com.br/interna.asp?id>

Cliente=29&acao=materia&id=336>. Acesso em 21 de maio de 2007 às 22: 50h.

HISTÓRIA do jornal. Disponível em: <<http://www.anj.org.br/files/Arquivos/historiadoo>

jornal.pdf>. Acesso em 20 de maio de 2007 às 19: 05h.

MEDITSCH, Eduardo. *Gêneros de discurso, conhecimento, intersubjetividade,*

argumentação: ferramentas para uma aproximação à fisiologia normal do

jornalismo. Comunicação ao Compós 2001 - GT Estudos de Jornalismo.

Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/gtjornalismocompos/doc2001/meditsch2001.rtf>>. Acesso em 28 de setembro de 2007 às 21: 27h.

PAIO, Mariana Camata; OLIVEIRA, Adriana Rodrigues; CASTRO, Josineide da Rocha & GUEDES, Maycon Victor L. *A influência da fotografia na publicidade e no jornalismo*. Centro Universitário Luterano de Ji-Paraná – Ceulji/Ulbra. Disponível em: <<http://www.revista.ulbrajp.edu.br/seer/inicia/ojs/include/getdoc.php?id=325&article=110&mode=pdf>>. Acesso em 20 de maio de 2007 às 18: 40h.

PERUZZOLO, Adair Caetano. *Valor da Informação Fotojornalística em ZH*. Curso de Comunicação Social Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. Disponível em: <<http://reposcom.portcom.intercom.org.br/dspace/bitstream/1904/18384/1/R0156-1.pdf>>. Acesso em 20 de maio de 2007 às 18: 59h.

VELOSO, Maria do Socorro F. *Novos produtos em jornalismo popular no Brasil*. Disponível em: <http://www.iscafaculdades.com.br/nucom/artigo_7htm>. Acesso em 28 de setembro de 2007 às 21: 45h.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)